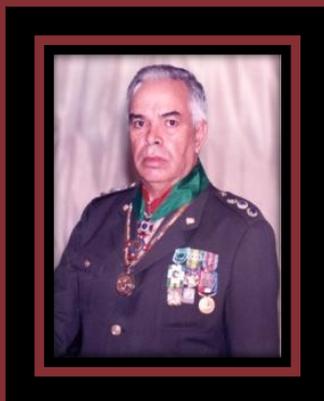


**MEUS ARTIGOS PUBLICADOS NO INFORMATIVO O TUIUTI
DA AHIMTB-RS SUBORDINADA A FAHIMTB**



Veterano Cel Eng e EM Claudio Moreira Bento



Pintura da Batalha de Tuiuti de 24 Maio de 1886 pelo Tenente Argentino Cândido Lopes que foi levado a Guerra pelo Presidente da Argentina .Batalha que deu origem ao nome do Informativo o Tuiuti da AHIMTB-Rio Grande Sul

Editor:

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS E Vice-Presidente do IHTRGS e Presidente da Academia General Rinaldo Pereira da Câmara
lecaminha@gmail.com**

Livro Digital

Capa com fundo as cores do Exército Brasileiro e formatação por Camilla Karem Renê com a orientação do autor.

SUMÁRIO

Nº1 – Setembro 2011

Oração da AHIMTB p. 3

Palavra de Abertura p.3

Canção da FAHIMTB p.5

Resumo Histórico IHTRGS p.6

Nº7 - Janeiro 2012

Piratini – um sagrado símbolo gaúcho farrapo p.10

Origens da cidade de Piratini, a primeira capital farrapa p.10

A instalação da Vila de Piratini p.12

A Câmara de Piratini – a constituinte da República Rio Grandense p.12

Reflexão p.15

Nº 9 - Abril 2012

O 364º Aniversário da 1ª Batalha dos Guararapes p.17

Trecho de discurso do General Mascarenhas de Moraes nos Guararapes p.20

Luiz Câmara Cascudo na Revista do Arquivo Público de Pernambuco p.20

Homenagem da FAHIMTB ao Barão do Rio Branco no centenário de seu falecimento p.21

Conteúdo obras do Barão do Rio Branco na FAHIMTB p.24

Osório Santana e Rio Branco p.29

Nº 18 - Junho 2012

Heroínas negras e mulatas do RGS na Guerra p.29

Nº 20 - Junho 2012

O 80º Aniversário da Revolução de 1932 p.30

A Revolução de 1924 p.34

Os batalhões estrangeiros mercenários p.36

Nº 24 - Agosto de 2012

O Marechal João de Souza Fonseca Costa (1823-1902) – o herdeiro da Espada de Campanha do Duque de Caxias p.41

Nº 46 - Março de 2011

Marechal Setembrino de Carvalho – o pacificador da Revolta do Contestado – Perfil Militar p.43

Nº 50 - Abril de 2013

Conclusão da instalação da FAHIMTB na AMAN p.55

Nº 51 Abril de 2013

210 anos do nascimento de Caxias - Revista Ocidente da Escola de Guerra de Porto Alegre p.57

Nº 52 - Abril de 2013

General **Tellino Chagasteles**– ex-Diretor da GBOEx 1949-1969 p.58

210 anos do nascimento de Caxias p.60

Nº 54 – O uso militar de jangadas no Brasil

Você sabe o que significa Vitória de Pirro p.66

Nº 55 - Gen Bda José Osório

Arquivo Histórico do Exército – História p.67

Nº 56 - Maio de 2013

A 8ª Cia do 4º Batalhão de Fuzileiros em Canguçu (1845-46) sob o comando do Capitão Antônio Sampaio p.68

Nº 57 - Maio de 2013

Palestra na AMAN do Cel Roberto Mascarenhas de Moraes sobre a FEB
O cinquentenário de pesquisa na ECEME do Combatente brasileiro na Itália p.71

Nº 65 - Maio de 2013

A Guerra do Paraguai – um laboratório de Doutrina Militar pouco explorado **p.73**
 Revista Occidente da Escola de Guerra de Porto Alegre – conteúdos **p.82**
 Batalha de Tuiuti – descrição e análise militar crítica **p.85**

Nº 01 - Setembro Ano 2011 - Cel Cláudio Moreira Bento

primeira vez em público a Canção da FAHIMTB, pelo Coral do Colégio. Outros eventos foram realizados, como a posse, como Membro-Efetivo, do General Luiz Carlos Rodrigues Padilha, ex-Cmt do CMPA, pré- lançamento do livro “O Duque de Caxias Dia a Dia”, de autoria do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, uma exposição de miniaturas do artista Dr. Flávio Camargo, também acadêmico, e um coquetel.

O público chegou a 80 pessoas aproximadamente. As alocações do empossado, Cel De Souza, e do paraninfo, Cel Caminha, estiveram dentro dos padrões da FAHIMTB e prenderam a atenção do público presente.

A mesa principal foi formada pelo Gen Padilha (presidente de Honra da cerimônia) Cel Bento (presidente da FAHIMTB e da cerimônia), Cel De Souza (Cmt do CMPA) Cel Fontoura (Chefe da 1ª DL), Cel Vianna (Chefe do EM/3ª RM), Dr. Sandro (ex-Presidente do Tribunal de Contas do Estado) e Cel Floriano (Presidente da Liga da Defesa Nacional).

Destacou-se a presença do Presidente da FAHIMTB, o Cel Cláudio Moreira Bento, que, usando da palavra, abordou diversos temas, entre os quais a nova estrutura, que vem substituir a AHIMTB, e também os 25 anos do IHTRGS.

Oração da FAHIMTB

Pedimos a Deus que nos dê: - sabedoria; - coragem moral; - vontade cultural; - força; - garra; e - determinação patriótica, para descobrirmos e fazermos com que a verdade e as melhores lições triunfem sobre as deturpações da história. Tudo para a maior glória e desenvolvimento das forças terrestres do Brasil, no exercício das suas missões constitucionais.

(Enunciada pelo Sub Ten Evilácio Barbosa Saldanha, poeta, acadêmico da FAHIMTB)

Palavras de Abertura do Presidente da FAHIMTB

Há 41 anos, quando iniciamos nossa atividade como historiador militar crítico, escrevemos nosso primeiro livro: **As batalhas dos Guararapes - análise e descrição militar**, atendendo à missão recebida de nosso comandante no atual Comando Militar do Nordeste, o porto alegreense Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca. Comandante ilustre, que nos deu a missão, sem prejuízo de nossas funções na Secção de Planejamento de seu Estado-Maior, de coordenar o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, atendendo ao desejo do Presidente Emílio Garrastazú Médici, ex-aluno do Casarão da Várzea, notável ex-comandante da AMAN em período crítico de sua história e o idealizador do Parque Osório em Tramandaí, RS.

Aplicamos às fontes primárias sobre as batalhas dos Guararapes, os fundamentos de Arte e Ciência Militar aprendidos na ECEME. E daí resultou nosso primeiro livro lançado no Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em sua inauguração, em 19 de abril de 1971 data, desde 1994, consagrada como o Dia do Exército, por Decreto Presidencial do Presidente Itamar Franco, ex-oficial R/2.

E desde então prosseguimos como historiador militar terrestre crítico, tirando da rica história militar terrestre descritiva do Brasil, subsídios de Arte e Ciência Militar brasileiras, com vistas a subsidiar a instrução dos quadros do Exército e a nacionalização progressiva da Doutrina Militar Terrestre Brasileira, como a sonhou e praticou, em caráter pioneiro o Duque de Caxias, em 1861, como Ministro da Guerra e Chefe do Governo do Brasil.

Há 15 anos fundamos em Resende a Academia de História Militar Terrestre do Brasil para colaborar com o Exército nesta tarefa relevante, relacionada como o sonho de Caxias, de nacionalização de nossa Doutrina Militar. E foram expressivas as suas realizações.

Hoje, no limiar dos meus 80 anos, visualizando o futuro da AHIMTB, achamos prudente salvar os seus estratégicos objetivos, para que eles não fossem perdidos, bem como o valioso acervo da AHIMTB. Este, hoje, em segurança em repartição da AMAN ao lado de seu Clube de História.

E foi com o apoio do comandante da AMAN, o acadêmico Gen Div Edson Leal Pujol, e com a finalidade de dar continuidade à AHIMTB, que foi criada, em 23 de abril de 2011, no Bicentenário da AMAN, a Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com quatro AHIMTB filiadas, presididas por acadêmicos que se revelaram dispostos a dar continuidade. A do Distrito Federal AHIMTB/DF - Academia Marechal José Pessoa, presidida pelo Gen Div Arnaldo Serafim. A AHIMTB/Rio Grande do Sul - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, presidida pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. A AHIMTB/Rio de Janeiro - Academia Marechal João Batista de Matos, presidida pelo Ten R/2 Art Israel Blajberg e a AHIMTB/Resende-Academia Marechal Mário Travassos, sob nossa Presidência, tendo como vice-presidente o Cel Carlos Roberto Peres, morador em Resende e com expressiva atuação como historiador militar na coordenação das obras institucionais comemorativas do Centenário da Escola de Estado-Maior do Exército (ECEME) e do Bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras.

E nesta sessão, que espero histórica e marcante, anunciamos a criação aqui no Salão Brasil do CMPA a AHIMTB/Rio Grande do Sul, Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, presidida pelo dedicado acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Para preservar a AHIMTB e seus ideais transferimos nosso acervo pessoal e o da AHIMTB para instalações seguras no interior da AMAN, por proposta feita ao Gen Pujol e por ele aceita. Idéia apoiada pelo nosso atual comandante, o Gen Arruda e também pelo Acadêmico Cel Cláudio Alfredo Duarte Dorneles, Chefe da Divisão de Ensino e coordenador da FAHIMTB e AHIMTB/RESENDE. Assim procuramos deixar nosso acervo e o da AHIMTB em Segurança na AMAN, para que outros o explorem.

Mas pretendo continuar nesta na luta, ate que minha saúde o permita, em prol da História Militar Terrestre Critica do Exército, convicto de que a nacionalização progressiva da Doutrina Militar Terrestre do Brasil passa pelo estudo militar crítico da História Militar Terrestre do Brasil.

E motivado com realizações de outros octogenários ilustres que não dispunham dos recursos da Medicina como hoje, cujos nomes, que registro a seguir, colhi num arquivo na Internet, de valorização da capacidade intelectual de homens com mais de 80 anos: Goethe - que escreveu Fausto aos 82 anos; Ticiano - que pintou obras notáveis aos 98 anos; Toscanini - que regeu orquestra aos 97 anos; Tomas Edison - que trabalhava em seu laboratório aos 83 anos; Benjamim Franklin que contribuiu com o Projeto de Constituição aos 81 anos. E

outros ilustres octogenários brasileiros que permanecem na luta como o grande arquiteto brasileiro Oscar Niemayer produzindo obras notáveis.

Instalada a FAHIMTB e a AHIMTB/Resende - Academia Marechal Mário Travassos, e anunciadas as demais AHIMTB, sinto uma sensação de realização como numa corrida de revezamento, de haver transferido o bastão para que outros dêem continuidade a esta tarefa tão relevante para o futuro do nosso Exército, o de possuir sua Doutrina Militar genuína, como a sonhou Caxias, combinada com o que de melhor existir em doutrinas militares de outros países. E assim um país cujo bordão em vigor é “Pais rico e pais sem pobreza”! Bordão com apoio nas lições aprendidas na História Mundial ao qual poderia acrescentar como historiador militar há 41 anos:

PAIS RICO É PAÍS SEM POBREZA E MILITARMENTE SEGURO!

Votos de que a FAHIMTB e AHIMTB filiadas consigam conquistar seus objetivos com o indispensável apoio de seus presidentes de Honra que exercem funções importantes no comando do Exército, comandos militares de áreas Exército e de instituições voltadas para o Ensino no Exército Brasileiro.

CANÇÃO DA FAHIMTB - Apresentada pela primeira vez em cerimônia oficial
Letra do ST Acadêmico Evilácio Saldanha e Música do Sgt José Alves de Souza

**Na cidade dos Cadetes,
Resende maravilhosa,
nasceu - altiva e gloriosa,
nossa nobre Academia.
Com traços de nostalgia
dos eminentes soldados,
intelectuais fardados
que a história reverencia!**

**Salve nossa Academia,
salve a História Militar da terra
que sabe amar os soldados de Caxias.
Patrimônio cultural sem vaidade,
onde civismo e lealdade
são valores essenciais.**

**Com legendários rituais,
mente aberta e progressiva,
um manancial verde-oliva
dos que querem saber mais!**

ESTRIBILHO

**Acadêmicos ilustres,
Patronos exponenciais,
confraria de imortais
num conviver salutar.
Cada livro a publicar
neste santuário de bravos,
para o Poeta dos Escravos
“É chuva - que faz o mar”.**

RESUMO HISTÓRICO DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RGS (IHTRGS - 1986/2011) NOS SEUS 25 ANOS

Em 10 Set 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45) no Campo do Menezes e que se projeta na Proclamação da República Brasileira em 15 de novembro de 1889, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, o **Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS)**.

Instituição destinada a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial encadernado, guardado pela Presidência à rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-Rio de Janeiro, CEP 27.580-000, e-mail bento1931@gmail.com.

Volume sob o título **IHTRGS-Histórico, Organização e Fundação-1986**, com índice, tendo 311 páginas, onde constam os nomes dos membros de diversas categorias diplomados na sua Fundação, como também dados dos sócios fundadores, com os respectivos votos para a eleição da Diretoria. Votos que foram apurados por comissão integrada pelos presidentes do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Os Estatutos foram registrados no Tabelionato de Canguçu pelo seu titular, José Moreira Bento e pela escritã Carla Bento Bosenbecker. O presidente transferiu para o 2ª Presidente Cel Caminha e preserva na sede do IHTRGS no Casarão da Várzea, toda a documentação produzida nos diversos encontros. Com o ex- 2º Presidente do IHTRGS, Osório Santana Figueiredo, em seu endereço: Caixa Postal 91, São Gabriel, RS, CEP 97.300-000, que atuou como secretário e coordenador, estão todas as atas dos diversos encontros.

Como sócios efetivos fundadores figuraram: o Cel BMRS Alberto R. Rodrigues, o Major Ex Ângelo Pires Moreira (coordenador), Arnaldo Luiz Cassol, Clayr L. Rochefort, Cel Ex Cláudio Moreira Bento (presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donell, Gastão Abbot (falecido), Cel BMRS Hélio Moro Mariante (vice-presidente), Ivo Caggiani (falecido), Gen Jonas Correia Neto, Cel BMRS José Luiz Silveira (falecido), Júlio Petersen (falecido) Manoel A. Rodrigues (falecido), Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho (falecida) Gen Morivalde Calvet Fagundes (falecido), Mozart Pereira Soares, Osório Santana Figueiredo (secretário), Pérciles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido) e Telmo Lauro Müller.

Foram eleitos conselheiros: Arthur Ferreira Filho, Conselheiro de História; Dante de Laytano, Conselheiro de História e Luiz Carlos Barbosa Lessa, Conselheiro de Tradições gaúchas substituído, com o seu falecimento, por Armando Ecíquo Peres.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS, registradas em seus Anais, mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural gaúcho, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e deslocamentos do IHTRGS até os locais cenários de fastos históricos, para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na **Escola Técnica Federal**, coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, através de Clayr Lobo Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, elaborada pelo presidente do IHTRGS.

Em 08Abr1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no **Clube União**

Caçapavano, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Fossa (já falecido), de Encruzilhada do Sul.

Em 13 Set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da **União Gaúcha Simões Lopes Neto**, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre**, sob a coordenação do sócio Jonas Correa Neto, na época comandante da 6ª DE.

Em 30Abr1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa - o combate do Rio Pardo - quando foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no **Clube Literário Recreativo de Rio Pardo**.

Em 10 Set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na **Casa de Cultura**, tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20 Set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação, três dias após, da **Academia Canguçuense de História**. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio-Grandense em Piratini, em 06 Nov1986 e que mereceu do **Diário Popular** memorização condigna do fato histórico, através de artigo do presidente.

Em 10 Jul 1989 ocorreu o encontro de São Borja, no **Teatro do Regimento João Manoel**, tendo como tema central a comemoração a resistência à invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita do presidente às ruínas de São Miguel.

Em 15 Set 1990 e 28 Set 1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na **Associação Alcides Maya**, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS, e com apoio cultural e logístico do Dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14 Set 1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no **Plenarinho da Casa de Cultura** José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25Set1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na **Associação Comercial e Industrial**, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Leites Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes**, da lavra do presidente. Foram diplomados como efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jaques Trindade e Blau Souza.

Em 07 Abr 1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reunia diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária **Sociedade Sul-Riograndense**, lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias, Edson Otto, Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira. Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, os sócios P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum.

Dia 10 Set 1996, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, em parceria com a

Sociedade Sul Rio-Grandense, e seu **CTG Desgarrados do Pago** e mais o **Galpão da Saudade da Academia Militar das Agulhas Negras**, para memorar o seu 10º aniversário e suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da **República Rio-Grandense**, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de haver bem cumprido.

Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no **Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre**, onde foi reverenciada a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Aparício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanos Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, José Conrado de Souza (falecido), Cel Leonardo Roberto de Araújo e Ten Cel Cláudio Belém de Oliveira.

Em 24Jul99, na cidade de Alegrete, em encontro presidido pelo 2º presidente, Osório Santana Figueiredo, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires Machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fanti.

Em 15Abr2000, na reunião de Rosário do Sul, presidida por Osório Santana Figueiredo foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e a Maria Almir Souto Nascimento.

Nestes 25 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do **IHTRGS** faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do R. G. do Sul, como ficará a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe!

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o **IHTRGS** teve de parte do jornal **Diário Popular** de Pelotas, de **A Platéia** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e do **Tradição**, que era editado pelo sócio efetivo Edson Otto que o tornou órgão de divulgação oficial do **IHTRGS**, do **MTG** e da **CBTG**.

Em **História** ou **Estória**, publicado em **Tradição**, em maio de 96 (ano da consciência tradicionalista) o Presidente do **IHTRGS** abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura, de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá **HISTÓRIA** e não **ESTÓRIA** do Rio Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das **TRADIÇÕES GAÚCHAS**? Eis a pergunta

que o IHTRGS deixará no ar no seu 25º ano de atividades? Preza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor, para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas, mais consensos sobre soluções a implementar! E que não se repita o que ocorria em 1904, segundo J. Simões Lopes Neto em sua histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica e sobre o ensino de História do Brasil:

“Esse estudo não é somente descuidado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua consequência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias. Todo o ensino tem um fim; o da História do Brasil é dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil”.

Mas o que se tem assistido nos programas como A Ferro e Fogo, levados ao ar pela RBS, são versões desanimadoras, como manipulações da História do Rio Grande do Sul que ao invés de usarem a História como “a mestra das mestras, a mestra da vida” a fazem de “Maestra da calúnia e da mentira”, segundo definiu o falecido historiador Luís Flodoardo Silva Pinto, membro do IHTRGS. E mais, não dão oportunidade ao contraditório, somente a monólogos. É fundamental uma mudança neste sentido para caracterizar de fato a Liberdade de Imprensa, como uma rua de duas mãos que contemple o Direito de resposta e o Contraditório. Do contrário teremos a Liberdade de Empresa, um abuso conjunto do Poder Político, ou a opressão social e do Poder Econômico ou ainda a exploração social, que não podem prosperar num regime democrático, que não violente direitos das minorias, e que devem ser incluídas progressivamente e fraternalmente na Sociedade Brasileira.

A partir de 2005 diversos novos membros foram admitidos no IHTRGS. Foram os seguintes: Dr. Aécio César Beltrão (Médico), Dr. César Pires Machado (Agrônomo), Cel Mauro da Costa Rodrigues, Cel Edmir Mármora Júnior, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares, Dr. Florisbal de Souza Del’Olmo (Dentista), Dr. Frederico Euclides Aranha (Advogado), Cel Geraldo Lauro Marques, Dr. Jorge Babot Miranda (Economista), Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Bacharel em História Srta. Katy de Siqueira, Dr. Agamenon Vladimir Silva, Cel Hiram Reis e Silva, Cel Ruy Collares Machado, Cap Andrei Clauhs, Sr. José Ernesto Wunderlich, Sra. Adir Fanfa Onofrio, Sr. Ciro Oscar de Borba Saraiva, Dr. Ênio Palmeiro da Fontoura, Cel Ivo Benfatto, Cel Edu Campelo de Castro Lucas, ST Evilácio Barbosa Saldanha, Cel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo, Sgt Carlos Fonttes, SCEB José Eber Bentim da Silva, Ten Nestor Magalhães, Caio Moreira Pinheiro, Alite Martins Ribeiro, Amilton Valente da Silveira, Ivete Possas da Silveira, Luis Renato Bragagnolo e José Eduardo Bruno. Em 2010, em Resende, na AMAN, foi empossado como membro-efetivo do IHTRGS e como seu Presidente de Honra o Gen Bda Edson Leal Pujol, então comandante da Academia Militar das Agulhas Negras e também o Cel Anderson Demutti representante do IHTRGS no Colégio Militar de Brasília. Hoje o IHTRGS possui o seu site rico em temas do Rio Grande (www.ihtrgs.com.br) e foi desdobrado em três Delegacias: a de Resende, junto ao presidente, Cel Bento, tendo como Delegado o tradicionalista Luiz Renato Bragagnolo; em Porto Alegre, a sede física do IHTRGS, a cargo do 2º Presidente do IHTRGS o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e, em Pelotas e região, a Delegacia do IHTRGS tendo por Delegado o jornalista Cairo Moreira Pinheiro. Foi instituída pelo IHTRGS a Medalha do Mérito Farroupilha, Projeto do sócio efetivo Dr. Flávio Camargo. Seu Informativo “O Gaúcho”, com 113 números, foi interrompido e passa a integrar daqui para diante “O Tuiuti”, informativo da

AHIMTB/RS e do IHTRGS.

(Síntese elaborada pelo Cel Bento, Presidente do IHTRGS e pelo Cel Caminha

Nº 07 - Janeiro Ano 2012 – Cel Cláudio Moreira Bento

PIRATINI - UM SAGRADO SÍMBOLO GAÚCHO FARRAPO

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO
SUL

Cel Cláudio Moreira Bento (x)

“Se rasgou o negro lençol de nuvens que envolvia a vastidão dos céus. E do lado do Sul brilhou uma estrela - PIRATINI, na qual se lia Amor, Fraternidade, Humildade. (Tito Lívio Zambecari em artigo, em 1839)

A Revolução Farroupilha 1835-45, orgulho cívico dos gaúchos, proclamou a República Rio Grandense, muito confundida como República de Piratini, a qual se constituiu na única experiência republicana brasileira efetiva antes de 19 Nov 1889. Revolução que teve por epicentro e pólo irradiador o então município de Piratini, criado em 1832, ao qual pertenciam os atuais municípios de Bagé (até o Piraí), Hulha Negra, Candiota, Pinheiro Machado, Cerrito e Canguçu. A Piratini por decreto de Bento Gonçalves, de 4 Ago 1838, foi incorporado parte do atual município de D. Pedrito, ao sul do arroio Jaguari e a leste do arroio Ponche Verde.

Pelo grande simbolismo e projeção histórica farrapa que encerra o nome Piratini, nas histórias do Decênio Heróico e do Rio Grande do Sul, impõe-se como dever de justiça, na voz da História, evocar aos gaúchos, em especial aos tradicionalistas, a projeção de Piratini na História do Rio Grande e mesmo do Brasil e a razão do título deste artigo.

Origens da cidade de Piratini, a primeira capital farrapa

Mapa da Demarcação do Tratado de Santo Ildefonso de 1777 levantado entre 1784-88, que reproduzimos em O Negro e descendentes na Sociedade do RGS. Porto Alegre: IEL,1975 (p.185), registra no rio Piratini o passo do Acampamento. Este, local de acampamento dos demarcadores do citado tratado. Logo acima, estâncias portuguesas já infiltradas ao sul do Piratini em desacordo com o tratado referido e, inclusive charqueadas, ao sul da confluência do Piratini com o canal São Gonçalo.

Concluídos os levantamentos, por Carta de 6 de julho de 1789 do Vice-Rei do Brasil, foram concedidas em Piratini 48 datas de terras a casais de açorianos. Concessões no Capão Grande do Piratini, entre os arroios Piratini Mirim, a leste, e o do moinho de José Matos de Guimarães (meu tetravó paterno) que ali instalara um moinho de trigo e mais tarde construiu a primeira igreja de Piratini em 1811-12.

Neste mesmo ano de 1789 (da Revolução Francesa), por ato do mesmo Vice-Rei, foi removida de Canguçu-Velho atual, a sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu que ali fora instalada em 1783, assunto que trato em detalhes em meu livro: BENTO, Cláudio Moreira. Em Canguçu Velho - Canguçu - RS a sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-1789. Resende: AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS, 2009. 2ed.

As terras onde foram colocados os casais faziam parte de uma estratégia de ali barrar possíveis caminhos de invasão por espanhóis ao Rio Grande do Sul, ao longo do divisor da serra dos Tapes, a partir de Cerro Largo (atual Mello), através do passo Centurión (então Passo N.S. da Conceição) do rio Jaguarão.

Estudou o povoamento de Piratini Jayme Lucas d'Ávila em seu precioso livro Povoadores de Piratini - Açorianos (casais D'El -Rey), militares, tropeiros, aventureiros e outros. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2007.

Na iminência de guerra entre Portugal e Espanha, foram fundadas, no início de 1800, as atuais cidades de Caçapava, Encruzilhada e Canguçu, situadas sobre possíveis caminhos de potenciais invasões espanholas ao Rio Grande do Sul, sobre as serras dos Tapes e Herval.

Os casais se estabeleceram em Piratini, de 1789 a 1807. O Tratado de Santo Ildefonso de 1777, imposto pela Espanha a Portugal, desgostara sobremodo os rio- grandenses. E de 1777 a 1800 houve um grande esforço de Portugal para infiltrar seus súditos em território motivo de disputa entre Portugal e Espanha.

E ao sul do Piratini disto se encarregou o comandante da Fronteira do Rio Grande e sesmeiro em Cerrito (atual), o Marechal Manoel Marques de Souza I, denominação histórica da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas, cuja proposta vitoriosa foi por nós sugerida e instruída. Infiltração iniciada ao sul de Piratini já antes de 1784 e que foi percebida e denunciada pelo espanhol Feliz Azara, fundador de São Gabriel, alertando que se ali não se criassem núcleos espanhóis em 4 anos a Espanha perderia o território, no caso em tela, entre os rios Piratini e Jaguarão. E esta perda aconteceu logo. E Piratini, como Vila dos Casais, formou na vanguarda desta infiltração portuguesa, ao ponto de 11 anos antes da Guerra de 1801 ali se estabelecerem casais açorianos para um duplo papel de soldado e agricultor. E para esta infiltração muitos açorianos se deslocaram de Estreito, Mostardas e Povo Novo para a fronteira, então no corte do Piratini, em Piratini, Canguçu, Vila Freire e Cerrito atuais, de onde muitos partiriam para a conquista da estância própria nos territórios conquistados em 1801, entre os rios Piratini e Jaguarão e nos Sete Povos das Missões, em guerra financiada pelos estancieiros gaúchos.

Coincidente com a instalação de 48 casais em Piratini, em Canguçu atual a Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu (1783-89), com sede em Canguçu Velho atual, era transferida, por questões de segurança, de provável Zona de Guerra para São Leopoldo.

Assim, em 1º Jan 1800 foi fundado Canguçu atual como capela curada. E fundada numa encruzilhada e nó orográfico, no dorso da Serra dos Tapes, capaz de barrar caminhos de invasão provenientes de Mello, no Uruguai, ou de Rio Pardo demandando Rio Grande e vice e versa. A sede da Real Feitoria passou a ser conhecida desde então como Canguçu Velho.

Em 1801 ocorreu a vitoriosa guerra que dilatou a fronteira de Portugal com a Espanha, do rio Piratini ao Jaguarão e do Taim ao Chuí e conquistou os Sete Povos das Missões. Conquistas não devolvidas por Portugal em razão da Espanha não haver devolvido a cidade portuguesa de Olivença. Guerra que reestudamos e a reinterpretemos em História da 3ª Região Militar (Porto Alegre: SENAI, 1994).

Em 1811 teve lugar a fundação de Bagé por Dom Diogo de Souza, Governador e Capitão-General da Capitania do Rio Grande de São Pedro (atual RGS) criada em 1809. Em 1816 e 1820 agitou-se a fronteira no Rio Grande do Sul com as guerras contra Artigas, tendo chegado de Portugal a Divisão de

Voluntários Reais.

A insegurança na fronteira do Vai e Vem elegeu Piratini, situada sob a proteção da serra dos Tapes, como local seguro para se viver. E para Piratini migraram famílias que construíram boas casas antes mesmo da guerra de 1801 e até 1832, inclusive palacetes e sobrados até hoje em pé, que iriam abrigar a República Rio Grandense em 1836.

A Guerra Cisplatina (1825-28) de que resultou a independência do Uruguai em relação ao Brasil, do qual fora Província Cisplatina por cinco anos, provocou mais migrações para Piratini, em busca de segurança. E no final desta guerra ali o Exército Brasileiro em Operações no Sul, esteve acampado no inverno de 1828 até ser desmobilizado em 18 Dez 1828, em decorrência do Tratado Preliminar de Limites que colocou fim a Guerra Cisplatina 1825-1828.

E em Piratini radicaram-se e casaram alguns militares desmobilizados como o Alferes Antônio Joaquim Bento (pai), nosso trisavô, com Cecília Matos de Guimarães, filha do citado José Mattos de Guimarães, construtor da igreja local.

O Alferes Antônio Joaquim seria o primeiro professor do Alegrete nomeado pelos farrapos, segundo o jornal farrapo O Povo. E seu filho Antônio Joaquim Bento seria o primeiro professor régio de Canguçu em 1857. Este teve um irmão chamado Carlos Frederico Lecór Bento, o avô do ex-prefeito de Cerrito Genes Leão Bento. É nome em homenagem de seu pai, amigo do General Lecór (Visconde de Laguna) com quem viera de Portugal integrando a Divisão de Voluntários Reais.

Assim, Piratini que passou a ser conhecida como a Vila dos Casais, tornou-se localidade segura e atrativa, crescendo a cada dia a sua população e prosperando, em especial com a produção de trigo em suas terras férteis e com o dorso da serra dos Tapes assegurando comunicações a cavalo e de carretas pelos divisores de água, “sem se molhar as patas dos cavalos, das mulas e das boiadas”.

A instalação da Vila de Piratini

Piratini foi instalada em 7 Jun 1832, decorridos 33 anos do início de seu povoamento. Dos 40 signatários da ata de fundação registramos entre outros: Bento Gonçalves da Silva, Ubaldo Pinto Bandeira, (irmão do Brigadeiro Pinto Bandeira), o mais tarde Comendador Manoel José Gomes de Freitas (grande historiador, nascido e batizado em Canguçu), Serafim José da Silveira (trisavô materno do autor), José de Matos Guimarães (tetravô paterno do autor), Bernardo Pires (o simbolista farrapo e bisavô do historiador e tradicionalista Major Ângelo Pires Moreira e pai da idéia de criação do município de Canguçu em 1857).

Na eleição para a 1ª Câmara de Piratini foram os 8 mais votados: Vicente Lucas de Oliveira (último Ministro da Guerra farrapo) - 361 votos; Manoel Rodrigues Barbosa - 334; Manoel Gomes de Guimarães Filho - 294; Serafim José da Silveira - 274 (e que não assumiu por haver sido eleito juiz ordinário); Manoel José da Silva Santos Veleda - 215; José Pereira da Silva Cacório - 203 e Ramão Garcia Vasconcelos -194.

A Câmara de Piratini - a constituinte da República Rio Grandense

Estourando a Farroupilha em Porto Alegre em 20 Set 1835 ela saiu a campo. Em 10 Set 1836 Antônio Neto venceu o combate do Seival com sua Divisão Liberal integrada por habitantes do vasto município de Piratini. E a frente

dela, no outro dia, no Campo do Meneses, proclamou a República. O importante foi que a Divisão Liberal de Neto resultou da transformação da Legião de Guardas Nacionais do Termo de Piratini criada em 14 Out 1835 pelo Presidente da Província, tendo como Chefe o Cel Antônio de Souza Netto. Este tio do mais tarde General Zeca Mattos Netto, revolucionário de 23, filho de Rafaela Mattos nossa tia bisavó materna, por irmã do Ten Cel Honorário do Exército Theophilo de Souza Mattos que comandou os canguçuenses na Guerra do Paraguai. E ambos filhos de Ana Rodrigues de Sena, ligada à estirpe dos Lemes, segundo a genealogista Ilka Guittes Neves, do Colégio Genealógico Brasileiro em pesquisa Dos Lemes aos Moreira Bento de Canguçu. Trabalho que incorporamos em nosso livro: Dos Lemes da ilha da Madeira aos Mattos, Moreiras e Bentos de Canguçu: Resende-RJ: ACANDHIS, 2006. Trabalho para o qual contribuíram com informações genealógicas, além de Ilka Neves, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Moacir Mattos e Cairo Moreira Pinheiro.

A Legião Liberal foi organizada pela Câmara de Piratini com o nome de Corpo de Guardas Nacionais com dois esquadrões, totalizando 4 companhias com as seguintes paradas: Piratini, Bagé, Canguçu e Cerrito (Vila Freire e atual Cerrito). As companhias de Piratini e Bagé formaram o 1º Esquadrão. As de Canguçu e Cerrito formavam o 2º Esquadrão. Ao 1º Esquadrão se incorporaram guardas nacionais dos atuais municípios de Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota. Foram estes guardas nacionais farrapos que colheram as glórias de Seival. Combate que descrevemos e analisamos militarmente pela primeira vez em O Exército farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro: Bibliex, 1992 v..2. Devemos esta informação da organização do Corpo de Guardas Nacionais de Piratini ao seu historiador Davi de Almeida em seu livro História do Município de Piratini (roteiro histórico e sentimental). Piratini: Gráfica CEAJ, 1988.2ed. Trabalho em que nos reconhece, como um dos historiadores que fazem justiça a projeção histórica de Piratini no Rio Grande do Sul.

Combate do Seival que também contou com a contribuição de Lanceiros Negros Farrapos, criou condições para a proclamação da República no dia seguinte em Campo do Menezes e assim decretada pela Câmara de Piratini depois de assumir o papel de Constituinte da República Rio Grandense para formalizá-la juridicamente. Pois decorridos 56 dias da vitória de Seival, em 6 Nov 1836, a Câmara de Piratini se reuniu e deliberou:

- 1 - Assumir o papel de Constituinte (provisória) da novel República Rio Grandense (daí a chamarem impropriamente República de Piratini).
- 2 - Proclamar independente do Império do Brasil a Província do Rio Grande.
- 3 - Declarar a Província do Rio Grande do Sul estado livre, constitucional e independente com a denominação de Estado Rio Grandense.
- 4 - Poder ligar-se o estado Rio Grandense por laços de federação a outras províncias que adotarem a República.

Assinaram estas importantes decisões históricas os vereadores Vicente Lucas de Oliveira, Manoel José da Silva Santos Veleda, Serafim José da Silveira, Antônio Correia da Silva, João Antônio de Moraes e José Pereira Cacório. No outro dia a mesma Câmara, ausente Silva Verde por doente, presidiu as seguintes eleições:

- Do Cel Bento Gonçalves da Silva (preso no forte do Mar em Salvador) para Presidente da República, tendo como substituto eventual no seu impedimento o seu amigo José Gomes Jardim, um tutor de fato e de direito da República.

- Dos vice presidentes Paulino da Fontoura, Major José Mariano de Matos e

Ignácio José de Oliveira Guimarães.

Segundo a tradição, o vereador Serafim José da Silveira (nosso trisavô) para evitar que o vice-presidente Paulino da Fontoura assumisse o governo por ser conhecido boêmio e conquistador, criou a figura aprovada de Gomes Jardim para assumir a Presidência em substituição a Bento Gonçalves preso.

Serafim José da Silveira era sogro de José Ignácio Moreira que foi secretário do Ministro da Justiça e do Interior Cel José Pinheiro Ulhoa Cintra, natural de São João de Rei, considerado o “ghost writer” de Bento Gonçalves. Segundo Cairo Moreira Pinheiro, de José Ignácio Moreira que foi o primeiro serventuário de Justiça de Canguçu se originou o ‘gen literário’ do Moreiras que foi transmitido a seus filhos os escritores irmãos Franklin Máximo e Carlos Norberto Moreira, ao seu neto Tarcílio Moreira Mattos, aos seus bisnetos, Firmo Duarte Moreira, Ângelo Pires Moreira, Mário Barbosa Mattos, Moacyr Mattos e Cláudio Moreira Bento, aos seus trinetsos, Paulo e Luiz Carlos Barbosa Lessa, Clóvis Rocha Moreira, Cairo Moreira Pinheiro, Carlos Norberto Stumpf Bento e Fábio Régio Bento, ao que até agora se conhece.

Esta mesma Câmara deu posse a Bento Gonçalves na Presidência em 16 Dez 1837. Entre os vereadores mais uma vez José Serafim da Silveira, que a presidiria de 1842-45. Piratini foi capital farrapa de 10 Nov 1826 a 7 Jan 1837; de 26 Mai 1837 a 14 Fev 1839; de 4 Mai 1843 até o final da revolução. Ou seja, teria abrigado o governo por mais de três anos.

O período áureo da República Rio Grandense teve Piratini como capital. Foram aprovadas a bandeira, brasão e hino rio-grandense e ali editado o jornal O Povo, etc. Mas embora no campo militar a Revolução Farroupilha tenha terminado em 28 Fev e 1º de março de 1845 em D. Pedrito atual, ela continuou e continua no campo político.

Farrapos que combateram em defesa do Brasil e não do Império nas guerras externas contra Oribe e Rosas, 1851-52, e contra Solano Lopes do Paraguai, 1865-70, levavam à guisa de bandeira o lenço farrapo idealizado por Bernardo Pires em Piratini, lembrando o ideal republicano. E a revolução republicana farrapa no campo político influenciou de modo marcante meios universitários de Direito em São Paulo, através da pregação de Assis Brasil que produziu a primeira versão farrapa da história da Revolução. Movimento este republicano, que influenciou o ânimo do Marechal Deodoro da Fonseca como Presidente do Rio Grande do Sul, através de contatos que manteve com os republicanos Júlio de Castilhos e Assis Brasil na rumorosa Questão Militar que liderou. Mas não parou a influência política republicana do Decênio Heróico. Quatro oficiais nascidos no Rio Grande do Sul tiveram grande influência na conspiração e sucesso da Proclamação da República no Rio de Janeiro: o Ten Cel João Nepomuceno Medeiros Mallet (filho de Bagé), o Major Solon Ribeiro e o Capitão Mena Barreto (filhos de Porto Alegre) e o Coronel José Simeão de Oliveira (filho do Rio Grande). E a Revolução política farrapa continuou. Os ideais políticos da Revolução Farroupilha irradiados de Piratini foram consagrados pela Constituinte Gaúcha de 1891 que adotou como símbolos do Rio Grande do Sul a bandeira, brasão, hino, ideais e valores republicanos farrapos decididos em Piratini. E dentre eles o de Firmeza e Doçura inscritas no brasão sob a forma de dois amores perfeitos. E foi mais longe! Deu o nome à sede do Governo do Estado de Palácio Piratini em homenagem a Piratini, a primeira capital farrapa, onde a revolução republicana farrapa viveu os seus mais gloriosos dias. E foi em Piratini que nasceu Luiz Carlos Barbosa Lessa, filho de canguçuenses e tetraneto do vereador farrapo Serafim José da Silveira para, inspirado em Piratini, levantar

a bandeira do tradicionalismo gaúcho no CTG 35 junto com seus parceiros neste histórico empreendimento, em especial de Paixão Cortes, e ser consagrado por órgão da imprensa gaúcha, por esta razão, como “um dos gaúchos que marcaram o século XX”.

Reflexão

Por tudo o que aqui foi escrito sobre Piratini e os municípios de Canguçu, Cerrito e Bagé (até o Piraí) que o integravam quando capital farrapa, pela proclamação da República Rio Grandense no campo militar em Seival em 10 Set 1836 e, no campo político em Piratini em 6 Nov 1836, era justo de se esperar que estas comunidades tivessem merecido um tratamento mais justo de parte do Rio Grande do Sul e do Brasil e das Tradições e História gaúchas. Mas não foi o que aconteceu!

Celebrada a Paz, Piratini “a cidade sagrada dos farrapos” e hoje glória gaúcha, caiu no esquecimento. Foi discriminada pela Província e Império. Foi engessada! De capital farrapa irradiadora da revolução republicana que até hoje influencia a República do Brasil, foi rebaixada a vila. E de lá para cá em nada se aproveitou administrativa e politicamente de seu pioneirismo republicano e, repetimos, mesmo depois de proclamada a República.

Mas os ideais republicanos farrapos vitoriosos pelos quais filhos do então município de Piratini lutaram e morreram em 1835-45 continuaram sendo louvados em especial nos CTGs. Mas nada para Piratini e por extensão para Canguçu e Cerrito, cujas autoridades republicanas em todos os níveis as esqueceram, deixando-as estagnarem, como o desejaram autoridades do Império.

Filhos de Piratini e dos atuais municípios que o constituíam foram convocados em 1893 como Cavalaria Civil, pelos governos do Estado e do Brasil para os defenderem. E eles pagaram alto preço com suas vidas imoladas inermes, por degola, por mercenários platinos no solo pátrio, depois de rendidos sob garantia de vida no covarde massacre federalista de 28 Nov 1893 no Rio Negro. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação das histórias dos municípios que forneceram os soldados para a vitória do Seival e que sustentaram a proclamação da República em Campo do Menezes, marco de uma revolução republicana brasileira civil ainda em curso no Brasil.

E assim, de tantas glórias e tradições republicanas e de cidadania com que enriqueceram o Rio Grande do Sul, pouco ou nada lhes valeu no campo político, administrativo e econômico. E lá continuam Piratini, Canguçu, Cerrito, Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota (menos Bagé, até o Piraí, que teve melhor sorte) esquecidos pelas lideranças republicanas estaduais e federais que os glorificam e exaltam moralmente, mas os esquecem administrativa, política e economicamente no sentido de premiá-los pelo heroísmo de seus antepassados, celebrado anualmente na Semana Farroupilha, no Rio Grande do Sul e além.

Ainda é tempo de exercício de gratidão cívica aos povos dos municípios atuais que constituam Piratini que, ao que parece, segundo um observador arguto, ingratidão que se transformou em tradição no Império e vício na República, com que, ao que nos parece, se acostumaram e se conformaram as lideranças de Piratini e dos municípios que a integraram na Revolução Farroupilha.

História é verdade e justiça! A verdade a relatamos. Falta a justiça a Piratini e aos atuais municípios que a integravam - como um sagrado símbolo gaúcho farrapo!

(x) Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS, da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), da Academia de História Militar Terrestre do Brasil/Resende - Academia Marechal Mario Travassos - e da Academia Canguçuense de História.

Fontes genealógicas relacionadas com o tema, e não mencionadas no texto que podem auxiliar o pesquisador em genealogia da república Rio-Grandense:

- ANAIS DO ARQ. HISTÓRICO DO RIO G. DO SUL. P. Alegre,1981. 12 volumes;
- BENTO, Genes Leão. Raízes de nossa História. Cerrito. Ed. Autor, 2008 (sobre famílias de Cerrito - RS);
- CAXIAS, Barão de. Ofícios 1842-1845. Rio de Janeiro: Imprensa Militar,1950.
- (__). Ordens do Dia do Barão de Caxias 1842-1845.Rio de Janeiro: Imprensa Militar,1943.
- DUTRA, Iracema Ferreira, História e Memória de Piratini. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2008;
- FETTER, Junior, Adolfo Antônio. Pioneiros, Aventureiros, guerreiros e seus herdeiros. Pelotas. Ed. Universitária/ UFPel, 1999. v. 1;
- FONSECA, Luis Antônio Dias da. Genealogia da Família Dias Castro. Pelotas: 24 abril 2009. 74 páginas. Cópia entregue ao autor e incluída na sua coleção genealogia.
- NEVES, Ilka Guittes. Canguçu - RS. Primitivos moradores, primeiros batismos. Pelotas: Ed. Universitária / UFPEL, 1998;
- JACCOTTET, Alda Maria de Moraes. Cadernos de Genealogia - Mostardas - RS - Livro de Casamentos nº 01. 1773-1863. Pelotas: Ed. Universitária, UFPel, 1999.
- (__). Cadernos de Genealogia- Obstinadas família de Canguçu- RS Livro 1B de Batismos 1813-1819.Pelotas: Ed do autor ,1999.
- (__). Povoadores de Pelotas Freguesia de São Francisco de Paula(1813-1825). Pelotas: Ed. Universitária -UFPEL 2006.
- O POVO 1838-40. Jornal Político e Literário e Ministerial da Republica Rio Grandense (fac- símile).Porto Alegre: Liv. Globo, 1930. Informações sobre integrantes do Exército Farrapo.
- PINHEIRO, Cairo Moreira. A Genealogia dos Mattos e dos Moreiras de Canguçu.(CD com o autor).
- REIGHANTZ, Carlos G. Povoamento do Rio Grande de São Pedro - A contribuição da Colônia do Sacramento. Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776/1976). Rio de Janeiro: IHGB/IHGMB, 1979. v. 2, p. 9/524;
- RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanaque Literário e Estatístico do RGS .1889-1917. Rio Grande: (Valiosas informações sobre combatentes na Revolução Farroupilha)
- TÍTARA, Ladislau dos Santos. Capitão. Memórias do Grande Exército Aliado Libertador do Sul da América. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,1950. Sobre farroupilhas que combateram ao comando de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52.

Nº 09 - ABRIL Ano 2012 – Cel Cláudio Moreira Bento

**19 DE ABRIL DE 2012 - O 364º ANIVERSÁRIO DA 1ª BATALHA DOS
GUARARAPES E 18º ANIVERSÁRIO DO DIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO**

Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO(x)

Presidente da Federação das Academias de História Militar
Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da Academia de História Militar
Terrestre do Brasil/Resende - Academia Marechal Mário Travassos

Em 18 de março de 1648 aportou no Recife poderosa esquadra holandesa da Companhia das Índias Ocidentais composta de 41 barcos transportando víveres e 6.000 soldados. Com este poderio o invasor holandês decidiu romper o cerco do Recife e avançar na direção sul, Zona de Retaguarda patriota, para conquistar o Cabo e adjacências. Operação militar com a finalidade de controlar as bases de suprimentos, próximas, e mais, cortar nessa região, o apoio externo aos patriotas e ainda criar condições de prosseguimento por terra para a reconquista da Bahia. Ao executar-se esse ambicioso plano militar do invasor ocorreu a primeira batalha dos Guararapes, no 18º ano da invasão de Pernambuco e que assim se desenvolveu:

Ao clarear do dia 18 de abril de 1648, o Exército da Companhia das Índias Ocidentais, ao comando do Ten-Gen Von Schkoppe, marchou do Recife na direção dos Guararapes, com 6.300 homens. Ao atingir Afogados, fez uma finta para demonstrar que sua intenção era um ataque à base terrestre patriota, o Arraial Novo do Bom Jesus. Isto, para ali fixar os seus defensores.

Antônio Dias Cardoso, o Mestre das Emboscadas, hoje Patrono das Forças Especiais do Exército, mandado para esclarecer a situação, descobriu o verdadeiro propósito do inimigo.

Em Conselho de Guerra, os luso-brasileiros decidiram: retardar o invasor na Barreta, na saída do Recife, travar batalha o mais distante dela e defender o Arraial do Bom Jesus, base militar patriota contra a ação diversionária tentada pelo inimigo. Em cumprimento à decisão, o Exército Patriota, composto de 2.200 homens, rumou ao sul para, em caminho, interceptar o invasor e travar a batalha decisiva.

O general Barreto, comandante dos patriotas, prudentemente, confiou aos seus chefes imediatos a condução pormenorizada das ações, pois eles conheciam melhor o terreno e a tática desenvolvida naquela luta. Em **síntese**, a Guerra Brasília, uma doutrina militar genuína brasileira desenvolvida na luta contra o invasor desde 1624, quando da expulsão holandesa de Salvador.

Após um Conselho de Guerra para decidir impasse entre os líderes Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira sobre o local adequado para a batalha, e atendendo a sugestão de Dias Cardoso, soldado profissional, «na qualidade de guerreiro mais prático e experiente em tudo», rumaram para o Boqueirão dos Guararapes, que foi ocupado até as 10 horas da noite de 18/19 de abril.

O exército inimigo, após vencer uma resistência na Barreta, na saída do

Recife, degolando barbaramente muitos de seus bravos defensores, seguiu tranquilo e vagaroso para o sul, esperando encontrar 200 patriotas à sua frente, da guarnição do Boqueirão dos Montes Guararapes.

Na manhã de 19, no momento em que os da Companhia das Índias Ocidentais se aproximavam de Boqueirão, passagem estreita, mas longa, entre o monte central e os alagados em sua base, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso, no comando de 200 homens, enquanto todo o restante do exército patriota permaneceu escondido.

Com imprudência e entusiasmo, os holandeses se desdobraram e partiram para atacar a fração de Dias Cardoso, o único inimigo que esperavam encontrar. Este retraiu pelo interior do Boqueirão, para o restante do Exército patriota tentar envolver, através dos alagados e montes, a vanguarda e o corpo de batalha inimigos.

No momento em que o adversário progredia nos alagados e em grande número no interior do Boqueirão, com drástica redução de frente, teve o inimigo enorme surpresa. Pois caíra em grande emboscada, executada com habilidade por Dias Cardoso, reeditando o seu feito em Monte das Tabocas.

O exército luso-brasileiro até então semi-escondido, à ordem de «Às espadas», atacou inesperadamente e com grande fúria e iniciativa.

O Terço de Pernambuco, o mais forte, ao comando de Fernandes Vieira, assessorado por Dias Cardoso, investiu no Boqueirão, rompeu o grosso inimigo e envolveu a sua ala esquerda (flanco esquerdo nos Alagados). O de Felipe Camarão assaltou a ala direita (flanco direito) e o de Henrique Dias a ala esquerda, ficando o de Vidal de Negreiros em Reserva, junto ao Boqueirão.

O primeiro embate foi vencido, ocasionando muitas mortes e deserções nas fileiras batavas. Refeito da surpresa, o inimigo acometeu com a retaguarda forte, de 1.200 homens, a ala de Henrique Dias, na proporção de 1 para 3. Contido, foi em seguida, atacado vigorosamente pela Reserva comandada por Vidal de Negreiros.

Depois de luta feroz de quatro horas, os patriotas impuseram a retirada ao inimigo, com Von Schkoppe ferido e muitos de seus oficiais mortos. As perdas holandesas totalizaram 1.038 homens, entre mortos e feridos, contra 480 dos patriotas, dos quais 80 tombaram para sempre, sendo sepultados em local à frente de onde seria erigida a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres dos Guararapes.

A vitória dos Guararapes nesse dia não foi, portanto, obra fortuita dos acontecimentos, mas resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e espírito combativo dos soldados que constituíam aquele indomável exército de patriotas. Hoje, na data de 19 de abril, comemora-se também o Dia do Exército Brasileiro, por ali haver despertado o seu espírito de exército junto com o da nação brasileira, no consenso de analistas de nosso processo histórico, entre os quais Gilberto Freyre ao interpretar: **«Nos Guararapes escreveu-se a sangue o destino do Brasil, o de ser um e não 2 ou 3 hostis entre si.»**

A 12 de maio de 1648 partiria do Rio de Janeiro, ao comando de seu governador, Salvador de Sá, uma expedição composta de luso-brasileiros, com

destino a Angola, para devolvê-la a Portugal. Após furar o bloqueio flamengo ela atingiu a África. E lá, através de vitoriosas manobras militares contra uma força superior e bem fortificada em São Paulo de Luanda, reconquistou aquela possessão, em agosto. Flanqueava a força luso-brasileira libertadora o atual Regimento Sampaio. Foi a 1ª expedição transcontinental militar brasileira. A 2ª seria a Força Expedicionária Brasileira (FEB) que lutou na Europa em defesa da Democracia e da Liberdade Mundial ameaçada pelo nazi-fascismo na 2ª Guerra Mundial. De retorno, vitoriosa, a FEB depositou os louros da vitória nos Montes Guararapes tendo seu comandante o gaúcho gabrielense, Marechal Mascarenhas de Moraes se pronunciado a certa altura:

«Nestas colinas sagradas, na batalha contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nacionalidade brasileira.»

Os holandeses renderam-se em 1654 na Campina do Taborda, local hoje do Forte das Cinco Pontas.

Decorridos 26 anos, Portugal fundaria a Colônia do Sacramento defronte a Buenos Aires. E em torno de sua posse, portugueses e espanhóis lutaram durante cerca de um século. E foi nesta luta secular que Portugal explorou, devassou, conquistou e definiu, com auxílio de gaúchos o destino brasileiro do Rio G. do Sul.

Sobre a projeção histórica desta batalha recorreremos às interpretações de Lopes Santiago, o seu primeiro cronista; do marechal Mascarenhas de Moraes; de Gilberto Freyre; de Luiz da Câmara Cascudo, de Pedro Calmon, e nossa interpretação há 41 anos passados quando recebemos a missão de coordenar o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

“Estes montes Guararapes alcançaram perpétua fama e nome, assim nestes tempos como nos futuros, por suceder neles a batalha que iremos relatando, e pela que sucedeu daí a dez meses, as quais foram as maiores batalhas campais e de mais gente, e mais sanguinolentas que houve nestas capitanias de Pernambuco e Estado do Brasil, e se disser que na América, poderá ser que não me engane, porque outras muitas ocasiões tinham sucedido de maior importância, pois foram meios de sucederem estas que foram obradas com a mesma gente e cabedal...” **(Diogo Lopes Santiago. História da Guerra de Pernambuco — cronista contemporâneo das batalha)**

“...Nenhum lugar mais brasileiro, nenhum outro recanto em que o espírito militar se vincule mais à tradição da nacionalidade do que Guararapes, para a Força Expedicionária Brasileira apresentar, no regresso à Pátria, a sua saudação ao glorioso Exército, a que tem a honra de pertencer, aos camaradas da Marinha e da Aeronáutica a sua reverência ao Brasil. Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira.

Daqui ela partiu e já atravessa mais de três séculos, passando vitoriosamente pelo Passo do Rosário, por Montes Caseros, lançando-se de Lomas Valentinas a Monte Castello, Castelnuovo, Montese e Fornovo. Na qualidade de Comandante da Força Expedicionária Brasileira, deponho no campo

de Batalha dos Guararapes os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra as tropas germânicas, nos campos de batalha do Serchio, dos Apeninos e do Vale do Pó...”

(General de Exército Mascarenhas de Moraes — Comandante da FEB. Trecho de discurso pronunciado nos Montes Guararapes em 9 de julho de 1945, de passagem pelo Recife, proveniente do Teatro de Operações da Itália.)

“Nas duas batalhas dos Guararapes, escreveu-se a sangue o endereço do Brasil: o de ser um Brasil só, e não dois ou três. O de ser um Brasil fraternalmente mestiço, na raça e na cultura, e não outra República Sul-Americana asperamente nativista ou agressivamente antieuropeia.. Foi Guararapes a primeira de uma série de batalhas pela nossa definição e pela nossa sobrevivência, como tipo extra-europeu embora de modo nenhum anti-europeu, de cultura, e como um novo tipo de democracia não somente, como principalmente, social; e não somente social como étnica... **(Gilberto Freyre - trecho de discurso pronunciado na Câmara Federal pelo então deputado, publicado no Diário de Pernambuco de 22 de abril de 1948).**

«...Guararapes, nos seus montes sonoros, estende para longe, para 1630, o início da compressão que ali foi sublimada. Nos tambores, dizem as versões de Guararapes, nos tambores da História Civil e Militar, a batalha se reacende, viva e nobre, contra as invasões, o intruso, a violência do domínio material, a solução colonizadora, tornando os homens algarismos nos livros-caixas duma sociedade anônima. Nos tambores rufos, de mobilização e alerta, de vigilância e de obstinação, perpassam pelos montes dos Guararapes. E eternas ficarão estas vozes despertas da NACIONALIDADE em seu povo fiel, como, na História, imóveis ficaram os montes evocadores do seu heroísmo e da sua beleza pernambucana...”

(Luiz da Câmara Cascudo. Revista do Arquivo Público Estadual de Pernambuco. 1949).

“Foi nos Montes Guararapes, '... A maior das batalhas. O supremo desafio. O duelo mortal do invasor e do filho da terra, do estrangeiro e do nativo, da poderosa opressão e da liberdade heróica. Nestes montes, que têm a paisagem pernambucana o insólito relevo de uma fortaleza, predestinada ao choque dos exércitos, em verdade fixou e definiu ao luso-brasileiro o seu direito à terra. Tornou-se pela força das armas o seu dono. No próprio sítio da batalha, fez Francisco Barreto construir — monumental — «ex voto» — a igreja barroca e vasta da Senhora dos Prazeres de Guararapes, que eleva suas torres brancas sobre a vegetação desses montes, pondo no panorama áspero, que domina, a imprevista nota da religião e da arte.

Com o senso de posse inabalável que tinham os portugueses, o general vitorioso marcou assim o triunfo: associando o culto divino à glória militar, para que — não comemorasse efemeramente a gratidão dos contemporâneos, porém que durasse pelo tempo adiante na sucessão dos séculos, menos façanha de soldados do que benévola inseparável — proteção dos céus dispensada à sua

bravura e à sua fé...” (Dr. Pedro Calmon—Presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. 1949)

«Nas vitoriosas batalhas dos Guararapes despertou o Espírito do Montes Guararapes que inspira e motiva o Exército Brasileiro e que o tem inspirado desde então. Seja nas lutas pela Unidade Nacional durante a Independência e crises da Regência. Pela Integridade e Soberania Nacional nas lutas externas no Prata e, em especial, na Guerra da Tríplice Aliança 1865-70; pela Democracia e a Liberdade Mundial na 2ª Guerra Mundial na Campanha da Itália 1944-45 e pela Paz Social, como na Abolição. O Espírito dos Montes Guararapes é o Pavilhão invisível da Nacionalidade. É a forte liga divina e indissolúvel da unidade territorial, espiritual e étnica da Pátria Brasileira. Espírito dos Guararapes é a harmonia e integração no nosso caldeirão de raças que fizeram do Brasil, talvez a maior democracia étnica e religiosa da Terra. O Espírito de Guararapes é a chama sagrada indistinguível, acesa com o suor, sacrifícios, sangues e vidas imoladas, por patriotas luso-brasileiros que combateram nas batalhas do Guararapes. Chama patriótica sagrada que tem iluminado, ilumina e iluminará os brasileiros na construção do destino de grandeza do Brasil, sob a inspiração e proteção de Deus. (Major Cláudio Moreira Bento em *As batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar*. Recife, UFPE, 1971. 2v.)

(X) Historiador militar e jornalista

Nº 16 – Maio de 2012 – Cel Cláudio Moreira Bento

HOMENAGEM DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (FAHIMTB) AO BARÃO DO RIO BRANCO, NO CENTENÁRIO DE SEU FALECIMENTO

Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da FAHIMTB e da AHIMTB/RESENDE
Academia Marechal Mário Travassos

O Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), nasceu no Rio de Janeiro em 20 de abril de 1845, decorridos 50 dias da pacificação da Família Brasileira, em Dom Pedrito - RS, pelo Barão de Caxias, depois de 13 anos de lutas fratricidas que ameaçaram a Unidade Nacional. Formado em Direito em 1866 em Recife, foi consagrado como notável historiador militar brasileiro e patrono de cadeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB)¹.

A FAHIMTB, em homenagem ao seu patrono de cadeira o Barão do Rio Branco, inaugurou em sua seção de obras de referência em 2012, em sua sede na ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN), no ano do centenário do Barão, todo acervo sobre ele que recebemos de nosso confrade no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e seu biógrafo, o falecido Embaixador Roberto Luiz Assumpção de Araújo, que havia apreciado nosso artigo Barão do Rio Branco - um diplomata com alma de soldado no qual citava trechos de seu discurso de posse no IHGB, intitulado Barão do Rio Branco - historiador. Na ocasião, mencionei-lhe que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil

¹ Fundada em Resende, em 01 Mar 1996 e transformada em 23 Abr 1911 em Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), data do Bicentenário da instalação na Casa do Trem da Academia Real Militar, fundada pelo Príncipe Regente D. João, hoje denominação, como D. João VI, da Delegacia da FAHIMTB em Portugal.

(AHIMTB) possuía uma cadeira em homenagem ao grande historiador militar brasileiro - o Barão do Rio Branco. Cadeira que fora inaugurada pelo acadêmico Cel. J. V. Portella Ferreira Alves, veterano da FEB e nosso confrade no IHGB e no IHGMB. E que na citada AMAN, desde a sua inauguração em 1944 fora entronizada em destaque, em sua entrada, o seu busto, depois do busto de D. João VI, o criador da Academia Real Militar em 1810. Busto do Barão do Rio Branco ali colocado em função do altíssimo conceito que ele desfrutava e desfrutava no Exército.



Ao lado, o busto do Barão do Rio Branco, no saguão de entrada da AMAN, onde se vê ao fundo placa comemorativa do centenário de falecimento em 1978, do Duque de Caxias, patrono do Exército e da FAHIMTB e Academias federadas.

Ao lado, o busto do Barão do Rio Branco, no saguão de entrada da AMAN, onde se vê ao fundo placa comemorativa do centenário de falecimento em 1978, do Duque de Caxias, patrono do Exército e da FAHIMTB e Academias federadas.

Local nobre onde estão colocadas, do lado direito da entrada dos elevadores, as placas comemorativas do sesquicentenário e bicentenário da instalação da Academia Real

Militar, criada em 1810 pelo Príncipe Regente D. João, personalidade cujo busto fica na entrada da AMAN e hoje consagrado em nome de Delegacia da FAHIMTB em Portugal.

O altíssimo conceito que desfruta no Exército o Barão do Rio Branco explica-se pelas seguintes circunstâncias em especial.

De cerca de 1898 a 1945 teve lugar no Exército a Reforma Militar, com vistas à evolução doutrinária do Exército, dos padrões doutrinários do Exército (1874/98), inferiores aos da Guerra do Paraguai, evidenciados nos combates à Guerra Civil no Sul 1893/95 e em combinação com a Revolta na Armada 1893/94, e a seguir na Guerra de Canudos em 1897, nas quais forças revolucionárias por vezes apresentaram operacionalidade superior às forças do Exército, conforme demonstramos em nosso livro **História da 3ª Região Militar 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM, 1996.

Conjuntura adversa, em princípio decorrente do desvirtuamento da Lei de Ensino de 1874 que dividiu o Exército entre bacharéis e tarimbeiros e, mais, a influência da Filosofia do Positivismo, mal interpretada por muitos adeptos integrantes do Exército, ao contrário do Marechal Candido Rondon.

A Reforma Militar foi para reverter este quadro negativo de involução da operacionalidade do Exército, dos baixos padrões do período assinalado, aos

elevados da FEB na Itália, onde ela fez bela figura ao lutar contra, ou lado a lado com frações dos melhores exércitos do mundo, presentes na Europa na 2ª Guerra Mundial.

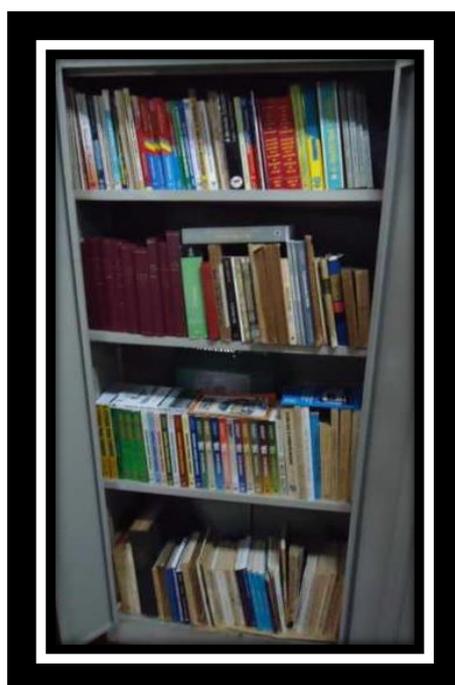
Deste modo o Barão do Rio Branco, o Chanceler da Paz, ao lutar pelo fortalecimento de nossas Forças Armadas, ele objetivava a Paz dentro do princípio: “Se queres a Paz prepara-te para a Guerra”. E assim, lutou pela Unidade das Forças Armadas com a hoje denominada Sociedade Civil, para construir a Defesa Nacional. Para este objetivo concorreu expressivamente com seus profundos conhecimentos de História Militar do Brasil, traduzidos em especial em sua obra **Efemérides Brasileiras**.

Atuou Rio Branco acima de partidos e ideologias para a grandeza do Brasil e como modelo notável para os diplomatas e militares da Forças Armadas, integrantes de duas carreiras de Estado. Pois, titulado pelo Império, o Barão serviu, na República, por cerca de 10 anos como Chanceler do Brasil, em quatro gestões de presidentes da República, sem deixar de usar seu título imperial que fora proibido usar na República, por ser abolido por esta.

Transcorridos alguns anos o Embaixador Roberto Luiz, já nonagenário, em outro encontro no IHGB perguntou-me se eu aceitava ficar com sua coleção de obras relativas ao Barão do Rio Branco. Concordei com a idéia, visando um dia colocá-la à disposição da Academia Militar das Agulhas Negras para que os futuros oficiais do Exército, interessados, melhor conhecessem a vida e a obra do grande brasileiro e, em especial, os instrutores e cadetes ligados às matérias de História Militar e Relações Internacionais.

Logo em seguida chegaram à minha casa, no Bairro Jardim das Rosas, em Itatiaia, dois volumes contendo o acervo pessoal do Embaixador Roberto Luiz sobre Rio Branco. Desde então aguardei o momento ideal para colocar o precioso acervo, colecionado com tanto carinho por um dedicado estudioso do Chanceler da Paz, à disposição de consulentes interessados da AMAN.

E no ano de 2011, dos 200 anos da criação da Academia Real Militar, chegou o momento para a concretização deste objetivo o que foi efetivado em 2012 como homenagem a este grande diplomata com alma de soldado, no centenário de seu falecimento.



**Armário com o acervo do Barão do Rio Branco na sala da FAHIMTB e
AHIMTB/Resende
Marechal Mário Travassos entre o Clube de História e a Biblioteca**

Estante superior: Obras com exemplos de História Militar Terrestre Crítica do Brasil, de História do Exército na Região Sul, de comandantes brasileiros de grandes batalhas ou combates, do grande reformador e modernizador do Exército em 1908, o Marechal Hermes Ernesto da Fonseca e exemplares do manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, de nossa autoria, editado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e reeditado em 1999.

Na 2ª estante abaixo: - Obras do acervo do Embaixador Roberto Luiz sobre o Barão do Rio Branco e assim disposto da esquerda para a direita:

1. RIO-BRANCO, Raul do. **Reminiscências do Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1942;
2. BARRETO, Carlos Xavier Paes. **Rio Branco - o geógrafo**. Rio de Janeiro: Ed. Minerva, 1947;
3. CARVALHO, Afonso de. **Rio Branco**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1945;
4. e 5. ABRANCHES, Dunschee de. **Rio Branco e a Política Exterior do Brasil**. Rio de Janeiro: 1945. 2 v.;
6. CENTRO CÍVICO SETE DE SETEMBRO. **À Memória do Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942;
7. HERMES Jr. João Severiano da Fonseca. **O Barão do Rio-Branco-Conferência**. Rio de Janeiro: 1945;
8. RICÚPERO, Rubens. **Rio Branco - o Brasil e o mundo**. Rio de Janeiro: Petrobrás, s/d;
9. ARAGÃO, Muniz de. **Como morreu o Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: Liv. Freitas Bastos. 1967; Os números 8 e 9 estão encadernados juntos.
10. MARANHÃO, Jarbas. **Barão do Rio - Branco**: Recife, 1945.
11. GAI, Nair. Rio Branco, **O Chanceler da Paz**. Rio de Janeiro: 1982;
12. MRE. **Brasil durante o Governo de Rodrigues Alves. 1902 - 1906**. Rio de Janeiro: 1906;
13. (). **O Itamaraty e o Barão**, 1906;
14. HERMES. João Severiano da Fonseca Jr. **A política geográfica do Brasil**. Rio de Janeiro: 1940 (Os números 10, 11, 12, 13 e 14 foram encadernados juntos).
15. VILLAÇA, Antonio Carlos. **Perfil de um estadista da República**. Rio de Janeiro: 1945.

Livros não encadernados:

16. SENADO FEDERAL. **Efemérides Brasileiras do Barão do Rio Branco**. Brasília: 1999;
17. CIDADE, Francisco de Paula. **Lutas ao Sul do Brasil com os espanhóis e seus descendentes**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1948;
18. LINS, Álvaro. **Barão do Rio Branco - biografia**. Rio de Janeiro: Ed. Alfa-Ômega, 1995.
19. MARANHÃO, Jarbas. **Barão do Rio Branco**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2002, 2ª Ed;
20. EDITORA TRÊS. **Barão do Rio Branco**, Rio de Janeiro: 1974;
21. CARVALHO, Afonso de. **Rio Branco - sua vida e obra**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1995, 2ª Ed;
22. e 23. MELLO, Rubens Ferreira. **Tratado de Direito Diplomático**. Rio de Janeiro: MRE, s/d 2º v.;

24. BESOUCHET, Lídia. **José Maria Paranhos - Visconde do Rio Branco**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ano 1985 (Biografia do pai do Barão do Rio Branco).
25. e 26. CADERNOS DO CHADD. Nº 1 e 2 de 2002 e 2003;
27. REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO. t.1, LII, 1945 (Homenagem à memória do Barão do Rio Branco);
28. ROCHA, Pinto da. **O Tratado do Condomínio**. Porto Alegre: s/d;
29. A FARSA DE CUNHA. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1995;
30. PROBLEMAS MILITARES CONTEMPORÂNEOS (Em Francês - plaqueta);
31. COMBLIN, PE. José PH. **Ideologia de Segurança Nacional.- O poder militar na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, 3ª Ed;
32. MRE. **O Acre o direito da Bolívia**. Rio de Janeiro: **Jornal do Comércio**. 1900 (plaquete);
33. THAKER, Charles W. **Guerrilha**. New York/London, s/d;
34. BARÃO DO RIO BRANCO. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: 1930.

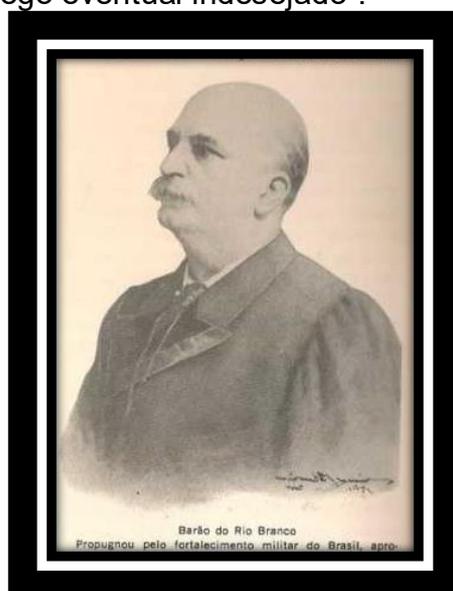
Na Estante abaixo dela: Obras de História Oral do Exército: Revolução de 1964, Força Expedicionária Brasileira, Projeto Rondon e mais Histórias da Aeronáutica e da Marinha do Brasil. Estas, em grande parte escritas pelo patrono em vida de cadeira especial da AHIMTB/Rio de Janeiro o Alte Hélio Leôncio Martins, e pelo acadêmico que ocupou esta cadeira, até falecer, o Alte. Max Justo Guedes, da Aeronáutica pelo patrono da Delegacia da Federação em Santos Dumont-MG, o Brigadeiro Nelson Freire Lavanere Wanderley, atual patrono do CAN, a História da AERONÁUTICA pelo INCAER e mais nosso artigo na **Defesa Nacional** Operações da Aviação do Exército em Resende na Revolução de 1932..

Nas histórias da Marinha e da Aeronáutica figuram as histórias dos Fuzileiros Navais e da Infantaria da Aeronáutica, forças terrestres que a FAHIMTB desenvolve.

Na última estante, outras obras de Referência de História Militar Terrestre do Brasil, complementando obras em armário ao lado

E, por oportuno, no centenário de sua morte recordamos a seguir a sua projeção histórica como historiador militar e como o consideramos um diplomata com alma de soldado.

“Embora a paz mundial seja ideal perseguido, as nações procuram dispor, dentro das suas possibilidades, de forças armadas o melhor organizadas, equipadas e motivadas para um emprego eventual indesejado”.



Acima, o Barão do Rio Branco na História do Exército Brasileiro - perfil militar de um povo. Homenagem à sua contribuição como Chanceler da Reforma Militar. V.2 (Desenho de Miranda Júnior)

No Brasil, poucos estadistas civis, como o Barão de Rio Branco, que passou à História do Brasil como o Chanceler da Paz, compreenderam e responderam em seu tempo, à altura, a esta pergunta de difícil resposta para quem não possua perspectiva histórica brasileira: Forças Armadas Brasileiras para quê? Rio Branco respondeu adequadamente dizendo ser fundamental o Brasil dispor de forças armadas à altura de suas potencialidades e com os objetivos de servirem:

- **De dissuasão a aventuras militares internas e externas;**
- **De respaldo à política internacional do Brasil, como elementos de emprego em emergências imprevisíveis, internas e externas;**
- **Como núcleos de expansão na eventualidade de uma guerra;**
- **E, finalmente, como elementos de preservação e divulgação do patrimônio por elas acumulado, em Arte e Ciência Militar, ao longo do processo histórico, no caso do Brasil em quase cinco séculos de lutas vitoriosas, que contribuíram para delinear, consolidar e manter um Brasil de dimensões continentais.**

E desta última circunstância, Rio Branco adquiriu profunda consciência, através dos estudos de História Militar do Brasil que realizou. Constatar é obra de simples verificação de suas **Efemérides Brasileiras**, lidas sempre no início das sessões do sesquicentenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que ele presidiu de 1907 a 1912 ao falecer e onde ingressou aos 22 anos, em 1867, na presença do Imperador D. Pedro II, quando ia acesa e viva a Guerra do Paraguai, em cujos estudos se assinalou, e à qual a Europa conheceu, em parte, por seus escritos enviados a jornais de lá.

Em sua posse no IHGB, biografou o Marechal José de Abreu “O Anjo da Vitória”, herói de nossas guerras cisplatinas, e que morreu em ação em 1827 na Batalha do Passo do Rosário. A vocação de Rio Branco para a História Militar foi compulsiva. Aos 16 anos biografou o Capitão-de-Fragata Barroso Pereira; aos 19, escreveu **Episódios da Guerra do Prata**. A seguir, escreveu sobre o Marechal José de Abreu. Prosseguiu firme nesta linha de estudos que, segundo o historiador Roberto de Assunção: **“desabrocharam nos magistrais estudos sobre a Guerra do Paraguai e nas memórias escritas em defesa dos direitos do Brasil nas questões de limites com a Argentina, França e Inglaterra”**.

Foi notável o seu interesse pelo nosso fortalecimento militar, que ele ajudou a impulsionar conforme mencionamos, através da Reforma Militar nos governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena e Hermes da Fonseca, como ministro das Relações Exteriores por cerca de uma década de 1902-1912 e sob o argumento:”

Para que o Brasil pudesse desempenhar, com prestígio e segurança, o papel que lhe cabia no convívio das nações”.

O Barão tinha aversão a guerra mas entedia o expresso nesta sentença: “Se queres a paz prepara-te para a guerra!”

Bem como que a “credibilidade da ação Diplomática requeria o respaldo de Forças Armadas capacitadas”.

Ele ajudou a recolocar o Exército no rumo do profissionalismo militar depois de um triste período de esforço equivocado no bacharelismo militar de 1873-1905, em decorrência dos regulamentos de ensino de 1873 e 1890, que minaram as possibilidades de operacionalidade, que havia atingido níveis inferiores aos dos

tempos da Guerra do Paraguai, para o cumprimento de missões de defesa interna e externa do Brasil.

A ação de Rio Branco permitiu a incorporação pacífica ao território brasileiro, de milhares de quilômetros quadrados, fruto de sua superior ação diplomática **“inteligente e sem vaidade, franca sem indiscrição e enérgica sem arrogância”**, calcada no profundo conhecimento do processo histórico brasileiro e da sua história militar terrestre e naval, que dominou e valorizou, como instrumentos de desenvolvimento do Brasil, como ninguém até hoje conseguiu fazer, salvo melhor juízo. Obra diplomática reunida em 9 volumes de suas **Obras Completas**, publicadas pelo Ministério de Relações Exteriores

Rio Branco conquistou a paz preparando a Nação para melhor enfrentar a alternativa indesejável de uma guerra. Em seus estudos sobre a Guerra do Paraguai manteve contatos estreitos com o Duque de Caxias, consagrado como o Pacificador e o maior de nossos generais, o patrono do Exército Brasileiro e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e de suas Academias federadas.

Em diversas oportunidades demonstrou consideração pelos militares: “minha simpatia e meu verdadeiro afeto pelos militares de terra e mar são muito antigos, pois vem dos tempos remotos da primeira mocidade. Desde os bancos do antigo Colégio Pedro II que comecei a interessar-me por nossas glórias militares conquistadas na defesa dos direitos e da honra da antiga mãe pátria e de suas possessões nesta parte do mundo e, depois, na defesa da dignidade e dos direitos do Brasil em sua vida independente... Tive a honra de conviver de perto com muitos de nossos generais mais ilustres: Caxias, Porto Alegre, Osório, Barroso, Inhaúma e outros e, de todos tenho a fortuna de guardar apontamentos preciosos e provas escritas de seus afetos e estimas... Os sentimentos de minha mocidade para com o Exército e Marinha não se arrefeceram nunca, antes foram crescendo sempre, à medida que pude apreciar melhor a necessidade e conveniência dessas instituições, sem as quais, na posição que ocupa o Brasil neste continente, não se pode ter a prévia segurança da conservação da paz que ele tanto precisa e que precisam todos os povos”.

Era um apóstolo do desenvolvimento de poder militar dissuasório compatível. Diplomata de escol com alma de soldado, assim definia a relação soldado-diplomata:

“Eles são sócios que se prestam mútuo auxílio. Um expõe o direito e argumenta com ele em prol da comunidade. O outro bate-se para vingar o direito agredido, respondendo à violência com violência”.

O General Tasso Fragoso, ao retornar de Adido Militar na Argentina, a época da Questão de Palmas, foi encarregado de saudar Rio Branco no Clube Militar. Ressaltou sua ação **“na estabilização de nossas fronteiras, sem o recurso da força armada, por sustentar seus pontos de vista com o recurso de profundos e sólidos conhecimentos da História Militar do Brasil”**. E no Clube Militar o Barão é sempre lembrado em óleo entronizado no Gabinete do Presidente do Clube.

Tasso Fragoso, ao editar, em 1922, **A Batalha do Passo do Rosário**, a dedicou:

“À memória do Rio Branco, cuja ação e escritos são exemplos de extremado amor ao Brasil e de intensa fé nos seus gloriosos destinos. Como testemunho de admiração e de saudade”.

Na História atual temos exemplos de nações que preferiram acumular riquezas a gastá-las com forças armadas à altura de suas potencialidades. A

primeira foi o Líbano, a outrora Suíça do Oriente, que curtiu dolorosas feridas de uma prolongada luta fratricida por inspiração inclusive religiosa, que imolou milhares de inocentes e deixou marcas profundas em sua paisagem e nos corações de seus filhos. A segunda foi o Kuwait, riquíssimo, mas indefeso por opção, que acabou sendo invadido, e humilhado pelo Iraque e somente resgatado quase em ruínas após servir de palco a mais moderna e sofisticada guerra.

Eis as lições que o historiador militar brasileiro Barão do Rio Branco cedo aprendeu e que assim traduziu o General Aurélio de Góes Monteiro Chefe do Estado-Maior do Exército (EME) durante a 2ª Guerra Mundial:

“Na ordem internacional a melhor prova de sensatez e inteligência é amparar as boas intenções com as melhores armas possíveis”.

Pensamento que na atualidade creio impõe-se, salvo melhor juízo, aos eleitos pelo povo para dirigirem os seus destinos, construírem o mais urgente possível para o Brasil- Poder Militar dissuasório defensivo compatível!

E creio que inspirados em Rio Branco, O Chanceler da Paz e no Duque de Caxias, O Pacificador que o Brasil tem se destacado na preservação da Paz Mundial, se fazendo presente com destaque a serviço da ONU em diversas Missões de Paz. O Exército inspirado em sua canção: “A paz queremos com fervor! A guerra só nos causa dor! Porém se a pátria amada for um dia ultrajada.

Lutaremos com fervor!”

Dedico este estudo como homenagem ao Chanceler da Paz no centenário de seu falecimento, como subsídio à reflexão dos brasileiros que sinceramente procuram resposta para a pergunta: Forças Armadas Brasileiras para quê? Se dúvidas persistirem, recorra à História como o fez um dia o hoje esquecido pela mídia - Barão do Rio Branco, o Chanceler da Paz.

A morte deste grande brasileiro Barão de Rio Branco, que serviu ao Brasil no Império e 10 anos como Chanceler do Brasil na República causou consternação popular jamais vista no Brasil. Ela ocorreu num sábado de Carnaval que foi adiado por esta razão. A cidade do Rio de Janeiro inteira parou. O governo determinou que lhe fossem prestadas honras fúnebres de Chefe de Estado. Foi instalada no salão nobre do Palácio uma câmara ardente, com permanente Guarda de Honra por Oficiais da Marinha e do Exército. No dia 13, o cortejo fúnebre saiu do Itamaraty para o cemitério de São Francisco Xavier, no bairro do Caju, onde foi sepultado no mausoléu em que estavam os restos mortais do seu pai, o Visconde do Rio Branco. Uma multidão acompanhou o féretro, fazendo-lhe a escolta o 1º Regimento de Cavalaria (mais tarde designado “Dragões da Independência”). Ao longo de todo o trajeto foram postados efetivos da Marinha (uma Cia. de Marinheiros), do Exército, duas Divisões, sob o comando geral do Gen Div José Caetano de Faria, Chefe do Estado Maior e da Polícia Militar do Distrito Federal, num total de 3 a 4 mil homens. No Caju, uma bateria do 1º Regimento de Artilharia de Campanha disparou as 21 salvas cerimoniais enquanto, na baía de Guanabara, todos os navios da Esquadra do Brasil que ele ajudara a criar em 1910, também dispararam seus canhões e fizeram soar seus apitos incessantemente. Toda a Guarnição do Exército no Rio compareceu com os seus comandantes. Do Exército participaram, com seus respectivos Comandantes, as seguintes unidades: (Infantaria) 1º RI, 2º RI, 52 BC e 56 BC; (Artilharia) 1º RACmp e 20º GO; (Cavalaria) 1º RC e 13º RC. Da PMDF participaram 1º RI (PM), 1º RC(PM) e 5º BtlPM.

Publicações da época mostram fotos das multidões que acompanharam o féretro deste herói brasileiro em gratidão por sua superior atuação diplomática, razão de até o presente se constituir um ícone da Diplomacia Brasileira e nome e

inspiração do Instituto Rio Branco, que tem formado gerações de diplomatas brasileiros.

OSORIO SANTANA E RIO BRANCO - Comentários

Caro Cel Bento. Tenho uma grande admiração pelo Barão do Rio Branco. Ele não deixou nenhum problema de fronteira para o Brasil. Até 1909 a fronteira com o Uruguai era pelas barrancas dos rios Jaguarão e Quaraí, do lado de lá. Os pobres castelhanos, para dar água para os cavalos e as lavadeiras para lavarem as roupas tinham de virem às intendências dessas duas cidades para pagar a taxa da água. E toda a lagoa Mirim era do Brasil.

O que fez o Barão do Rio Branco, com poderes plenipotenciários, numa Conferência de Chanceleres? Declarou: Metade metade. A fronteira do Brasil com o Uruguai corre pelo meio de ambos os rios e parte da Lagoa Mirim. Houve no Uruguai uma comoção nacional vivendo o Barão.

Em outubro de 1996 estando eu em Montevidéu, encontrei uma estátua do Barão da altura de um prédio; mais adiante uma longa Avenida Barão de Rio Branco; mais um pouco um grande edifício, Barão do Rio Branco. Logo adiante encontrei três mocinhas que julguei serem estudantes e perguntei-lhes:

- Por quê vocês cultuam tanto a memória do Barão do Rio Branco?
- Si, si, José Maria da Silva Paranhos Hijo, lo maior de los brasilenos, el hombre que humanizou nuestras fronteras. responderam.

Esta resposta estava na ponta da língua daquelas moças. E nós o que sabemos dessa figura histórica, extraordinária, excepcional? Quando digo que o brasileiro de hoje não gosta do Brasil, querem me criticar.

Abraço. Osorio.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS E Vice-Presidente do IHTRGS
Academia General Rinaldo Pereira da Câmara
lecaminha@gmail.com

Nº 18 - Junho 2012 – Cel Cláudio Moreira Bento

HEROÍNAS NEGRAS E MULATAS DO RIO GRANDE DO SUL NA GUERRA DO PARAGUAI

Cel Cláudio Moreira Bento

(Transcrição das páginas 214 e 215 de meu livro **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul 1635-1975**. Porto Alegre: Grafosul/IEL/DAC/SEC, 1974, premiado em 1º Prêmio no Concurso de Monografias sobre a contribuição do Negro na integração sócio-cultural Sul-Rio-Grandense do certame de Letras “Biênio da Colonização e Imigração”).

A presença da mulher negra e da mulata no Rio Grande do Sul foi marcante na campanha da Guerra do Paraguai.

Muitas acompanharam seus maridos ou companheiros à guerra e os ajudavam em todas as tarefas, inclusive no combate.

Dionísio Cerqueira descreveu a atuação da mulher brasileira na guerra, não só da negra, como da branca e da índia, em número expressivo e naturais do Rio Grande do Sul, na maioria:

"Essas mulheres que seguiam o Exército (denominadas vivandeiras) não tinham medo de coisa alguma. Iam às posições avançadas mais perigosas, levar

a bóia (alimentação) dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi-as mais de uma vez achegaram-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancar o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los, no meio das balas, para os hospitais de sangue. Algumas trocavam as amazonas (saias) por bombachas nos dias de combate e as pontas de suas lanças formavam os salientes nas cargas dos seus regimentos".

É um homenagem que se está a dever à mulher do soldado da guerra do Paraguai. Talvez um dia esta descrição real seja imortalizada em bronze ou em óleo, como uma justa, embora tardia, homenagem à mulher rio-grandense, branca, preta, índia e mestiça, que atuou como combatente em nossas guerras do sul, em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil e da nossa Bandeira, a síntese das mais legítimas aspirações e objetivos do povo brasileiro.

Dionísio Cerqueira referiu-se a Anselmo Pureza, negro alto e musculoso que preparava sua comida e lavava sua roupa, além de afamado fabricante de cigarros. Anselmo havia sido recrutado no Rio de Janeiro pelo Exército, por ocasião de uma revolta na qual o povo pedia ao governo:

“Carne sem osso, farinha sem caroço e tocinho do grosso”

O soldado cuidava do armamento e sua mulher da alimentação, do seu moral e do fardamento. Ou traduzindo em expressões usadas no Exército de hoje “o soldado cuidava da atividade fim e sua mulher da atividade meio”.

Nota: Dionísio Cerqueira combateu nesta guerra como Alferes vindo da Escola Militar da Praia Vermelha. Mais tarde traduziu suas memórias do conflito na obra Reminiscências da Campanha do Paraguai. Rio de Janeiro: BIBLIEx, com diversas edições. Ele como coronel comandou o Casarão da Várzea em 1891 como Escola Militar de Porto Alegre, conforme registramos às p. 84/87 na obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis História do Casarão da Várzea 1885-2008. ReseA Participação de Imigrantes Europeus Veteranos da I Guerra Mundial na Revolução de 1924 em São Paulo

Nº 20 - Junho de 2012 – Cel Cláudio Moreira Bento

O 80º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO DE 1932 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Cel Cláudio Moreira Bento (*)

Em 1º de março de 1996, no contexto de um encontro do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Centro de Reabilitação de Itatiaia (CRI) e Associação Educacional Dom Bosco (AEDB), nos coube, com o seu 3º Vice presidente, coordenar o encontro sob o título “A Presença Militar no Vale do Paraíba”. Nesta ocasião, fundamos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), destinada a desenvolver a História das Forças Terrestres Brasileiras (FTB): Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Policiais e Bombeiros

Militares. E nesta missão, como não podia deixar de ser, ocorreram diversas abordagens sobre este histórico movimento do ponto de vista governista e

revolucionário. Este foi o predominante!

O objetivo primordial da AHIMTB era levantar, na História Militar Brasileira, subsídios de Arte e Ciência Militar Brasileira, com o objetivo de servirem à instrução dos quadros da FTB e contribuírem para o desenvolvimento progressivo de uma doutrina militar brasileira genuína, sonho de Duque de Caxias em 1862, o que se impõe hoje, mais do que antes, para um Brasil grande potencia econômica e social, mas longe de ser considerado uma potência militar. Coerente com a ideia, consagrada pelo pensamento militar mundial, de que “País para ser rico deve ser militarmente forte”. Ou também fiel a este princípio universal: “Se queres a Paz, prepara-te para a Guerra”.

Desde minha infância em Canguçu-RS, minha terra natal, ouvia falar na Revolução de 32 e sua projeção local, através de seus filhos que, integrando o 9º RI de Pelotas, combateram a Revolução no Vale do Paraíba e, sobre o Combate do Cerro Alegre, na vizinha Piratini², quando ali foi aprisionado o ex-Presidente gaúcho, Antônio Augusto Borges de Medeiros, que saíra em campo em defesa dos paulistas, isto no dia 20 de setembro de 1932, no 97º aniversário do início da Revolução Farroupilha.

E daí por diante sempre estudamos este movimento, traduzindo-o em artigo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo como fruto de palestra que realizamos a pedido do IEV em Cruzeiro/SP. Trabalho que divulgamos em artigo A Revolução Paulista de 1932 - Operações Militares na Revista A Defesa Nacional nº 760, abr/jun 1993, p.25/58. E na mesma revista em seu nº 775, jan/mar, 1997 publicamos artigo Operações da Aviação do Exército em Resende na Revolução de 1932. Abordamos o tema na publicação História da Polícia Militar de São Paulo, publicado pela PMSP em seu sesquicentenário. Esta Revolução se projetou na minha comunidade natal no nome de suas duas primeiras agremiações futebolísticas, O Cruzeiro e o Itararé, nomes levado por participantes canguçuenses do combate a Revolução de 32.

Como membro da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército de 1971/74 compulsamos a documentação do Exército relativa a esta Revolução e desconhecida dos revolucionários.

Mas vamos a outras considerações neste 80º aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932, que está para São Paulo como a Revolução Farroupilha (1835/45) está para o Rio Grande do Sul³.

Recordo que a TV CULTURA de São Paulo levou ao ar, em 9 de julho de 2007, programa especial comemorativo dos 75 anos da Revolução de 1932, apresentando um debate na Assembléia de São Paulo e reportagens de estudantes de jornalismo nas frentes onde se desenrolaram os combates.

A AHIMTB participou diretamente do debate através desta Presidência, a convite da TV Cultura, na área Cruzeiro-Tunel da Mantiqueira-Passa Quatro. E também o seu acadêmico emérito Hernani Donato, autor do precioso livro Dicionário das Batalhas Brasileiras e que é autoridade no tema de 1932. Participaram, indiretamente, o patrono da Delegacia da AHIMTB em São Paulo, o General Bertoldo Klinger, comandante militar do movimento em São Paulo, e mais

² Antiga capital farroupilha.

Esta Revolução foi episódio histórico sobre o qual escrevi o livro *O Exército farrapo e os seus chefes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2 v., 1992. Livro em que foi demonstrado que a Revolução Farroupilha foi um laboratório de táticas e estratégias militares gaúchas. E, mais do que isto, uma escola de líderes de combate que, depois de combaterem quase 10 anos em campos opostos como republicanos farrapos e imperiais, irmanaram-se na defesa do Brasil nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851/52), contra Aguirre em 1864 e contra o governo do Paraguai (1865/70).

o seu patrono de Cadeira Especial o Coronel Médico da Polícia Militar de Minas, Juscelino Kubitschek, na frente Mineira. Esta, foi a que atacou e venceu a forte resistência paulista no túnel e maciço da Mantiqueira, que separava os atacantes mineiros em Passa Quatro e os paulistas, que disputaram a ferro e fogo o domínio do Acidente Capital, na cidade de Cruzeiro, entroncamento ferroviário estratégico. Disputa da qual o Capitão Médico Juscelino relatou detalhes em carta.

O General Klinger não havia se consagrado como um estrategista e tático militar, e sim como um grande artilheiro que, com seus estudos na Alemanha em 1912, e dedicação ao assunto, muito desenvolveu a Artilharia do Exército, cujos progressos ele transmitia principalmente através de seus numerosos artigos na Revista A Defesa Nacional, a qual ajudou a fundar com outros “Jovens Turcos”⁴ em 1913 os quais, através da citada revista, promoveram uma revolução cultural no Exército.

Ensinamentos de Artilharia de Klinger que foram muito usados por nossa Artilharia na FEB, conforme reconheceu o seu amigo que comandou a FEB, o Marechal Mascarenhas de Moraes. Klinger fora o mais brilhante aluno que estudou na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo, podendo ter concluído seu curso de três anos em um só, mas lhe foi permitido concluir em dois, sendo o único a receber como prêmio um espadim distintivo de sua aplicação e brilho estudantil, o qual depois mandou banhar em ouro, doando-o à Campanha do Ouro em São Paulo em 1932, e que hoje se encontra em um museu paulista.

Biografamos Bertoldo Klinger, em seu centenário, na Revista A Defesa Nacional nº 711, jan/fev 1991. A ele muito devemos o trabalho de resgate da História da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo em nosso livro Escolas Militares em Rio Pardo 1859/1911, em parceria com o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e prefaciado pelo acadêmico Gen Ex Renato César Tibau da Costa, então comandante do Comando Militar do Sul e hoje presidente do Clube Militar. Escola Militar onde estudaram, entre outros, Getúlio Vargas, Eurico Dutra, Mascarenhas de Moraes e o Coronel Pantaleão Pessoa. Este seria o Chefe do Estado-Maior do General Góis Monteiro que redigiu os termos da Convenção Militar que colocou fim no movimento de 1932, a maior luta interna do Brasil, na qual “era reconhecida a extraordinária persistência e bravura com se bateram os paulistas”, em defesa de suas verdades.

Abordamos a Revolução de 32 em Cruzeiro, SP, em palestra no 60º aniversário da mesma, em 1992, a convite do IEV, cujo texto publicamos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entidade de que somos sócio desde 1977, tendo como patrono o paulistano Cel Diogo Moraes de Arouche Lara, o 1º historiador militar do Brasil como Reino Unido. Cadeira inaugurada na AHIMTB pelo historiador Hernani Donato, elevado a acadêmico emérito, sendo hoje seu titular o notável historiador sorocabano Adilson Cesar. Abordamos a Revolução de 32, novamente, do ponto de vista militar crítico na boca do Túnel, em Passa Quatro, para a TV Cultura, por meio de uma análise doutrinária militar, ressaltando a importância estratégica desta posição, o mais

⁴ Os “jovens turcos” eram oficiais do Exército brasileiro que estagiaram no Exército alemão durante os anos de 1906 a 1912. Ao retornarem ao Brasil iniciaram uma campanha de modernização do Exército, que, desde o início, extrapolou os limites da caserna ao propor mudanças no meio civil, que abarcavam desde o desenvolvimento da indústria de base até a aplicação do serviço militar obrigatório. Nesse afã modernizador, os “jovens turcos” acabaram desenvolvendo um pensamento político conservador e favorável à intervenção do Exército na política, pois, segundo a visão do grupo, as Forças Armadas representavam as únicas instituições verdadeiramente nacionais, que, portanto, estavam aptas a liderar um amplo processo de desenvolvimento nacional. Ademais, consideramos que os “jovens turcos” foram os precursores da ideologia de segurança nacional, que, décadas mais tarde, caracterizaria a ação da Escola Superior de Guerra, fundada em 1949 (Encontro de História da Anpuh: <http://encontro2008.rj.anpuh.org>).

importante Acidente Capital da Revolução que, de posse dos paulistas, assegurava proteção do seu dispositivo no Vale do Paraíba, dispositivo que alcançou os limites de São Paulo/Rio de Janeiro. Acidente Capital que, de posse dos governistas, em Cruzeiro, isolariam o dispositivo paulista entre Cruzeiro e Resende, ao longo dos eixos ferroviário e rodoviário. E que depois de operada a junção da frente Leste no Vale do Paraíba com a Frente Mineira decretava o fim da capacidade defensiva tática dos revolucionários. E foi o que aconteceu!

Percebendo a importância da posição, em 10 de julho, dia seguinte ao estouro da Revolução, o revolucionário Coronel Sampaio, que segundo consta seria descendente do heroico General Antônio de Sampaio, patrono da Infantaria do Exército, fortificou o maciço e o túnel, para assim cobrar alto preço por sua conquista pelas tropas governistas da Frente Mineira.

No debate na Assembleia de São Paulo chamaram minha atenção as preciosas considerações históricas do nosso acadêmico emérito Hernani Donato, sobre o valor do povo paulista no conflito, que considero o mais notável exercício de Mobilização Geral ocorrido no Brasil e riquíssimo em lições de Logística, bem como a participação militar, geralmente esquecida do esforço revolucionário no Rio Grande do Sul, Bahia, Mato Grosso, Amazonas e Belém. De fato foi notável e comovente a resposta do Povo Paulista à convocação para a luta, como ressaltai na entrevista a TV Cultura no Túnel da Mantiqueira. Muito apreciei o debate esclarecedor e democrático na Assembleia de São Paulo, como as considerações da professora Ilka Cohen, historiadora social, de que a Revolução foi promovida por elites oligárquicas depostas pela Revolução de 30. E ao que nos pareceu houve consenso entre os debatedores. Igualmente apreciei as considerações do professor Rogério Batistini Mendes, professor da Escola de Sociologia e Política, bem como a equilibrada participação do repórter moderador dos debates e perguntas dos universitários assistentes. Debate muito esclarecedor na procura da verdade, sem maniqueísmo, assegurando o contraditório, a determinadas posições mitificadas. E, em especial a dos professores Rogério e Ilka que expuseram os pontos de vistas dos governistas. Interessante foi a Guerra Psicológica mencionada por Hernani Donato desenvolvida pelas lideranças da Revolução sobre o Povo Paulista e a dos governistas sobre o restante do Brasil. E ambos exagerando intenções indignas de cada contendor. Confirmando assim que na guerra a “primeira vítima é a verdade”. Ou que “em tempo de guerra a mentira é como terra”. Concordamos com o confrade Hernani Donato de que a Revolução militarmente nasceu morta e que embora ela tivesse inicialmente uma ideia ofensiva visando atingir o Rio, ela foi defensiva e não explorou o efeito surpresa. Resultado: o seu isolamento e bloqueio e liberdade total para o Governo fazer cerrar para a frente de combate recursos de toda a ordem.

O professor Rogério colocou muito bem questões do lado dos governistas, o que é difícil colocar face à ainda possível paixão, como no caso da Revolução Federalista (RS/1893/95) e Revolta na Armada (1893/95), em razão da lembrança das atrocidades cometidas por ambos os contendores contra o adversário, por serem conduzidas por lideranças civis, com tropas civis sem o conhecimento de Ciência e Arte Militar.

Na entrevista à TV Cultura no Túnel, mencionei o esforço gaúcho sobre a liderança de Borges de Medeiros e Batista Luzardo que teve seu epílogo em 20 de setembro de 1932, em Piratini, exatamente a 97 anos da eclosão da Revolução Farroupilha, com a derrota e prisão dos líderes gaúchos em Cerro

Alegre, que formaram ao lado dos paulistas⁵.

Lamento que nossa contribuição à TV Cultura não tenha sido mais bem aproveitada e citada nos agradecimentos à AHIMTB, à qual eu e Hernani Donato integramos como historiadores militares⁶.

Os expositores das outras frentes, que eram predominantemente moças, foram brilhantes, em especial a que lia o Diário de Getúlio, inclusive numa tomada em frente ao Monumento do General Osório no Rio (bicentenário em 2008) e tema de meu livro General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro⁷. Mas foi um documentário sem rival no qual muito aprendi com o debate dos integrantes da mesma e as interessantes perguntas do coordenador. Privamos com dois oficiais do Exército, nossos particulares amigos que, quando jovens combateram como soldados da Revolução de 32, o Cel Edgar Barreto Bernardes, filho de Itatiaia e que nos prestou depoimento sobre sua participação como revolucionário paulista, o qual publicamos na Revista da Academia Itatiaense de História nº 1 em 2005, às p. 23/25. E o General Carlos de Meira Mattos, herói de nossa FEB e notável geopolítico brasileiro, filho de São Carlos, e hoje patrono de cadeira especial na FAHIMTB, sucessora da AHIMTB, na qual foi o 1º a ser empossado como acadêmico.

(*) Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e AHIMTB/Resende - Academia Marechal Mário Travassos, sucessoras da AHIMTB, em 23 de abril de 1911, Bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras e do Instituto de História e Tradições do Rio

A Revolução de 1924

Cel. Cláudio Moreira Bento Historiador Militar e Jornalista, Presidente da FAHIMTB

Na madrugada de 5 de Julho de 1924, irrompeu em São Paulo capital a chamada Revolução de 1924, contra o governo do Presidente Arthur Bernardes.

Esta Revolta desdobrou-se em duas fases. Na primeira, os revoltosos ocuparam a capital e algumas cidades paulistas. Na segunda fase, forçados por tropas legais, deixaram a capital. Mais tarde se uniram aos revoltosos gaúchos e formaram a Coluna Miguel Costa/ Prestes que durante dois anos marchou através do Brasil.

⁵ No local, por pouco, não foi aprisionado meu pai, prefeito de Canguçu, que se dirigia para encontrar-se com Borges de Medeiros, do qual seu pai Cel GN Genes Gentil Bento fora seu Chefe de Polícia, Secretário e organizador da defesa de Porto Alegre com a Guarda Republicana em 1923.

⁶ AHIMTB que possui em São Paulo quatro Delegacias tendo como patronos o historiador militar Cel PMSP Pedro Dias Campos na Associação de Oficiais da Reserva da PMSP e como patronos de cadeiras especiais os generais Miguel Costa e Marcondes Salgado e, também consagrado patrono de cadeira em vida, o Cel PMSP Edilberto de Oliveira Mello, o maior historiador militar contemporâneo da PMSP. E no Comando Militar do Sudeste (CMSE), como patrono, o General Bertoldo Klinger. Em Sorocaba o historiador da Revolução de 1842, Aluisio de Almeida, e em Campinas o Marechal Mário Travassos. Atribuímos isso à percepção equivocada da Sociedade Brasileira de que a responsabilidade pela Defesa Nacional é de suas Forças Armadas, quando estas em realidade são o braço armado do Povo Brasileiro, o qual é o responsável pela eleição de seus dirigentes no Poder Executivo e Legislativo que, em realidade, são os responsáveis, historicamente, pela Defesa Nacional e, por via de consequência, com o dever de bem armarem as Forças Armadas, como braço armado do Povo Brasileiro e com os meios compatíveis para bem atenderem esta lei da História Militar Mundial "Se queres a paz, prepara-te para a guerra".

⁷ Herói que teve seu batismo de fogo entre cavalaria paulistas da Legião de São Paulo, na Guerra da Independência na Província Cisplatina.



O confronto das tropas legais na capital de São Paulo com os revolucionários, sob a liderança do General Isidoro Dias Lopes, foi violentíssimo e aterrador.

Depois de 22 dias de resistência, os revolucionários embarcaram em trem rumo a Bauru. E, forçados, atravessaram o Paraná e estabeleceram, entre Catanduvas e Guará, uma linha de defesa onde resistiram três meses. A seguir, teve curso a Coluna Miguel Costa/ Prestes.

No combate aos revoltosos no Paraná, o Gen. Ex Armando Luiz Malan de Paiva Chaves, ao estudar o Relatório do Destacamento Malan, comandado por seu avô General Alfredo Malan D'Angrone, teve sua atenção despertada pelo informe de um prisioneiro dando conta que um batalhão de alemães, composto de veteranos da 1ª Guerra Mundial, formava a vanguarda revolucionária, estando abundantemente equipados de fuzis e metralhadoras. E continuou, o Gen Paiva Chaves, pesquisando a presença de imigrantes europeus na revolta.

Em realidade, os revoltosos procuraram reforçar suas forças com o concurso de imigrantes europeus, de preferência veteranos da 1ª Guerra Mundial, conforme se concluiu da História da Revolução de 1924 na História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo, publicado em 1972, v.3, p. 905/919 e no livro A Noite das Grandes Fogueiras, de Domingos Meireles (Ed. Record, 1995). E que cada batalhão teria recebido uniformes, armas e munições. Seus oficiais teriam sido escolhidos em função de documentos de seus países atestando, cada um, haver ocupado postos e graduações militares na Grande Guerra.



O Estado-Maior das tropas legalistas, durante a revolução (A Cigarra, julho de 1924)

O Batalhão Húngaro

O Batalhão Húngaro era comandado por Maximiliano Ágid e foi baseado na Av. Tiradentes, nº 15. Seus soldados teriam recém chegado ao Brasil, sendo de diversas profissões, inclusive Paul Harmath, jornalista em São Paulo e ex-correspondente na 1ª Guerra e que tinha entre suas missões, enviar para jornais europeus notícias da Revolução. Constava que havia também Adalberto Kardos, ex-detetive da Polícia de Budapeste.

Dos 122 que teriam se alistado no Batalhão Húngaro, 13 seriam oficiais com alguma experiência em combate.

A missão inicial que teriam recebido seria a de policiar São Paulo, a cavalo, proteger o patrimônio público, impedir saques no comércio e vigiar casas abandonadas por seus moradores. A Colônia Húngara de São Paulo era de cerca de 6.000 habitantes distribuídos nos bairros da Lapa e Vila Pompéia.

O Batalhão Alemão

O Batalhão Alemão foi localizado próximo ao Batalhão Húngaro e passou a ser denominado Batalhão Patriótico da Colônia Alemã.

Seu comandante era João Joaquim Tuchen que, junto ao Capitão Arnaldo Kühn comunicar-se-iam, ambos, com o Batalhão em português. E que toda a documentação do Batalhão teria sido escrita em Alemão.

Teriam sido logo enviados para missões de combate. O mecânico Edvald Bremesk, chefiava a Seção de Metralhadoras. Gerhard Najes, veterano da Artilharia Alemã, seria o responsável pela manutenção dos canhões da Revolução. Segundo um informe, o Batalhão Alemão possuía 650 homens, sendo 200 alemães e 80 italianos. Os restantes 370 eram brasileiros.

O Coronel João Francisco Pereira de Souza, que passou a ser conhecido como a Hiena do Cati, no comando de seu modelar quartel na fronteira em

Santana do Livramento, assim referiu-se sobre os estrangeiros ao Capitão Távora, depois da derrota revolucionária em Três Lagoas: “Queira aceitar e transmitir a seus comandados, esses intemoratos alemães e aos não menos bravos italianos que com os nossos estoicos e temerários patrícios constituem a sua coluna...”



Um carro de combate Renault FT-17 com torre redonda e canhão Puteaux de 37mm, durante a Revolução de 1924. Vê-se a barra de sustentação, para ajudar na travessia de trincheiras e fossas, onde se encontram presas algumas correntes e diversos utensílios da tropa, como mochilas, cobertores, e outros objetos.

Uma companhia deste Batalhão, ao ter a oportunidade de atravessarem o rio Paraguai de navio, desertou para o Paraguai. Somente dois oficiais da Companhia não teriam desertado.

O Batalhão Italiano

O Batalhão Italiano tinha como um de seus principais líderes Lamberte Sorrentino. Seus integrantes, em sua maioria teriam sido anarquistas e propagadores de ideias libertárias. Teriam vindo de Nápoles, Veneto, Sicília e Calábria.

A Motivação dos Imigrantes para Lutar pela Revolução de 1924

Os anarquistas teriam participado por questões ideológicas. Mas a maioria recém-chegada ao Brasil teria sido atraída pela remuneração.

Um capitão receberia 30 mil réis por dia. Um tenente 25 mil e um soldado 10 mil. Para estimular o ânimo dos imigrantes mercenários, o Comando Revolucionário teria lhes adiantado 20 dias de soldo. Teria cabido aos imigrantes cavarem fossos anti-carro para conter os carros de combate recém-recebidos pelo Exército.

A Contribuição dos Imigrantes Europeus

Oficiais revolucionários adaptaram com blindagem um trem na Estação da Luz, com o concurso de um engenheiro húngaro e técnicos alemães. E teriam ido mais longe, ao montarem um carro de assalto sobre a carroceria de um caminhão Ford.

Com o concurso de mão de obra estrangeira os revolucionários teriam fabricado granadas e munição de Artilharia nas oficinas da ferrovia de São Paulo. O comandante Agid, do Batalhão Húngaro, teria supervisionado a fabricação de bombas incendiárias. Os engenheiros alemães Kerlen e Nicolau Kotchetoff teriam comemorado, orgulhosos, as suas contribuições técnicas.

O Tenente Eduardo Gomes, observador aéreo de Artilharia, levantou vôo no Campo de Marte, a bordo de um avião Oriole, pilotado pelo europeu Carlos Arder.

A Aeronave Oriole foi testada por dois pilotos veteranos da 1ª Guerra Mundial, um alemão e o italiano Lucio Gordenes, incorporados ao serviço de Aviação das Forças Revolucionárias. Aviadores legais e revolucionários sobrevoaram São Paulo, mas não houve nenhum bombardeio.

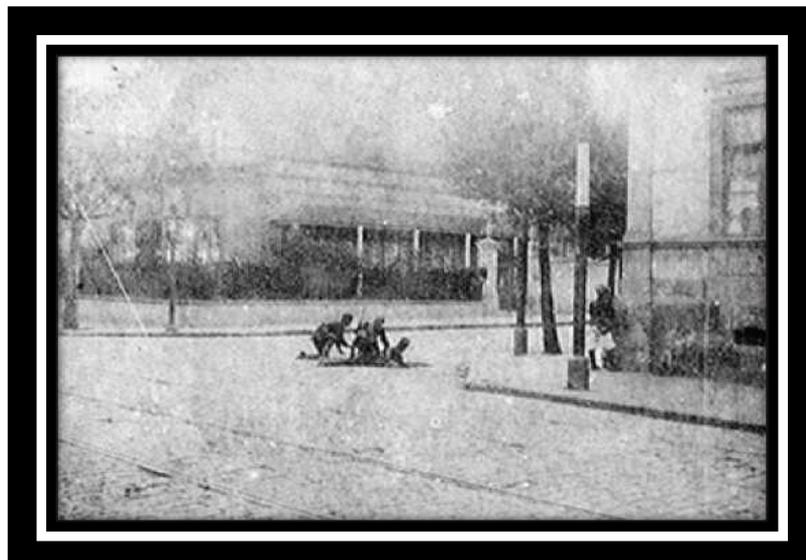
Reações da Alemanha e do Governo Brasileiro Contra os Imigrantes Mercenários

Os alemães teriam ficado preocupados com a ameaça estampada na primeira página do Jornal do Commercio, no qual o Consulado alemão lembrava aos nacionais “que, de acordo com a legislação da Alemanha, perdem a nacionalidade alemã todos aqueles que aceitarem emprego de um Governo estrangeiro ou entrarem no Serviço Militar de potência estrangeira”.

O Consulado já se manifestara contra o envolvimento cada vez maior de alemães com o movimento revolucionário. No início, fora uma advertência, uma condenação meramente formal, de natureza ética e sem ameaças, um convite aos alemães radicados em São Paulo, a fazerem uma reflexão sobre a atitude que estavam tomando. Desta vez, o Consulado ameaçava castigar os integrantes do Batalhão Alemão com a perda da cidadania.

Com base na montanha de documentos que os revolucionários abandonaram ao deixar a cidade, a Polícia instaurou dezenas de inquéritos. O Governo aproveitou a situação para mais uma vez denunciar o envolvimento dos imigrantes com o movimento revolucionário. Com base nas provas recolhidas em vários endereços da capital paulista, foram reativadas as denúncias de que os revolucionários haviam contratado mercenários estrangeiros para matar soldados brasileiros.

A mesma acusação fora feita durante a ocupação de São Paulo. O general Isidoro viu-se moralmente obrigado a esclarecer, através dos jornais, que não estava utilizando a experiência de artilheiros estrangeiros para atirar contra as tropas do Exército.



Combate nas ruas de São Paulo, 1924 (Acervo AHMWL/SMC)

As guarnições dos canhões dos revolucionários, de acordo com a nota oficial assinada por Isidoro, era formada exclusivamente por brasileiros, em sua maioria oficiais do próprio Exército que haviam aderido à Revolução.

A Polícia também acusou os revolucionários de terem contratado pilotos mercenários, como Alberto Comeli e Lúcio Gordines, italianos, Fritz Roesler, alemão, e Carlos Herdler, tcheco-eslovaco, para prestar serviços à aviação rebelde.

A morte dos oficiais alemães Ende, Kannegiesse e João Mentzel em Campo Japonês, durante a batalha de Três Lagoas, em Mato Grosso, foi também explorada pelo Governo, para provar que os rebeldes não têm escrúpulos em continuar pagando estrangeiros para matar brasileiros.

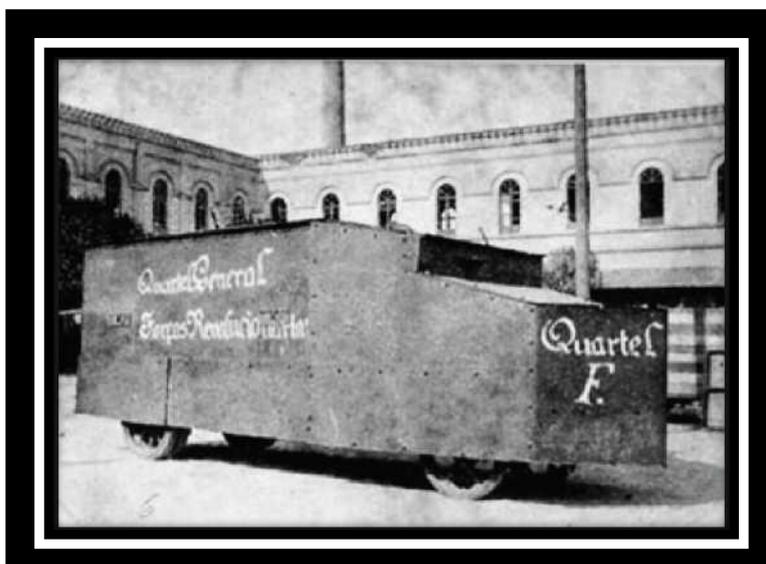
As acusações se escudavam na documentação apreendida pela Polícia. Uma carta do engenheiro alemão Henrique Hacker ao general Isidoro mostrava, por exemplo, o nível de envolvimento de alguns prósperos representantes da colônia alemã com o movimento revolucionário.

O volume de documentos sobre a participação de imigrantes era tão grande que o Governo decidiu instalar um IPM só para investigar a participação de estrangeiros na revolução.

Tradutores juramentados foram contratados para classificar e traduzir a papelada recolhida nos quartéis dos batalhões rebeldes. Os primeiros interrogados foram os imigrantes presos ainda em São Paulo e os que caíram prisioneiros em Campo Japonês.

A Polícia descobriu que a maioria dos combatentes não era formada por soldados profissionais, mas por um exército de desempregados, muitos extremamente jovens, como o doceiro Wilhelm Stuff, de 18 anos, de nacionalidade alemã, ferido por estilhaço de granada, e o iugoslavo Jacob Tescho, também de 18 anos, camponês, há pouco mais de seis meses no Brasil.

Muitos tinham sido empurrados para as fileiras rebeldes não só por suas ideias anarquistas, mas pela fome e pelo desespero. O ex-garçon austríaco João Dugaesek, 37 anos, desempregado e com a mulher doente, foi um dos 24 estrangeiros que cavaram trincheiras e lutaram contra o Governo em troca de comida.



Um carro blindado construído improvisadamente para a revolução

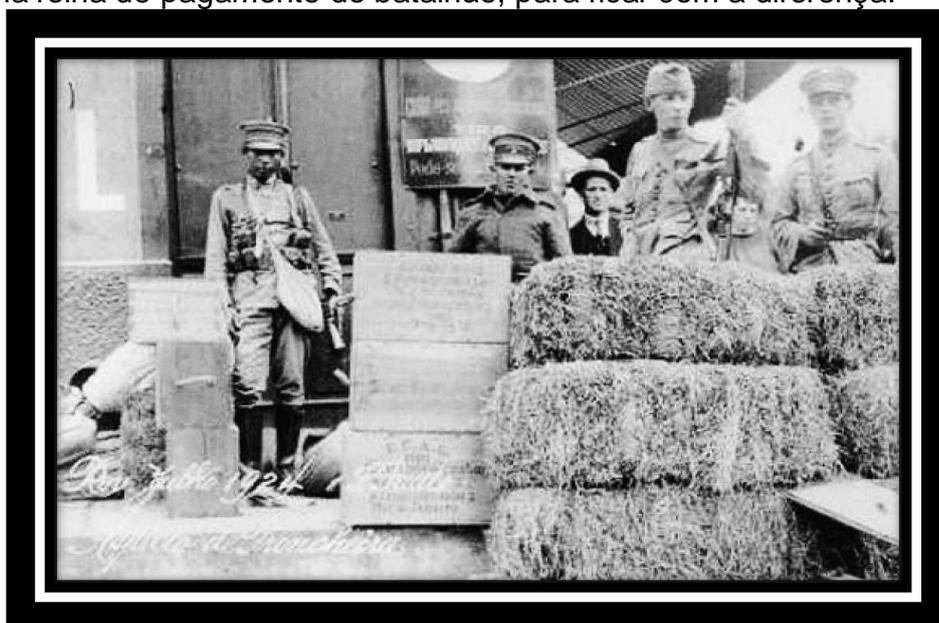
Alguns eram apenas descendentes de imigrantes, como Reinaldo Husemann, 18 anos, brasileiro filho de alemão, que se alistou como voluntário para combater nas trincheiras da Avenida Paulista com a Rua da Consolação. Só uns poucos tinham sido militares e lutado por seus países durante a Primeira Guerra Mundial.

Cada unidade foi investigada separadamente por um delegado especial com a ajuda de um tradutor juramentado.

Ao se debruçar sobre a contabilidade do Batalhão Húngaro, encontrada no número 15 da Avenida Tiradentes, o tradutor teria arregalado os olhos, com ar de espanto, e começado a falar sozinho, em voz alta. A expressão do rosto seria de perplexidade: - Mas o que é isto? Gyla Hegedues é um dos maiores astros da Hungria, membro do Grande Teatro Vigazinhaz, de Budapeste! Anatole Holub é um campeão de luta romana! Alajos Herceg é o nome de um conhecido meu, comerciante em Budapeste! Gabor Corponli e Gedeon Radar são homens públicos do meu país!

O delegado Alfredo de Assis, que presidiu o inquérito, não teria acreditado no que acabara de ouvir. A lista de pagamento de soldos do Batalhão Húngaro era um deboche. O comandante Maximiliano Agid não passaria de um aventureiro internacional, espertalhão sem escrúpulos, que enganara os revolucionários com uma lista de falsos combatentes.

Agid teria superfaturado as despesas com seus homens plantando 33 soldados-fantasmas na folha de pagamento do batalhão, para ficar com a diferença.



Interessante fotografia de uma trincheira, localizada na esquina da rua Conselheiro Crispiniano com a avenida São João, em julho de 1924.

A farsa de Agid fora descoberta por acaso pelo intérprete, ao examinar a lista de estrangeiros alistados entre os combatentes húngaros. Agid teria chegado a incluir na relação de soldados sob seu comando, romancistas, um rei do século XV, Maryas Kiraly, bailarinos, foragidos da justiça e nomes de lojas comerciais, repartições públicas e cidades de veraneio da Hungria. A lista de combatentes transformou-se em mote para piadas contra os revolucionários.

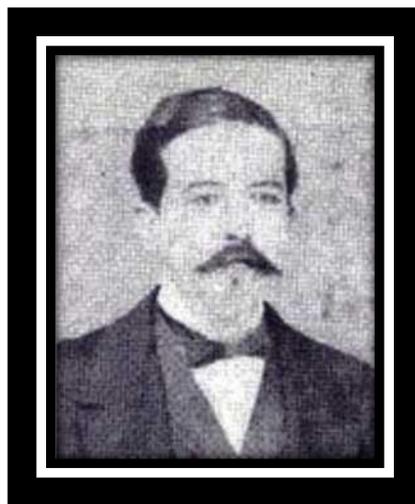
O Presidente Arthur Bernardes teria usado o escândalo para tentar, mais uma vez, desmoralizar a revolução. Além de ridicularizar o general Isidoro Dias Lopes, ao divulgar que este fora ludibriado por um vigarista, o Governo teria aproveitado a

oportunidade para denunciar que a Revolução estava cercada por uma “gang” de mercenários e aventureiros internacionais.

A bibliografia citada contém mais detalhes, inclusive de mortos em combate e, em especial, do Batalhão Alemão, assinalados pelo General Armando Luiz de Paiva Chaves em pesquisa que nonde: AHIMTB, 2009

Nº 24 Agosto de 2012 – Cel Cláudio Moreira Bento

MARECHAL JOÃO DE SOUZA FONSECA COSTA (1823-1902) - O HERDEIRO DA ESPADA DE CAMPANHA DO DUQUE DE CAXIAS



Cel Cláudio Moreira Bento(x)

O Marquês de Caxias referiu-se a este esquecido personagem da forma abaixo, como registro no livro **Caxias e a unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, 2003), quando tratamos do Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes do Exército e cópia fiel em escala da invicta espada de seis campanhas do Patrono do Exército e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB). Herói esquecido que, como tenente, foi o Ajudante de Ordens de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) e, como coronel, o seu chefe de Estado-Maior na Guerra do Paraguai (1865-70).

- Marechal João de Souza Fonseca Costa -

“Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço político a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo, transmitindo minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação dos riscos e perigos decorrentes”.

Tanto era o apreço de Caxias pelo então Barão da Penha que no testamento (1874), assim manifestou sua vontade e consideração ao seu heróico Chefe de Estado-Maior na Guerra do Paraguai: *“Deixo ao meu amigo e companheiro de trabalho João de Souza Fonseca Costa, como sinal de lembrança, todas as minhas armas, inclusive a espada com que comandeí seis vezes, em campanha, e o cavalo de minha montaria, com os arreios melhores que tiver no momento de minha de minha morte”.*

O Marechal de Exército e Visconde da Penha foi esquecido e permanecia sob a pátina dos tempos, de onde o resgatamos em homenagem a Caxias, que pioneiramente sonhou, segundo o historiador e acadêmico da FAHIMTB Cel Amerino Raposo Filho, com uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira genuína quando Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros. Ocasão em que adaptou às realidades operacionais sul-americanas, as quais vivenciara, a Doutrina Militar Terrestre de Portugal, de influência inglesa, feita para as realidades europeias. E enfatizou Caxias:

“...até que o Brasil disponha de uma Doutrina Militar Terrestre genuína”.

É sonho ainda por realizar!

Assim, revelamos a vida do notável soldado, que partilhou com Caxias todas as glórias conquistadas. Fonseca Costa é patrono de cadeira especial da FAHIMTB como o pioneiro das Comunicações em combate, a serviço do Exército Brasileiro em Operações.

João nasceu no Rio em 30Abr1823 e faleceu em Paris em 09Jan1902, para onde emigrara acompanhando no exílio a Família Imperial, decorrente da Proclamação da República, e levando com ele a invicta espada de Caxias. Coursou a Escola Militar do Largo de São Francisco, bicentenária em 2011 e focalizada no livro: **2010 - 200 anos da criação da Academia Real Militar a Academia Militar das Agulhas Negras** (Resende: AHIMTB, 2010). Fonseca manteve consigo a espada por 12 anos.

Em 1902 a relíquia, que figura no brasão da FAHIMTB, retornou ao Brasil, tendo ficado com o Contra-Almirante Caetano T. Fonseca Costa (neto), oficial que, num gesto de nobreza e patriotismo doou-a, em 1925, através do Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Em 1930, o Cel José Pessoa, comandante da Escola Militar do Realengo, copiou-a, com apoio do Ministro da Guerra Gen Leite de Castro criando, à sua semelhança, em miniatura, o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes do Exército, para que **“Caxias, O Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Exército, de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr”.**

No Largo do Machado, Praça Duque de Caxias, defronte à casa onde residiu o Visconde da Penha teve lugar, em 16Dez1932, junto à estátua de Caxias (hoje defronte ao Palácio Duque de Caxias, Av. Rio Branco, Rio) a primeira entrega do Espadim aos cadetes do Exército. Cerimônia que detalhamos em *‘Histórico da Espada e do Espadim de Caxias’* em nosso já citado **Caxias e a Unidade Nacional** (p.175/181) e em artigo *‘O espadim dos cadetes do Exército, histórico, tradições, simbolismo’* na **Revista do IHGB** (nº 326, p. 93/105, jan/mar 1980).

E do IHGB, onde se encontra há 85 anos, somente de lá saiu levada por oficiais do Exército (sócios), com pompa e circunstância.

A primeira vez, até a Escola Militar do Realengo, em 1939, levada pelo historiador Major Jonas Correa e colocada defronte ao Corpo de Cadetes, formado, e tendo ao lado a espada do General San Martín. A segunda e terceira vez por este autor levada, na condição de instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras e de sócio do IHGB, no comando de uma Guarda de Honra e Segurança integrada por Cadetes, do Rio à Resende. Em 1978, em homenagem ao Presidente João Figueiredo, o primeiro detentor do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da República. Finalmente, em 1980, no Centenário da morte do Duque de Caxias, comemorado nacionalmente na AMAN.

(x) Historiador militar brasileiro e jornalista, Presidente da FAHIMTB e da AHIMTB/Resende - Academia Marechal Mário Travassos.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice-presidente do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

Nº 46 – Março de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

MARECHAL FERNANDO SETEMBRINO DE CARVALHO - O PACIFICADOR DA REVOLTA DO CONTESTADO 1912/16 - PERFIL MILITAR



Cel Cláudio Moreira Bento - Presidente da FAHIMTB e do IHTRGS

O Marechal Fernando Setembrino de Carvalho (1861-1947) foi o pacificador da Revolta do Contestado de 1914-16. Ele nasceu em Uruguaiana-RS em 13 de setembro. Quatro anos depois, Uruguaiana foi invadida e mantida por tropas paraguaias até estas se renderem em presença do Imperador D. Pedro II, conforme abordamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada** (vide bibliografia). Ele faleceu no Rio de Janeiro em 24 de maio de 1947, com 85 anos incompletos.

Síntese da evolução de sua carreira militar por suas promoções

Praça em 20 Out 1877 em Porto Alegre no 12º Batalhão de Infantaria, unidade que integrou a Divisão Provisória a seu comando no Contestado, depois de decorridos 37 anos. **Alferes-Aluno** em 4 Mar 1882 na Escola Militar de Porto Alegre, no bairro Praia de Belas, e nomeado por seu comandante, o valente herói popular na Guerra do Paraguai Cel Tibúrcio de Souza, posto como prêmio aos bons estudantes. **2º Tenente** em 5 Set 1883, na Escola Militar da Praia Vermelha, aos 21 anos. **Tenente de Estado-Maior** em 15 Dez 1888, no atual Regimento Mallet, o 3º GACAP, Santa Maria. **Capitão** em 17 Mar 1890, classificado no 2º Batalhão de Engenharia em Rio Pardo, ex-Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros e atual Batalhão de Engenharia em Lages, SC. **Major** de Engenharia, por antiguidade, em 14 Dez 1900, tendo assumido as funções de sub-comandante do 2º Batalhão de Engenharia em Rio Pardo. **Tenente-Coronel** por merecimento, em 25 Abr 1906, no comando do 2º Batalhão de Engenharia, trabalhando na construção de ferrovias e linhas telegráficas nas Missões-RS onde, em 1910, foi convidado para servir no Rio de Janeiro, no Gabinete do Ministro da Guerra, pelo General Hermes Rodrigues da

Fonseca, candidato à Presidência da República. **Coronel** por merecimento em 16 Ago 1911, antes de assumir a Chefia de Gabinete do Ministro da Guerra. **General de Brigada** em 8 Abr 1914, no comando da atual 10ª Região Militar e como Interventor Federal no Ceará, pacificando revolta naquele estado e também no comando da 5ª RM/5ª DI no Paraná, pacificando a Revolta do Contestado. **General de Divisão** em 12 Jan 1918, no QG do Exército no Rio de Janeiro, no comando da 2ª Divisão em Niterói e no da 4ª Região Militar em Juiz de Fora. Em 1922 assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército e, a seguir, a função de Ministro da Guerra, tendo pacificado a revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

Era filho único do professor, funcionário público e comerciante, Capitão da Guarda Nacional, Fernando Vieira de Carvalho, natural de Porto Alegre (e que faleceu com 94 anos), e de D. Felicidade Ferreira de Carvalho, natural de Santa Maria mas radicados em Uruguaiana. Iniciou seus estudos com seu pai, que desejava que fosse médico e sua mãe que ele fosse advogado. Ele preferiu ser Engenheiro Militar. Sua mãe era de um dos ramos da Família Carneiro da Fontoura, cujo tronco era o Marechal Carneiro da Fontoura, no Brasil Colônia. À sua mãe, católica fervorosa, muito está a dever a reconstrução da igreja da N.S. da Conceição - a padroeira do Exército Imperial do Brasil - na extinta praça Paissandú, em Uruguaiana, com donativos que por três anos ela recolhera em Uruguaiana. Era benemérita da Casa de Caridade de Uruguaiana.

Em 1875, aos 15 anos, estudou em Pelotas, no Colégio Reis, pertencente a um colega de magistério de seu pai. Local onde foi submetido a um tratamento hidroterápico com banhos frios de chuveiro “onde adquiriu resistência orgânica para conservar a vida em muitas fases trabalhosas” segundo suas **Memórias**.

Em 1876 prestou exames de Português, Francês e Geografia na Repartição de Instrução Pública Geral do Rio Grande do Sul, tendo conquistado aprovações plenas.

Em 1877 estudou em Porto Alegre no Colégio Souza Lobo, onde foi colega de Antônio Augusto Borges de Medeiros e Ernesto Alves. E em 20 de outubro, ainda como interno do Colégio Souza Lobo, sentou praça no 12º Batalhão de Infantaria, na praça do Portão, de gloriosas tradições na Guerra do Paraguai. Unidade que integrou, 37 anos depois, a Divisão Provisória, com a qual ele pacificou o Contestado.

De 1878 a 1882 estudou na Escola Militar de Porto Alegre, na Praia de Belas, ao comando do Coronel Tibúrcio Ferreira de Souza, consagrado hoje como nome da Praça da Praia Vermelha onde se erguem a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, o Instituto Militar de Engenharia e a Escola de Guerra Naval.

Ao ingressar na Escola Militar, na Praia de Belas, foi morar numa república de estudantes. E a primeira vez que empunhou, ainda recruta, um fuzil, foi um Comblain, nos funerais do pernambucano Barão de São Borja - Tenente-General Victorino José Carneiro Monteiro, comandante da 6ª Divisão de Infantaria na Guerra do Paraguai, cuja síntese biográfica abordamos na obra **6ª Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria**: AHIMTB/Pallotti 2001, em parceria com o acadêmico Osório Santana Figueiredo. Victorino foi pai do, mais tarde, querido e excelente amigo do Marechal Setembrino, o Marechal Bento Ribeiro Carneiro Monteiro.

De Porto Alegre seguiu para o Rio de Janeiro, como possuidor dos cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, tendo na Escola Militar da Praia Vermelha de 1883-85, como tenente de Artilharia, concluído os cursos de Estado-Maior e de Engenheiro Militar, como 2º Ten Artilharia, posto ao qual fora promovido em 15 Set 1882. E recebeu o título de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, em complemento aos seus cursos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia em Porto Alegre e de Estado-Maior e de Engenheiro Militar Escola Militar da Praia Vermelha.

E então foi nomeado tenente da Ala-Esquerda do Batalhão de Engenheiros,

formada com duas companhias do único Batalhão de Engenheiros existente no Exército e destinada a construir quartéis e fortificações no Rio Grande do Sul. As outras duas companhias integravam a Ala-Direita do Batalhão, aquarteladas na Escola Militar na Praia Vermelha. Neste batalhão existiam oficiais de todas as armas. No Rio Grande do Sul existia uma Comissão de Engenharia integrada por oficiais do Corpo de Engenheiros do Exército. Neste Corpo, só podiam nele ingressar oficiais engenheiros com o posto de Capitão.

E foi em Cachoeira do Sul, segundo o Marechal Setembrino descreve

“que me apresentei na sede da Ala-Esquerda, tendo exercido por dois meses a função de Secretario. Em abril de 1885 segui para Uruguaiana para auxiliar o diretor das obras do Quartel de Infantaria. Em setembro fui enviado a São Borja no comando de contingente de 100 praças à disposição do responsável pela construção em São Borja de um quartel de Cavalaria. Foi o meu primeiro comando. Um comando árduo. O seu pessoal era muito indisciplinado. Decorridos seis meses fui dispensado da Ala Esquerda e enviado para São Gabriel para o Regimento de Artilharia a Cavalos, tendo adoecido em Uruguaiana e com dois meses de licença para tratamento de Saúde. Apresentando-me no hoje Regimento Mallet fui instrutor de Infantaria das praças e de instrução de Artilharia da 1ª Bateria. Decorridos 5 meses fui nomeado para comissão destinada a experimentar viaturas de transportes para o Exército. A experiência consistia em transportar de São Gabriel a Bagé pesadas cargas em caixões padrões. Nenhuma das viaturas foi aprovada, por não se prestarem às nossas estradas.”

No dia 22 de janeiro de 1887, aos 24 anos, como 2º tenente, ele se casou em Uruguaiana com a jovem Leontina Vilela, com a qual havia ficado noivo quando foi destacado no comando de um destacamento em Barranca Pelada, integrando um cordão sanitário, em razão de estar ocorrendo uma epidemia de cólera morbus na Argentina. Com cinco meses de casado retornou em julho ao Regimento Mallet, em seu quartel na **Caserna de Bravos**, do qual foi secretário por cerca de 18 meses, ao comando do Ten Cel Bernardo Vasques, que chegou ao posto de Marechal e foi Ministro da Guerra 1896-94 antes da Guerra de Canudos, na Presidência de Prudente de Moraes, e cuja biografia sintetizamos na nossa obra **História da 3ª Região Militar - 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM/AHIMTB, 1995 à p.49, como comandante da 3ª RM de 15 Fev-16 Ago 1892, que assinalou a Queda do Governicho e a quem coube intermediar em 1895 a Paz em Pelotas. Era filho de Magé-RJ e faleceu no Rio de Janeiro.

O Tenente Setembrino encontrou nele “seu excelente mestre por seu elevado caráter, cultura militar e alto sentimento de justiça e guia seguro aos que se iniciavam no serviço militar”. Promovido Tenente de Estado-Maior de 1ª classe, deixou o Regimento Mallet com elogio do seu comandante de que transcrevo este trecho.

“...revelando sempre nas relações com este comando, ser, sem quebra da justa altivez, própria do homem digno e oficial brioso, um cavalheiro de fina educação, um militar subordinado e conhecedor dos preceitos disciplinares, de que apraz-me, declarar jamais se afastou...”

Foi adjetivado por um notável soldado de ‘brioso’, o que põe por terra seus desafetos o apodarem de “General Sem ter brio..”

A seguir, foi servir em Uruguaiana como secretário do Comando da Guarnição e Fronteira, função compatível com sua condição de oficial de Estado-Maior de 1ª classe, função em que o alcançou a Proclamação da República. Logo a seguir em

1890 foi transferido para São Borja como secretário do Comandante da Guarnição e Fronteira de São Borja, ao comando do General Honorário Francisco Rodrigues Lima.

Promovido a Capitão de Estado-Maior de 1ª classe, foi transferido em junho de 1890 e nomeado membro da Comissão de Engenheiros do Rio Grande do Sul, para reparos no quartel do Exército em Uruguaiana. Colaborou como assessor político do intendente de Uruguaiana, o Cel Antônio de Azambuja Cidade, tendo concorrido na eleição em 5 de maio de 1891 e sido eleito deputado constituinte da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, que votou em 14 de julho de 1891 a Carta Constitucional gaúcha. A dissolução do Congresso em 1891 pelo Presidente Marechal Deodoro da Fonseca encontrou o Capitão Setembrino deputado na Assembleia gaúcha. E presenciou pressões com vistas à renúncia de Júlio de Castilhos, que terminou por renunciar, por solidário ao ato do Presidente Marechal Deodoro da Fonseca que havia renunciado. Dissolvida a Assembleia, o Capitão Setembrino se apresentou à Comissão de Engenheiros. Finalmente, aderiu à tropa ao comando do deputado federal General Manoel Luiz da Rocha Osório que seguiu para Torres para fazer frente à possível invasão por forças em apoio ao Marechal Deodoro. Só não houve confronto porque Deodoro renunciou em favor de seu vice-presidente, o Marechal Floriano Peixoto. Abordamos os reflexos do fechamento do Congresso Nacional por Deodoro na área militar, em detalhes, na **História da 3ª Região Militar**, v. II, às p.17/44. Desiludido da política retorna a Uruguaiana onde, atendendo apelos de amigos, passa a comandar o Batalhão Defensores da República, para lutar contra os federalistas na Guerra Civil de 1893/95. Batalhão “constituído desde os mais altos funcionários da magistratura local aos mais humildes operários”.

Em breve este batalhão, diz ele “por sua instrução e disciplina que eu mesmo ministrava iria mais tarde regar, em 3 Mai 1893, os campos de Inhanduí, no qual 4.000 republicanos enfrentaram 6.000 federalistas”. Confronto em que participou como comissionado tenente-coronel por Floriano Peixoto, no comando do Batalhão Defensores e de uma Bateria de canhões Withworth. Este combate foi o batismo de fogo do Capitão Setembrino e averbado em suas Alterações, do que reproduzo este trecho.

O Capitão Setembrino “com o seu Batalhão Defensores da República e Bateria em batalha, a direita da minha Brigada, vi-o funcionar até como chefe de peça, dando assim exemplos de sublime valor aos seus comandados e conquistando os aplausos unânimes dos companheiros, que tomaram parte naquela ação por seu heróico procedimento”.

E sobre este evento o Capitão Setembrino faz valiosas considerações nas p.52/63 de suas **Memórias**. E recebeu elogio do General Hipólito Ribeiro, comandante da Divisão Oeste e meu conterrâneo canguçuense, que estudo em meu livro **Canguçu - reencontro com a História**. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007. 2 ed. p. 263/266, elogio do qual reproduzo trecho:

“Para conhecimento das forças sob meu comando publico o seguinte: Havendo seguido doente para Uruguaiana, com licença deste comando o cidadão Tenente Coronel em Comissão Fernando Setembrino de Carvalho, comandante do Corpo Provisório de Infantaria e Artilharia, cumpro o agradável dever de fazendo-me interprete da justiça, louvá-lo por sua conduta irrepreensível, quer como militar, quer como cidadão, já tão evidentemente desde o combate de Inhanduí, onde este plecaro e ardoroso republicano foi um dos cooperadores mais salientes para o brilho que ali tiveram a

armas da coorte republicana. A dedicação do Tenente Coronel Setembrino e a sua apurada educação militar devem servir de modelo para aqueles que empreendem a jornada (carreira) militar...Hipólito Antônio Ribeiro (comandante da Divisão Oeste)."

Retornou a Uruguaiana em abril de 1895, e juntamente com o Capitão Arias Júnior, Diretor de Obras, trabalhou, segundo o historiador acadêmico Carlos Fontes, "na construção de um quartel, onde se alojaria o 6º Batalhão de Infantaria". Esse aquartelamento abrigara muitas unidades militares, dentre as quais o famoso 5º Regimento de Cavalaria Independente, sendo mais tarde, aquele prédio, denominado pela população local de "Quartel Velho", passando, muitos anos após, ao domínio público. Hoje, nada mais resta daquela velha construção, localizada a Rua Bento Martins, próximo ao rio Uruguai.

Em 14 Dez 1900 foi promovido a Major e nomeado Fiscal (subcomandante) do recém criado 2º Batalhão de Engenharia estacionado em Rio Pardo, junto à Escola Preparatória e Tática onde se apresentou em 13 Abr 1901.

Em suas **Memórias**, às p. 66/67 e a nós cedida cópia, pelo já citado historiador e artista plástico Carlos Fontes, acadêmico e delegado da Delegacia da FAHIMTB em Uruguaiana - Delegacia Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, ele relatou que encontrou o Batalhão mal instalado, com reduzido número de oficiais, sem disciplina, sem instrução e com falta absoluta de material. E era unidade que havia participado do combate à Guerra Civil 1893-95 em Bagé e em Rio Grande na Revolta na Armada. E descreve:

"Além da guarda do quartel, os soldados ocupavam-se da faxina na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. E que o 2º Batalhão fazia parte do material de faxina (limpeza) da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo."

E prossegue em outras críticas da situação que encontrou, conforme registramos em nossa obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **Escolas Militares de Rio Pardo 1909-1911**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005, do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul.

Setembrino concebeu a ideia de retirar o Batalhão daquela humilhante situação e o empregar na construção da ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana. E através de seu amigo Ten Cel de Engenheiros Bento Ribeiro, Chefe da Comissão de Construção de Linhas Telegráficas no Rio Grande do Sul, levou o pleito ao Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, Ministro da Guerra (1898-1902). Passado um mês recebeu um telegrama do Dr. Vitorino Carneiro Monteiro, do Rio de Janeiro:

"Ontem em conferência com o Ministro da Guerra (Mallet) e o Presidente da República, ficou resolvida a construção da Estrada de Ferro Porto Alegre-Uruguaiana pelo teu Batalhão, Parabéns..."

Foi momento de intenso júbilo no 2º Batalhão de Engenharia e depois 1º Batalhão Ferroviário: "por deixar a situação humilhante em que vivia e senti-me tocado de justa emoção por haver sido o promotor de tão patriótica medida".

Assim ele se tornou o pioneiro da ideia da participação da Arma de Engenharia na construção de ferrovias e rodovias, como adestramento para seu emprego nestas tarefas em caso de guerra e contribuindo assim para o Desenvolvimento e Integração do Brasil. A sua ideia foi a que sempre defendi, a participação dos batalhões de Engenharia na construção de ferrovias e rodovias e outras obras, como adestramento, para ficar nas melhores condições de exercer suas funções em caso de guerra. E, como subproduto, contribuir para o Desenvolvimento e Integração nacional. E não, pura e simplesmente, concorrerem com a iniciativa privada. Ou adestramento com Desenvolvimento. Foi a minha convicção ao trabalhar no 1º

Batalhão Ferroviário na construção do TPS de 1957/1959, como capitão comandante de Companhia e no 6º Batalhão de Engenharia de Combate em Cachoeira do Sul, 1959/60, depois novamente no 1º Batalhão Ferroviário de 1961/66 e, mais tarde, de 1981/82 no comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG. Lembro que em 1970 no EM/do IV Exército, no planejamento de manobra em Serra Talhada a participação planejada de tropa de Engenharia na manobra foi combatida, sob o argumento de prejudicar o Desenvolvimento, o que então predominou, sobre a prioridade de adestramento militar da Engenharia. Este ponto é importante. Basta ler-se a obra a **Logística da invasão** do General Aguinaldo Sena Campos que foi o E4 da FEB, publicado pela BIBLIEx em 1965. Argumentos por nós usados como Assessor do DEC em 1974, para junto ao EME evitar a extinção de Batalhões de Construção então pretendida.

O 4º BE Cmb, ao ser criado em 1910, com base numa Bateria do Regimento Mallet, aquartelou algum tempo no local da Escola Militar em Rio Pardo, onde havia aquartelado o 2º Batalhão de Engenharia que, como 1º Batalhão Ferroviário, construiu a Ferrovia Pelotas-Canguçu e, por esta razão, foi dada à parte da rua General Hipólito Ribeiro o nome de Avenida Exército Nacional, a qual passou a ter a seguinte denominação: Avenida Exército Nacional Brigadeiro Antônio de Sampaio, no seu bicentenário de nascimento, por haver comandado no local, como Capitão, de 1845-49, uma Companhia de Infantaria para auxiliar a consolidação da Paz Farroupilha.

O 2º Batalhão de Engenharia, ao comando do Ten Cel Bento Ribeiro, grande amigo do major Setembrino, deixou Rio Pardo por via férrea em 3 Nov 1901 com destino a Cacequí com 500 praças e completo de engenheiros militares. De Cacequí marchou seguido de um comboio de 60 carretas, até as margens do arroio Inhanduí onde acampou. E no dia 18 de Novembro de 1901 inaugurou o Batalhão a sua saga ferroviária, com uma estaca junto à ponte sobre o rio Inhanduí. E o Major Setembrino, tendo por diversas vezes assumido interinamente o comando do Batalhão, foi EFETIVO depois da saída do Cel Bento Ribeiro.

Promovido a Tenente Coronel em abril de 1906, assumiu o comando efetivo do 2º Batalhão de Engenharia. E depois de cinco anos de trabalho o Batalhão retornou para sua caserna em Rio Pardo em 7 de outubro de 1906, por haver sido substituído na missão pela 'Chemin de Fér au Brésil'. Foram tempos difíceis que o Marechal Setembrino descreve em suas **Memórias** às p.66/72.

Com o apoio do Senador Pinheiro Machado conseguiu que o Batalhão recebesse a missão de construir a ferrovia Cruz Alta-Ijuí. E em 17 de fevereiro de 1907 atingiu Cruz Alta, onde acampou. E em 29 Mai 1910 inaugurou o trecho de 30 quilômetros entre Cruz Alta e Faxinal, com a presença do General Trompowski, comandante da 3ª Brigada Estratégica em Santa Maria, a atual 3ª Divisão de Exército - Divisão Encouraçada, cuja saga histórica escrevemos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e Major Ândrei Clauhs, sob o título **3ª Divisão de Exército Divisão Encouraçada - Centenário**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008, onde abordamos o Marechal Trompowski, o patrono do Magistério Militar às p.93/95. E dos trabalhos bem feitos no comando do 2º Batalhão de Engenharia, que ele descreve em suas **Memórias** às p.78/87 comentou:

“A imagem que se formou em torno da minha obscura individualidade, naturalmente a reputação de bom soldado. Eu não era um soldado de raça. Mas logo ao ingressar na Escola Militar, senti-me dominado pelo espírito militar que mais e mais se desenvolveu na caserna. A carreira militar adquiriu para mim um caráter venerável e quase como sagrado. Era um sacerdócio a cujas imposições sempre

me submeti com abnegação e devotamento. Se sacrifícios havia eu os recebia em boa mente, em honra da Pátria“.

E prossegue em outras valiosas reflexões sobre a carreira militar e sobre o bacharelismo militar que vale a pena serem lidas. A seguir, trabalhou em 1907, na construção dos ramais ferroviários Cruz Alta-Ijuí e São Borja- São Luís Gonzaga e, em 1908, na linha telegráfica São Vicente- Santiago.

Em 1910 recebeu seu Batalhão em Cruz Alta a visita do Marechal Hermes Ernesto da Fonseca que havia deixado o Ministério da Guerra (1906-09) que lhe falou: **“É necessário que você vá servir no Rio. É tempo de lá exercer uma atividade. Precisa progredir na carreira”**. E o convidou para ir para o Rio de Janeiro, depois de 25 anos de trabalhos como engenheiro militar no interior do Rio Grande do Sul (sendo cerca de 9 anos no comando efetivo ou interino do 2º Batalhão de Engenharia, e sempre seu engenheiro-chefe).

No Rio, depois de 10 meses sem função, foi promovido a coronel por merecimento em 16 Ago 1911 pelo Presidente Marechal Hermes, contrariando o Ministro da Guerra Emídio Dantas Barreto (1910-11) que tinha outro candidato. E com a saída deste ministro para assumir o Governo de Pernambuco, assumiu a chefia de Gabinete do novo Ministro da Guerra Gen Div Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto (1911-12). O General Antônio Adolfo era veterano do Paraguai, se destacou na proclamação e consolidação da República e é estudado na obra **MENA BARRETO**, João de Deus Noronha. **Os Mena Barreto - seis gerações de soldados 1769-1950**. Rio de Janeiro: Graf. Laemmert, 1950. p 285/346.

O Coronel Setembrino continuou na chefia do Gabinete do novo Ministro da Guerra, o General Vespasiano, que havia sido seu professor de Arte Militar na Escola Militar em Porto Alegre, e segundo ele:

“homem inteligente e de apreciável cultura geral...amigo de seus amigos, mas inimigo rancoroso e que o único problema importante que tratou seu Gabinete, interessando o Exército foi o da Aviação Militar...que coube-lhe a inauguração deste serviço com a construção dos primeiros hangares do Campo dos Afonsos.”

E descreve à p.103 de suas **Memórias**, as circunstâncias da morte, no Contestado, do 1º Ten Aviador Ricardo Kirk, em desastre aéreo quando se dirigia em 1º de março de 1915, para um reconhecimento do reduto Santa Maria, que seria atacado no dia seguinte.

Em 9 Fev 1914 o coronel Setembrino embarcou para o Ceará, para pacificar a Sedição de Juazeiro naquele estado, em substituição aos emissários do Presidente, os generais Carlos de Mesquita (a que ele substituirá no Contestado) e a seguir o General Lino Ramos, missão que aborda às p.104-126 de suas **Memórias**, tendo assumido, como coronel, o comando da hoje 10ª Região Militar e a função de Interventor do Estado do Ceará, onde foi promovido a General de Brigada em 8 de abril de 1914. Ao retornar ao Rio ficou à disposição do Ministro da Guerra. E a seguir foi enviado com a missão de Pacificar o Contestado.

Sobre a pacificação do Contestado deixou a respeito circunstanciado **Relatório** apresentado ao Ministro da Guerra, Gen Div José Caetano de Farias (1914-18) constante de 336 páginas, c/ 50 fotos e 31 anexos e do qual possuíamos exemplar que muito exploramos, com destaque para os seus notáveis, judiciosos e oportunos **Ensinamentos Militares para o combate a uma guerra irregular**. Estudamos o Marechal Caetano de Farias em artigo Marechal José Caetano de Farias-projeção como Chefe do Estado-Maior e Ministro da Guerra na Reforma Militar. **Revista A Defesa Nacional** nº 724, mar/abr 1986, p.93/124.

A parte relativa a **Ensinamentos Militares** se constitui um precioso exemplo

da muito conhecida Crítica feita depois de uma manobra, exercício militar como instrução, hoje denominada **APA- Análise Pós Ação**, ao mesmo tempo uma valiosa peça de História Militar Crítica, na qual o historiador militar estuda um combate ou uma batalha à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar aprendidos e praticados, no caso do Brasil na ECEME, em 4ª especial com vistas a colher subsídios de Arte e Ciência Militar para a formação dos quadros de uma força considerada e desenvolvimento de uma doutrina militar, no caso de uma doutrina militar terrestre genuína brasileira como o fez Caxias ao analisar a Batalha do Passo do Rosário a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (do qual era sócio) e, mais tarde, em 1861, como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, ao adaptar a Doutrina Militar Terrestre de Portugal, de influência inglesa, das realidades operacionais europeias às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 5 campanhas militares vitoriosas que comandara.

Este é o desafio para os militares do Exército de hoje e do futuro de um país com crescente projeção internacional econômica e social, e com enormes riquezas a proteger de ambições internacionais em suas **Amazônias Verde e Azul**. Ou seja, desenvolver uma Doutrina Militar Terrestre do Brasil genuína temperada com o que de melhor houver nas doutrinas de exércitos de grandes potências econômicas e militares, de modo a construir, no menor tempo possível **Poder Militar Defensivo Dissuasório Compatível**, inclusive recorrendo com uma aliança militar mais conveniente, como Portugal celebrou com a Inglaterra, contra Napoleão e o Brasil com os EUA na 2ª Guerra Mundial.

E deixou também em suas **Memórias** o Capítulo III às p.127-148 sobre a sua Pacificação do Contestado. E desta idéia o Marechal Setembrino deu notável contribuição com seus **Ensinamentos Militares** colhidos naquela revolta.



Acima, o General Setembrino num acampamento no Contestado (Fonte: Foto de seu Relatório)

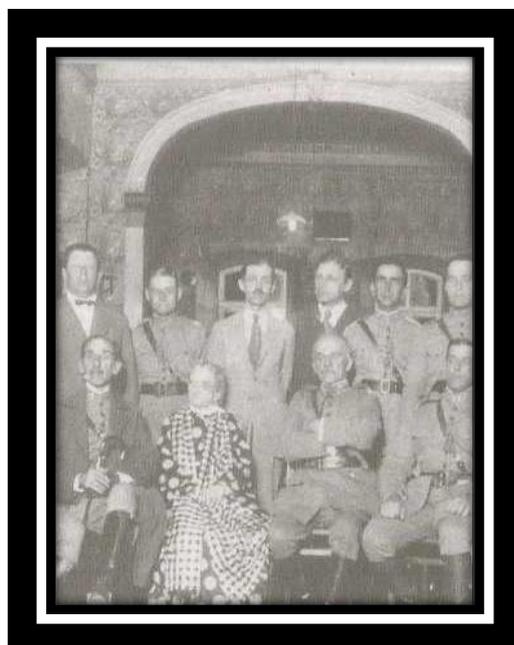
De retorno ao Rio de Janeiro, em 23 Jun 1915, foi nomeado Inspetor dos Serviços Administrativos do Exército e que mudou de nome para Diretor de Administração do Exército, função que aborda o seu desempenho às p. 174/177 de suas **Memórias**, na qual deixou traços de sua brilhante capacidade e onde foi promovido a General de Divisão em 26 Jan 1918, sendo nomeado comandante da 2a DE/2a RM em Niterói, com jurisdição sobre os Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Niterói.

Em 9 Jul 1919 foi nomeado comandante da 4a Região Militar em Juiz de Fora. E, em 11 Set 1911, naquela guarnição, sede escolhida para seu comando, instalou o seu QG em prédio particular. Comando que aborda em suas **Memórias** às p.176/181. Instalou o seu QG no Palacete Frederico Lage em Mariano Procópio e foram construídas as casernas em Juiz de Fora, São João D'el Rei e Belo Horizonte. E mais tarde as casernas de Ouro Preto, Pouso Alegre e Três Corações. E conseguiu manter

a 4a Região alheia às disputas entre militares na Revolução de 1922, sobre o que escreveu:

“Por ocasião da campanha política entre as candidaturas Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, o extremismo político conseguiu pelas Cartas Falsas, atrair para Arthur Bernardes uma forte corrente de oposição, de parte de numeroso grupo de oficiais, considerando-o incompatibilizado com o Exército. Este viu-se cindido em duas parcialidades. A maioria não acreditou na veracidade das cartas (que eram mesmo falsas). A agitação profunda abalou todos os espíritos do Sul ao Norte do país. A única Região Militar que manteve calma atitude alheitando-se de qualquer pronunciamento político foi a de Minas Gerais...” A Região sob o seu comando!

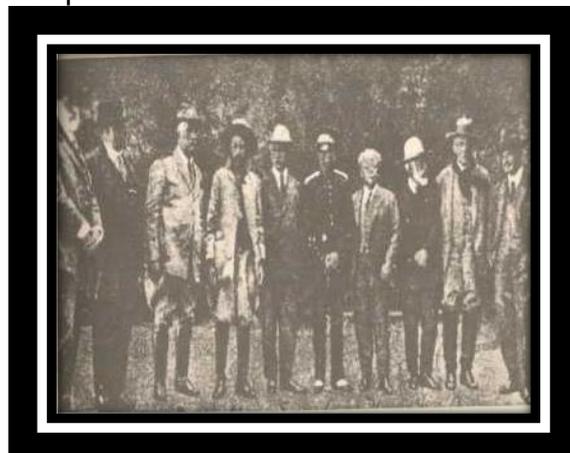
Nomeado Chefe do Estado-Maior do Exército ele deixou Juiz de Fora em Julho de 1922 depois de três anos de feliz e profícuo comando da 4a Região Militar que ele organizara. O General Setembrino assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército em 5 de julho de 1922, em momento grave do Brasil. Na noite anterior havia estourado a Revolta da Escola Militar do Realengo e do Forte de Copacabana. E às p. 182/187 de suas **Memórias** ele descreve a parte que lhe coube no episódio como Chefe do Estado-Maior do Exército e a iniciativa de assumir o comando das operações para sufocar a Revolta. E seu pensamento militar sobre Estado-Maior expressou três anos antes em Artigo na **Revista A Defesa Nacional** nº 73 de 15 Set 1919 quando exercia esta função o seu grande amigo Gen Div Bento Ribeiro. Artigo centenário resgatado a nosso pedido pelo Major Alcides de Souza, Historiador da BIBLIEx.



Em 15 Nov 1922, o General Setembrino, a convite do presidente eleito Arthur Bernardes assume as funções de Ministro da Guerra, que exerce de 1922-26 por quatro anos, em substituição ao Ministro da Guerra Dr. Pandiá Calogeras. E nas paginas 188-297 de suas **Memórias** aborda eventos de sua ação como Ministro da Guerra, dentre eles a Pacificação da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul às p. 206/223, e o grande movimento revolucionário tenentista de 1922/1926, num período

muito difícil para o nosso Exército e para seu Ministro. Neste período, pacificou a Revolução de 1923, em Pedras Altas, atuação que mereceu elogios do historiador Sérgio da Costa Franco, em seu livro **A pacificação da Revolução de 1923, As negociações em Bagé**. Porto Alegre (vide Bibliog).

Ao lado esquerdo, o Gen Setembrino em visita, como Ministro da Guerra em 1923 em Rio Pardo, ao solar de D. Maria Adelaide, filha do General Andrade Neves, O Barão do Triunfo, casa em frente à Escola Militar em Rio Pardo, onde ele servira longo tempo e comandara o 2º Batalhão de Engenharia aquartelado naquela escola. A sua filha mais velha Zaida casara como o sobrinho de D. Maria Adelaide, Francisco Ramos Andrade Neves que, como general em 1932, comandou a 3ª Região Militar no combate à Revolução de 1932. Sentados da esquerda para a direita o General Setembrino, D. Maria Adelaide, seu filho General Eurico Andrade Neves, comandante da 3ª Região Militar 1923/26 e o Capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, que atuou com destaque no Contestado e no Gabinete do Ministro Setembrino (Fonte: Foto obtida pelo Cel Caminha e publicada em Escolas Militares de Rio Pardo.)



Em Abr 1924 foi graduado Marechal, tendo consagrado no ano anterior, o dia 25 de agosto, data do nascimento do Duque de Caxias, como o Dia do Soldado, em homenagem ao Pacificador do século XIX, tendo assinado artigo Dia do Soldado- sua instituição na **Revista A Defesa Nacional** nº 189, Set 1929.

Em razão do Marechal Setembrino, até então, registrar em seu currículo a pacificação de 4 movimentos armados: em 1914 a Sedição de Juazeiro no Ceará; em 1914/1916, a Guerra do Contestado; em 1922 haver mantido a 4ª Região Militar em Minas Gerais alheias às agitações que culminaram na Revolução de 1922 (motivada por Cartas Falsas atribuídas ao presidente eleito Arthur Bernardes); e, em 1923, a pacificação da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul, considero-o o Pacificador do século XX.

Enfrentou igualmente as revoluções tenentistas de 1922, no Forte de Copacabana e na Escola do Realengo que lhe coube sufocar, conforme descreve em suas **Memórias** na sua atuação como chefe do Estado- Maior, a Revolução de 1924 em São Paulo (liderada pelo General Izidoro Dias Lopes, filho de D. Pedrito), Amazonas e Sergipe, tendo lançado dois manifestos ao Povo Paulista: em 11 de julho pedindo aos revoltosos que voltassem à Ordem e no dia 18 de Julho '**O Manifesto Camaradas**', dirigido às praças, pedindo que se dirigissem ao Comando das Tropas Legais onde seriam isentos de culpa. E, ainda, a seguir, a Coluna Miguel Costa/Prestes 1924/26, como Ministro da Guerra de Arthur Bernardes.

Na sucessão do Presidente Arthur Bernardes seu nome foi cogitado para a Presidência da República, conforme documenta em suas **Memórias**, tendo declinado e apoiado o Presidente Washington Luiz.

Setembrino deixou o livro **Memórias - dados para a História do Brasil**, do qual conseguimos cópia que estamos explorando, e que o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas também possui junto com o Arquivo do Marechal a ela confiado. **Memórias** digitalizadas em 304 páginas pela Universidade do Texas, nos Estados Unidos. **Memórias** relevantes para a História do Brasil entre a Proclamação da República e a Revolução de 1930.

E na Academia Militar das Agulhas Negras, no acervo da Federação de Academias de História Militar do Brasil (FAHIMTB) e Academia de História Militar Terrestre/Resende - Marechal Mário Travassos, homenagem ao 1º comandante da AMAN, as 'Memórias' do Gen Setembrino estarão disponíveis para pesquisas nos centenários: em 2022 da Revolução de 1922 na Escola Militar e no Forte de Copacabana; e em 2024 da Revolução de 1924 em São Paulo e da Coluna Miguel Costa Prestes.

O **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930- 1983** da Fundação Getúlio Vargas, v.1, p.682/684, aborda com mais detalhes sua vida e obra, inclusive que chegou a ser cogitado a candidatar-se à presidência da República na sucessão de Arthur Bernardes, quando desautorizou o lançamento de sua candidatura e apoiou a candidatura de Washington Luiz.

O Centro Cultural de Uruguaiana, no antigo QG da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada de 1944/1977, abriga várias peças relacionadas com o seu ilustre filho, que foi consagrado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) a atual FAHIMTB, como patrono de sua Delegacia em Uruguaiana, que tem por Delegado o citado acadêmico historiador e artista plástico Carlos Fontes, que nos forneceu cópia de suas **Memórias**.

Ele casou em 22 de janeiro de 1887 em Uruguaiana, aos 25 anos como 2º Tenente com D. Leontina Damasceno Vilela, de cujo consórcio nasceram 8 filhos: Zaida, que casou com o General Francisco Ramos de Andrade Neves (neto do general Andrade Neves, o Barão do Triunfo e que comandou a 3ª Região Militar durante a Revolução de 32. Vide, do autor **História da 3ª RM**. V.II, p.288); Fernando, bacharel em Direito; Adelina, casada com o Cel Lafayette Cruz; Scylla, que casou com o General Sebastião do Rego Barros; Urbano, engenheiro civil; Isabel, casada com o General Pedro Geraldo de Almeida, que comandou a AMAN em 1962 e foi chefe do Gabinete Militar do Presidente Jânio Quadros e que consta do **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** da FGV, v. 1, p. 85; e, César, Engenheiro Civil.

Em Uruguaiana, existe a Av. Marechal Setembrino de Carvalho, a rodovia que vai dos quartéis da Guarnição local até o aeroporto e também em Campinas, SP, existe rua com o seu nome. A Unidade de Artilharia AD/5, da 5ª RM/DE - Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Exército, de Curitiba-PR, tem a denominação de Artilharia Divisionária Marechal Setembrino de Carvalho. E também, como homenagem a ele, existe a "Medalha Marechal Setembrino de Carvalho". Em Campinas existe importante rua em sua homenagem. Em 23 de setembro de 1939, aos 77 anos, deixou as seguintes disposições à família sobre a sua morte e constantes de suas **Memórias**.

MINHA MORTE

Pressinto que se aproxima a hora derradeira de minha vida. A voz secreta de minha alma anuncia o triunfo das forças destruidoras do organismo físico, na luta com as energias vitais. Há muito me fervilha na mente idéia de registrar no papel, para serem lidas e executadas no momento oportuno, minhas últimas palavras neste mundo. Pelos motivos acima referidos resolvi fazê-lo hoje, e ainda porque neste instante toda minha sensibilidade acha-se sob a influência da música, pelo rádio. A música sempre exerceu um grande poder sobre meus generosos sentimentos, teve

sempre um grande império em minha alma e coração. Este último período de minha existência se caracteriza por acerbadas dores morais, ainda que aparentemente tal pareça não suceder. Pura ilusão ! Efeito de uma dissimulação imposta pela mais elevada e necessária discreção a que conveniências de naturezas várias me obrigam. Intimamente, porém, sofro muito. A música, hoje, não sei porque, deu um impulso de tal ordem aos meus sofrimentos que fui levado a pensar na morte, e mesmo a desejá-la, resolvendo, por isso, não mais adiar aquilo que, como disse, desejava, há mais tempo, fazê-lo. Rogo, pois, aos meus amados filhos e filhas, ou as pessoas presentes, se porventura meu passamento ocorrer na ausência deles, que sejam cumpridas a risca as seguintes instruções :

- 1—O enterramento deverá ser o mais simples possível;
- 2—A comunicação à Repartição competente militar deverá ser após o sepultamento, afim de evitar pronunciamentos oficiais de qualquer ordem, e esta comunicação somente porque é necessária a fins ulteriores;
- 3—Não haverá convites por meio algum, nem aviso a parentes e amigos;
- 4—Os filhos presentes e alguns amigos poderão ser auxiliados por Praças do Exército para conduzirem o féretro para o carro e deste para o cemitério;
- 5—Na sala mortuária, isto é, naquela em que o corpo for depositado, aguardando o tempo legal para o saimento, não deverá haver preparativos ou modificação de espécie alguma;
- 6 —Numa simples mesa o caixão deverá ser colocado;
- 7—Não haverá tochas ou velas;
- 8—Um simples crucifixo como continuação ou demonstração derradeira da profunda veneração que sempre tributei a Cristo, grande Redentor da Humanidade;
- 9— Não haverá absolutamente flores. Estas só devem aparecer onde há alegria, e embora não haja grande pesar é de justiça esperar que alegria também não haja;
- 10—Ninguém absolutamente deverá ver meu corpo;
- 11—Logo depois de expirar deverei ser coberto, inteiramente, dos pés à cabeça. Provisoriamente, com uma colcha ou lençol, depois enrolado dos pés à cabeça em um pano de veludo roxo ou azul marinho, de maneira que ninguém me veja o rosto, vedando-o assim a todos os olhares;
- 12—Com estas disposições não haverá na sala, além das pessoas que, apesar de não anunciado o passamento, comparecerem, mais que uma mesa, sobre a qual estará o caixão. Tudo muito simples de modo a não impressionar a ninguém;
- 13— Por mim não haverá encomendação. Mas, não devo privar as pessoas da família, religiosas, dessa parte do ritual das cerimônias do seu culto;
- 14— A sepultura será perpétua, podendo ser utilizada por outros da família. Fica isto à deliberação dos sobreviventes;
- 15— Não deverá haver luto. Fui sempre contrário à exteriorização de pesar sincero ou convencional;
- 16— Supondo que aos reformados, hoje, não cabem honras fúnebres militares. De qualquer maneira eu não as quero o que, aliás, se depreende do item n° 2;
- 17— A Mutualidade do Clube Militar e o Círculo dos Reformados fornecerão um conto e tanto cada um para o enterro, no mesmo dia em que ocorrer o óbito. Basta telefonar. O Governo concorre, segundo a última tabela, se me não falha a mente, com 2 contos de réis, assim disporão com cerca de 5 contos para o enterramento;
- 18— Se alguém, por espírito religioso, ao qual me não posso contrapor, por não dever tentar influir em crença alheia, lembrar-se da celebração de missas, poderá realizar a idéia, mas sem convites. Somente para as pessoas da família que revelarem interesse em comparecer;
- 19— Morro com a consciência tranquila, com sincera paz de espírito e até mesmo

satisfeito, porque já vivi além do que era necessário. Nada mais tenho a realizar neste mundo. Servi com dedicação esmerada à Pátria, à Família e à Sociedade;
20— Levo para o túmulo o grande amor que sempre consagrei aos meus extremados filhos, a quem procurei ser útil em toda a minha vida.

(*) O original desta carta creio encontrar-se em poder de uma filha do Marechal (Sra. Lafayette Cruz), em Porto Alegre.

Marechal SETEMBRINO DE CARVALHO

Nota: Creio que decorridos 100 anos devam os profissionais militares julgá-lo como um soldado que foi fiel à sua verdade e não por suas posições a partir da Revolução de 1922 provocadas por Cartas Falsas tomadas por muitos como verdades e que tantos prejuízos causaram a inocentes alunos da Escola Militar do Realengo que foram desligados, dos quais privei com os notáveis Generais Jonas de Moraes Correa Filho e Edmundo de Macedo Soares, hoje patronos das cadeiras 34 e 49 da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e que foram meus presidentes no Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e confrades no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e que tantos e notáveis serviços prestaram ao Brasil.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

Nº 50 – Abril de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

NESTE NÚMERO:

- **CONCLUSÃO DA INSTALAÇÃO DA SEDE E ACERVO DA FAHIMTB NA AMAN;**
- **LANÇAMENTO DE LIVRO E VISITA À DELEGACIA DA AHIMTB/RS EM JAGUARÃO;** e - **A Portaria 303/12, da AGU, e a Causa Indigenista/Ambientalista (Cel Soriano).**

CONCLUÍDA A INSTALAÇÃO DA FAHIMTB NA AMAN

NO DIA 19 DE ABRIL DE 2013, FOI CONCLUÍDA A INSTALAÇÃO DA FAHIMTB E DA AHIMTB/RESENDE NO INTERIOR DA AMAN E TAMBÉM A DEVOLUÇÃO DE SUA ANTIGA SEDE, DEPOIS DE 16 ANOS, LOCALIZADA AO LADO DA SIP/AMAN, LOCAL ONDE A AHIMTB FOI ACOLHIDA NO COMANDO DO GENERAL JOSÉ MAURO MOREIRA CUPERTINO. A CONCLUSÃO DA TRANSFERÊNCIA TEVE INÍCIO NO COMANDO DO ACADÊMICO, HOJE Gen Div EDSON LEAL PUJOL, EM 23 ABRIL DE 2011, NO BICENTENÁRIO DA AMAN.

A FAHIMTB FOI CRIADA NAQUELA DATA, COM QUATRO ACADEMIAS FEDERADAS, E SUBSTITUIU A AHIMTB, QUE FORA CRIADA EM 1º DE MARÇO DE 1996, NO ANIVERSÁRIO DO TÉRMINO DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA (Guerra do Paraguai) E INÍCIO DO ENSINO MILITAR ACADÊMICO NA AMAN.

A CONCLUSÃO DA TRANSFERÊNCIA DA FAHIMTB E AHIMTB/RESENDE - ACADEMIA MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS, OCORRE NO COMANDO DO Gen Bda JÚLIO CÉSAR ARRUDA, NOSSO EX-ALUNO (CADETE) DE HISTÓRIA MILITAR, DEDICADO E BRILHANTE ASPIRANTE-A-OFICIAL DE ENGENHARIA EM 1982 no 4º BECmb EM ITAJUBÁ-MG.

TRANSFERÊNCIA ESTA NAS VÉSPERAS de 23 DE ABRIL DE 2013, 2º ANIVERSÁRIO DA FAHIMTB E AHIMTB FEDERADAS, ANIVERSÁRIO DA AMAN E PASSAGEM DE COMANDO DA AMAN DO Gen ARRUDA PARA O Gen Bda TOMAS

MIGUEL MINÉ RIBEIRO PAIVA. PASSAGEM DE COMANDO QUE SERÁ PRESIDIDA PELO Gen Div FERNANDO VASCONCELLOS PEREIRA O QUAL, DESDE O SEU COMANDO NO CMPA EM PORTO ALEGRE, TEM DADO VALIOSO E EFICIENTE APOIO À AHIMTB E AGORA À FAHIMTB.

NOTÁVEL APOIO E ESTÍMULO TEVE A AHIMTB, E AGORA A FAHIMTB, RECEBIDOS DO Gen Ex MARCO ANTÔNIO DE FARIAS, DESDE QUE ELE COMANDOU A AMAN. O Gen FARIAS É HOJE ACADEMICO DA FAHIMTB E NO COMANDO DO DEPARTAMENTO LOGÍSTICO TEM DIPLOMADO POR NOSSA INDICAÇÃO, A SEU PEDIDO, OFICIAIS, PRAÇAS E CIVIS QUE TEM SE DESTACADO NO APOIO ÀS ATIVIDADES DA ENTÃO AHIMTB E AGORA FAHIMTB, CABENDO AQUI DESTACAR, EM RESENDE, O Cel CARLOS ROBERTO PERES, VICE-PRESIDENTE DA FAHIMTB E ASSESSOR ESPECIAL DO COMANDANTE DA AMAN.

O Cel PERES É O EXECUTOR E COORDENADOR DAS ORIENTAÇÕES DOS GENERAIS PUJOL E ARRUDA NO TOCANTE À TRANSFERÊNCIA DA FAHIMTB PARA O INTERIOR DA AMAN, EM MEIO A ENORMES DIFICULDADES ADMINISTRATIVAS E LOGÍSTICAS RELACIONADAS COM A IMPLANTAÇÃO DA AMPLIAÇÃO DO CURSO DA AMAN DE QUATRO PARA CINCO ANOS E NOVAS DENOMINAÇÕES DE REPARTIÇÕES DA AMAN.

A FAHIMTB NÃO PODERIA AQUI DEIXAR DE RECONHECER O GRANDE APOIO AO SEU TRABALHO, EM ESPECIAL A EDIÇÃO DE LIVROS E CUSTEIO, PROPORCIONADO PELA FHE/POUPEX, ATRAVÉS DE SEUS PRESIDENTES Gen Ex CLOVIS JACY BURMAN E, ATUALMENTE, O Gen Ex ERON CARLOS MARQUES. SEM ESTE APOIO A AHIMTB/FAHIMTB NÃO TERIA SOBREVIVIDO. HISTÓRIA É VERDADE E JUSTIÇA!

NÃO PODERIA TAMBÉM DE DEIXAR DE MENCIONAR AQUI O Cel CLÁUDIO DORNELES, ACADÊMICO QUE, NA QUALIDADE DE CHEFE DA DIVISÃO DE ENSINO DA AMAN, TEVE ATUAÇÃO FUNDAMENTAL NA IDÉIA E IMPLEMENTAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA DA FAHIMTB, COM TODO O SEU PRECIOSO ACERVO, PARA O INTERIOR DAQUELA ESCOLA. ACERVO QUE, INSISTO, É O MAIOR EXISTENTE SOBRE HISTÓRIA DESCRITIVA E OPERACIONAL DO EXÉRCITO, POR MIM ACUMULADO EM 42 ANOS E ENRIQUECIDO NOS ÚLTIMOS 16 ANOS PELO PRODUIDO PELOS ACADÊMICOS DA FAHIMTB.

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA AHIMTB AGRADECEM A CHEFIA DA ANTIGA DIVISÃO DE ENSINO, EM ESPECIAL A DE SUA BIBLIOTECA, O EMPENHO, NOS ÚLTIMOS DIAS, PARA A CONCRETIZAÇÃO DESTA TRANSFERÊNCIA.

Cel Cláudio Moreira Bento, pela FAHIMTB e Academias Federadas

Nota: a AHIMTB/RS tem a grata satisfação de cumprimentar o Comando da AMAN, bem como os acadêmicos e membros-efetivos da FAHIMTB/AHIMTB/Resende, em especial o Cel Bento, pelo objetivo alcançado com a transferência da base de dados e inauguração desta sala. A Biblioteca da AMAN passa a contar agora com um acervo completo da História do Exército Brasileiro, que passa à disposição, em especial, dos cadetes, da Cadeira de História Militar daquela Academia, dos oficiais e praças e também da comunidade resendense. Objetivo alcançado mercê do esforço conjunto do Presidente da FAHIMTB e das autoridades supra citadas. Merece destaque a oportunidade da formalização desta transferência: o 365º aniversário do Exército Brasileiro, balizado pela vitória na 1ª Batalha dos Guararapes em 19 de abril

de 1648.

Nº 51 – Abril de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

**210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS - 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB
REVISTA 'OCCIDENTE' DA ESCOLA DE GUERRA DE PORTO ALEGRE**

**REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS, ARTES E PHILOSOPHIA 1906-1907
(EDITADA PELA LIVRARIA DO GLOBO)**

A Escola de Guerra de Porto Alegre funcionou de 1905 a 1911 no Casarão da Várzea em Porto Alegre. Foi importante a contribuição da Escola na vida cultural da cidade de Porto Alegre, por intermédio da circulação de revistas e pequenos jornais de estudantes, como "A Luz", "Occidente", "A Cruzada" e, a mais importante delas, a "Hyloea" (ou Hil éia).

Conforme BENTO e GIORGIS, 2009, p. 176, a Revista Occidente foi criada pelos próprios alunos e teve uma intensa circulação em Porto Alegre. Os exemplares remanescentes não existem mais no atual CMPA e sim no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHTRGS), que preservou sete deles, os quais são motivo deste número de O TUIUTI.

Os diretores da revista eram Lauro de Oliveira, César de Castro, Guilherme de Lemos Faria, Odon Cavalcanti, Sabino Magalhães e Waldemiro Fereira, entre outros.

A Sociedade da Revista era formada por 30 membros, dos quais se destacam, além dos já citados, Francisco de Paula Cidade, Newton Braga, Nilo Val, Sylvio Scheleder, Roberto Malheiros, Othelo Franco, Manuel de Faria Corrêa e outros.

A seguir, estão relacionados os artigos publicados nos números de 01 a 07 (título, assunto e autoria, nesta ordem).

- ANNO 1 - VOL. 1 - JUNHO 1906

Nota do Editor: preservada a grafia da época.

ARTIGOS

NO PERYSTILO (PALESTRA ENTRE AMIGOS) - A REDAÇÃO; A OPINIÃO PUBLICA EM DIREITO INTERNACIONAL - PINTO DA ROCHA; NEVOEIRO - TEXTO POÉTICO DE MARIO WANDERLEY; A UM HERÓE - POESIA DE F. DE PAULA CIDADE; UMA QUESTÃO DE DEFINIÇÃO - TEXTO SOBRE MATEMÁTICA - SYLVIO SCHELEDER; O AMOR NAS CREAÇÕES HUMANAS - FILOSOFIA - OCTAVIO AUGUSTO DE FARIAS; DESGRAÇADOS - POESIA - JOVINO MARQUES; ESTUDO SOBRE A PROPRIEDADE - LEMOS FARIA (ALUNO DA ESCOLA DE GUERRA); A RUA - TEXTO DE FILOSOFIA DIRIGIDO AO Sr. ROBERTO MALHEIROS - CESAR DE CASTRO (Rio, 1906-2); ESTANCIAS - POESIA - LAURO DE OLIVEIRA; MAGUA SUPREMA - TEXTO DIRIGIDO AO Sr. CESAR DE CASTRO - ROBERTO MALHEIROS; DISSERTAÇÃO SUPERFICIAL SOBRE A LEI PHILOSOPHICA DOS TRES ESTADOS - SOCIOLOGIA - FELICIO LIMA; NOTAS DE ANALYTICA - GEOMETRIA - FOBAMO; LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS - AUTORIA DA PROPRIA REVISTA.

Nº 52 - abril de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

GENERAL TELLINO CHAGASTELLES
EX-DIRETOR DO GREMIO BENEFICIENTE DE OFICIAIS DO EXÉRCITO (GBOEx)
1949- 1969

Cel Cláudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista
Presidente da FAHIMTB, do IHTRGS e da ACANDHIS

No transcurso, em 24 de maio de 2013, do 100º aniversário do GBOEX e no 52º aniversário da maior batalha campal travada na América do Sul, a batalha de Tuiuti, vencida pelo General Osório, evoco a vida e obra, pelas páginas do Informativo 'O Tuiuti', da Academia de História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul, do General Tellino Chagastelles que dirigiu o GBOEX de 1949 a 1969, ou seja, por cerca de 20 anos.

Ele nasceu em 1897 e faleceu em 26 de junho de 1980 em Porto Alegre, aos 83 anos, ao tempo em que éramos instrutor de História Militar na AMAN junto ao seu falecido filho e nosso distinto amigo Cel Cav QEMA José Cláudio de Castro Chagastelles.

O General-de-Brigada R-1 Tellino Chagastelles, foi competente, enérgico e admirado ex-professor de Álgebra do CMRJ (1946-48) e da Escola Preparatória de Porto Alegre, a EPPA. Dentre as múltiplas funções que exerceu, o lugar de destaque que passou a ocupar, ainda em vida, na História da Previdência Social no Brasil e na gratidão da família militar brasileira, foi assegurado pela sua seriedade, firmeza, honestidade, espírito público, desinteresse e descortino com que dirigiu, de 1949-69, o Grêmio Beneficiente dos Oficiais do Exército (GBOEx), aberto ao mundo civil em 1965 por sua iniciativa. Seu honrado nome nesse período foi penhor de segurança e principalmente de certeza para os associados do GBOEx e beneficiários potenciais dos quais ele, com seu carisma e energia, velava pelo geral interesse.

O General Tellino nasceu em Porto Alegre e era filho do general Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz e D. Perpétua das Chagas Telles, filha dos barões de Candiota. Eram seus irmãos os engenheiros Jaymino e Luizio que construíram o farol na confluência dos rios Negro e Amazonas; Anina, esposa do General Rômulo Telles Pessoa e Amelina, esposa do Almirante Cícero Marinho.

O general cursou a Escola Militar do Realengo, sendo colega de turma, entre outros, dos Marechais Odylio Denys, Gustavo Cordeiro de Farias e Olympio Falconiére da Cunha. Saiu aspirante de Cavalaria, indo servir no Rio de Janeiro, no 1º RGG (atual Dragões da Independência de Brasília). Cursou, depois Infantaria e Engenharia, indo servir em Porto Alegre e, no meio civil, cursou, ainda, Engenharia Civil.

Em 1920, como capitão, atuou na Bahia no combate aos jagunços⁸⁹, tendo servido depois em Pelotas no 9º Regimento de Infantaria, atual 9º Batalhão de Infantaria Motorizado, o Regimento Tuiuti, que denomino de "Regimento de Sampaio".

Ainda como capitão, serviu na Carta Geral (1936-38), sendo efetivado na Arma de Infantaria.

De 1939-55 atuou como professor de Álgebra na Escola Preparatória de Porto

⁸⁹ O presidente Epitácio Pessoa usou tropa federal para poder cumprir a lei e assegurar a posse de José Joaquim Seabra na Presidência da Bahia em 1920.

de Alegre, tendo respondido por seu comando por diversas vezes como coronel mais antigo. Tinha as medalhas de 40 anos de bons serviços, Marechal Trompowsky e do Mérito Militar no grau de Comendador.

Foi pecuarista desde 1934, na Fazenda Mangueira de Pedra, em Arroio dos Ratos - RS. Foi um dos fundadores do Montepio da Família Militar, Banco Duque de Caxias e Banco Sul-Brasileiro (conta nº 1). Em 1964-65 foi interventor da CEF-RS.

O General Tellino, modelar e querido chefe de família, foi casado com D. Olga Castro Chagastelles de cujo casamento nasceram o Cel Art R-1 Ary Castro Chagastelles, casado com Célia (Borba) Brossard Chagastelles; Ten Cel Cav R-1 Derk Castro Chagastelles, casado com Dea Mariath Chagastelles; Cel Cav QEMA José Cláudio de Castro Chagastelles, casado com Vera Lúcia Montedonio Chagastelles e Maria Helena, casada com o ex-Capitão Eng Arinos Martins Pinto, nosso colega de curso da Arma de Engenharia na AMAN e, juntos, servimos na 6ª Cia de Comunicações em São Leopoldo em 1956-57.

Tellino deixou ao falecer 14 netos e quatro bisnetos.

O General Tellino, cujos serviços prestados, particularmente, à previdência da família militar do Exército, por dever social e espírito de classe, é um exemplo a ser seguido por todos quantos no Brasil têm responsabilidade na condução dos negócios ligados à Previdência Social.

Ele veio ao mundo e escreveu uma bela história de exemplo cívico a ser seguido.

Estudamos na EPPA em 1951-52 ao tempo em que ele era professor de Álgebra e o abordamos em nosso livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis intitulado **História do Casarão da Várzea 1885-2008**.

Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.

O então Cel Tellino foi comandante da EPPA em 1952 em substituição ao General José Dantas Arêas Pimentel que foi promovido a General.



(Fonte: **Revista da EPPA** da Turma Cel Frota de 1952
Nº 53 – Abril de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS - 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB
- SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS -
O PATRONO DA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL (FAHIMTB) E AHIMTB FEDERADAS

Cláudio Moreira Bento, Cel - JORNALISTA E HISTORIADOR MILITAR - PRESIDENTE DA FAHIMTB e AHIMTB/Resende - Academia Marechal Mário Travassos e do IHTRGS

Caxias foi consagrado patrono do Exército Brasileiro em 13 Mar 1962 e desde 1924, a data de seu aniversário, 25 Ago, foi consagrada pelo Ministro do Exército Marechal Fernando Setembrino de Carvalho como o Dia do Soldado. No Exército Brasileiro ele se forjou e em cujo seio emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos.

Prestou ele ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços como político e administrador público de contingência, inigualados como soldado de vocação e de tradição familiar a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania do Brasil.

Ainda em vida e até nossos dias o Povo, a Imprensa, estadistas, chefes militares notáveis, pensadores, escritores historiadores militares e civis o tem definido como: Filho Querido da Vitória; O Pacificador; General Invicto;

Condestável, Escora, Esteio e Espada do Império do Brasil; Duque de Ferro e da Vitória; Nume e Espírito Tutelar do Brasil; Símbolo da Nacionalidade; o Maior Soldado do Brasil; o maior dos generais sul-americanos; Alma Militar do Brasil, Herói tranquilo e perfeito, etc.

Sua obra monumental de Pacificador de quatro lutas internas, e mais as suas modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na Guerra do Paraguai o credenciam a figurar, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Terrestre Mundial.

Sua eleição incontestada para patrono do Exército o foi no sentido de como a definiu Pedro Calmon:

"COMO O CHEFE INTEGRAL DO EXÉRCITO, O SEU MODELO, A SUA ALMA, A IMAGEM maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, e a síntese mágica das virtudes e BRIOS DE QUE ELE DEVE ESTAR IMBUÍDO".

E também como uma espécie de oráculo, para consultas em momentos graves, para autocríticas e correções de rumos, ou na busca da solução mais adequada em determinadas conjunturas complexas. E sua elevação ao patronato do Exército se deveu fundamentalmente a haver vencido seis campanhas militares (4 internas e 2 externas), além de haver dirigido o Exército de forma marcante e muito fecunda como Ministro da Guerra, em três oportunidades (1855/58, 1861/62 e 1875/78), cumulativamente com a Chefia do Governo do Brasil, na condição de Presidente do Conselho de Ministros.

Caxias foi o 1º Porta Bandeira do Pavilhão Nacional, tão logo proclamada a Independência, em solene cerimônia em 10 Nov 1822, na Capela Imperial, quando a recebeu das mãos do próprio Imperador. E ninguém mais do que ele glorificaria a bandeira do Império que ele ali recebia.

Possuía grande orgulho nativista por haver sido veterano da Guerra da Independência na Bahia, como integrante do Batalhão do Imperador, merecendo CONDECORAÇÃO ALUSIVA DE OURO QUE SEMPRE OSTENTOU COM GRANDE CARINHO E orgulho.

Profissional militar de altíssimo gabarito, sempre sonhou com o Exército Brasileiro possuir uma Doutrina Militar genuína. Sonho que expressou em 1862, ao baixar as Ordenanças do Exército Imperial do Brasil calcadas em adaptações das Ordenanças de Portugal, às realidades operacionais do Brasil que ele VIVENCIARA EM CINCO CAMPANHAS MILITARES EM QUE LHE COUBE COMANDAR E CONDUZIR À vitória o Exército Brasileiro, e com a ressalva "ATÉ QUE O NOSSO EXÉRCITO POSSUA uma Tática (Doutrina) genuinamente nossa". MAIS UM

PIONEIRISMO SEU!

Como Ministro da Guerra, entre suas muitas grandes realizações: A Escola Militar da Praia Vermelha, a reforma do QG do Exército em local hoje onde se situa o Panteon com sua estátua equestre e que abriga em seu interior os seus restos mortais e os de sua esposa, e a introdução da função de Ajudante- General do Exército, substituída mais tarde pelo Estado-Maior do Exército, além de outras marcantes, como o primeiro Regulamento Disciplinar do Exército (1875).

Como cidadão, sua culminância foi pacificar a Família Brasileira em Ponche Verde, Dom Pedrito-RS, em 1º Mar 1845. Ali, onde tornou-se pioneiro abolicionista ao assegurar, a despeito de fortíssimas pressões de escravocratas, Liberdade para os lanceiros negros farrapos, incorporando-os ao Exército, como livres, na Cavalaria Ligeira do Rio Grande.

Na Revolução Farroupilha, que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, segundo Pedro Calmon:

“O BARÃO DE CAXIAS VENCEU SOBRETUDO POR CONVENCER, POIS A VERDADEIRA VITÓRIA NÃO CONSISTE EM SUFOCAR OU SUBJUGAR O ADVERSÁRIO POIS É ANTES UMA tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepôs a olhos fraticidas, a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado, a generosidade clemente e ALICIADORA”.

Ao pedido de um áulico de que se festejasse a vitória com um ‘TE Deum’ na igreja São Sebastião em Bagé, optou por uma missa em “SUFRÁGIO DAS ALMAS DOS MORTOS IMPERIAIS E REPUBLICANOS QUE HAVIAM TOMBADO EM DEFESA DE SUAS VERDADES” ENTRE OS QUAIS ENCONTRAVA-SE SEU TIO O GENERAL JOÃO MANUEL DE LIMA E Silva que fora consagrado pelos farrapos como o seu primeiro general.

A grandeza desta tolerância a serviço da preservação da Unidade da Família Nacional fez com os gaúchos o consagrassem como o seu presidente e a seguir como seu senador vitalício em 1845.

Como líder de batalha seu grande feito estratégico foi a modelar Manobra de Flanco da posição fortificada de Piquiciri, através do Chaco, onde correu Risco Calculado ao sacrificar o Princípio de Guerra da Segurança, em benefício do da Surpresa, que ele obteve a nível estratégico, ao desembarcar, de surpresa, na retaguarda profunda do adversário em Santo Antônio, abreviando em muito a DURAÇÃO DO CONFLITO E POUPANDO ASSIM RECURSOS DE TODA A ORDEM E VIDAS HUMANAS de irmãos brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios envolvidos no maior conflito até hoje ocorrido na América do Sul e o primeiro com características de Guerra Total entre nações.

Como líder de combate seu maior momento foi na conquista da ponte de Itororó. Ao perceber que o seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para seus liderados e apelou com energia com o brado -“SIGAM-ME OS QUE FOREM BRASILEIROS!” ATO CONTÍNUO LANÇOU-SE SOBRE A PONTE DE ITORORÓ COM O seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo e arrastando atrás de si todo o Exército detido, para em seguida colher expressiva vitória tática que removeu OBSTÁCULO QUE QUASE COLOCOU EM PERIGO TODA A SUA BRILHANTE MANOBRA estratégica através do Chaco.

Sua derradeira ação pacificadora foi a de pacificar a Questão Religiosa ou Episcopo-Maçônica, defendendo e obtendo êxito na assinatura pelo Imperador do decreto de nº 5.093, de 17 Set 1875 de Anistia, assim expressa:

“ARTIGO ÚNICO. FICAM ANISTIADOS OS BISPOS, GOVERNADORES E OUTROS eclesiásticos das dioceses de Olinda e Pará que se acham envolvidos no conflito SUSCITADO EM CONSEQUÊNCIA DE INTERDITOS POSTOS A ALGUMAS IRMANDADES DAS referidas dioceses, e em perpétuo silêncio os processos que por este motivo TENHAM SIDO INSTAURADOS”.

Caxias nasceu em 25 Ago 1803 no local do Parque Histórico Duque de Caxias do município de Duque de Caxias-RJ, que recebeu o nome de seu título por ele ali haver nascido. Faleceu em 7 Mai 1880, aos 77 anos, na Fazenda de Santa Mônica, em Juparanã - Valença - RJ, à vista do rio Paraíba do Sul e onde se recolhera e passara os dois últimos anos de sua vida, viúvo e aos cuidados de sua filha mais velha, a baronesa de Santa Mônica.

Segundo sua vontade expressa em testamento, foi transportado ao túmulo no Rio de Janeiro por soldados de bom comportamento, cujos nomes foram imortalizados em pedestal de seu busto em passadiço do Conjunto Principal antigo da Academia Militar das Agulhas Negras, próximo da Sala dos Professores onde nela existe o retrato a óleo de D. Ana (Anica) Luiza - Duquesa de Caxias, sua esposa, com quem viveu 41 anos de 1833-74, de feliz e modelar CASAMENTO E QUE SE CONSTITUIU NO GRANDE AMOR E INSPIRAÇÃO DO MAIOR CABO DE guerra brasileiro, segundo seu biógrafo o Dr. Vilhena de Moraes.

Falou junto à sua sepultura, interpretando os sentimentos do Exército Brasileiro, o já consagrado escritor e historiador Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, que assim concluiu a sua antológica oração:

“SÓ A MAIOR CONCISÃO, UNIDA A MAIOR SINGELEZA É QUE PODERÁ CONTAR OS SEUS feitos! Não há pompas de linguagem! Não há arroubos de eloquência capazes de

fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na GRANDEZA.”

Caxias, depois da Guerra do Paraguai, segundo o Mal Odylio Denys, encontrou-se com o Maj Alfredo de Taunay na esquina da rua do Ouvidor com a 1^o de março e assim lhe falou:

“QUE FALTA O SENHOR ME FEZ NA GUERRA! SE O TIVESSE AO MEU LADO QUANTA COISA TERIA TIDO OCASIÃO DE ESCREVER!”

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil, assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares:

“O DUQUE DE CAXIAS DISPENSOU AS HONRAS MILITARES! ACHO QUE ELE FEZ MUITO bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte!”

O Duque de Caxias sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamento e Bravura. O Exército manifestou-se oficialmente em Ordem do Dia alusiva ao seu falecimento concluindo suas considerações elogiosas com esta afirmação:

“SE HOUVE QUEM PRESTASSE SERVIÇOS EXCEPCIONAIS AO BRASIL FOI O DUQUE DE Caxias. Se houve quem menos os fizesse valer, foi o Duque de Caxias!”

Desde 1931 os cadetes do Exército portam como arma privativa o Espadim de Caxias, cópia fiel em escala do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias.

Em 1^o Mar 1996, foi fundada em Resende - RJ, A Cidade dos Cadetes - a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que elegeu o Duque de Caxias como o seu patrono e o seu invicto sabre como símbolo em seu brasão por ser a mais representativa espada do Brasil. Instituição substituída a partir de 23 de

abril de 2012, bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras, pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHiMTB) e quatro AHiMTB filiadas em Resende, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Rio Grande do Sul e projetada a instalação da AHIMTB/São Paulo em Sorocaba.

Desde 22 de abril, véspera do aniversário da AMAN, a FAHiMTB e AHiMTB Resende - Marechal Mário Travassos, estão instaladas na academia militar das agulhas negras com todo o seu precioso acervo de Histórias das Forças Terrestres do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares) a serviço da pesquisa de HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DE DO BRASIL.

Considero Caxias o pioneiro em História Militar Terrestre Crítica ao analisar criticamente a batalha do Passo do Rosário, à Luz dos fundamentos da Arte Militar, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) do qual era sócio honorário. Arte Militar em que se tornou um mestre conforme ABOARDAMOS EM ARTIGO 'FONTES DA CULTURA DO DUQUE DE CAXIAS EM ARTE DA GUERRA' NA Revista do Exército, VOLUME 116, MAIO 1980, P. 185/196, QUANDO ÉRAMOS

instrutor de História Militar na AMAN. artigo reeditado na citada revista em seu volume 120, jul/set 1983, p.4/11, por iniciativa de sua Direção. Trabalho que DESENVOLVEMOS MAIS TARDE EM NOSSO LIVRO Caxias e a Unidade Nacional. PORTO ALEGRE: AHiMTB, 2003 (Comemorativo de seu bicentenário de nascimento), Obras enriquecidas em 2011 com a obra que tivemos a honra de prefaciar 'O DUQUE DE Caxias Dia a Dia', DE AUTORIA DE ACADÊMICO CEL LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, E QUE recorre à Cronologia, ciência auxiliar da História, que permitirá novos avanços em aspectos da vida e obra do Patrono do Exército e da FAHiMTB e AHiMTB federadas.

X-X-X-X-X-X-X-X

VOCÊ SABE O QUE É POLEMOLOGIA?

É O ESTUDO DA GUERRA CONSIDERADO COMO UM FENÔMENO DE ORDEM SOCIAL E PSICOLÓGICA.

POLEMOLOGIA É O ESTUDO CIENTÍFICO DAS GUERRAS E SEUS EFEITOS, FORMAS, CAUSAS E FUNÇÕES ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL.

O termo foi proposto em 1946 pelo sociólogo e economista francês Gaston Bouthoul(1896-1980) no seu livro CENT MILLIONS DE MORTS, tendo sido abraçado por múltiplas áreas das ciências militares, das ciências políticas e do estudos das relações internacionais.

A ACEITAÇÃO DA 'POLEMOLOGIA' COMO UM RAMO DE ESTUDO NO CAMPO DAS CIÊNCIAS POLÍTICAS PRESSUPÕE O ABANDONO DA ACEITAÇÃO DA GUERRA COMO UM FENÔMENO EXCLUSIVAMENTE CONSCIENTE E VOLUNTÁRIO E DE QUE OS CONFLITOS BÉLICOS PODEM SER EVITADOS UTILIZANDO MECANISMOS JURÍDICOS DE REGULAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE POVOS E ESTADOS.

Dicionário etimológico nova fronteira: polemologia;

Do grego "PÓLEMOS" (guerra);

polemikós: relativo à guerra.

PORTANTO, A ESTRATÉGIA NÃO É UMA CIÊNCIA, A POLEMOLOGIA SIM.

E A ESTRATÉGIA ESTARÁ SEMPRE SENDO ESTUDADA DENTRO DOS LIMITES DA CIÊNCIA POLEMOLÓGICA.

a estratégia, conforme o dicionário acima citado é uma arte, a arte do GENERAL (ESTRÁTEGO).

Bibliografia

Rudolf Steinmetz: Soziologie des Kriegeres. 1929.

Gaston Bouthoul: Traité de polémologie: Sociologie des guerres. Payot. Paris,

1991 (ISBN 222888362X)

Discurso por Kenneth N. Waltz "Man, State, and War", uma interessante abordagem da Polemologia

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

AHIMTB/RS

Academia General Rinaldo Pereira da Câmara

IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Nº 54 - Abril de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

O USO MILITAR DE JANGADAS NOBRASIL - UM EXEMPLO

Cel Cláudio Moreira Bento - Historiador Militar e Jornalista - Presidente da FAHIMTB/AHIMTB/Resende, IHTRGS e ACANDHIS

De 1763 a 1777, a posse do Rio Grande do Sul foi disputada pelas armas entre Portugal e Espanha. Os espanhóis o invadiram a partir de Buenos Aires, em 1763, pelo litoral e, em 1771-74, pela campanha, chegando a controlar cerca de 2/3 de seu atual território, com suas bases em Rio Grande, Santa Tecla (próximo a Bagé) e São Martinho (próximo a Santa Maria e chave do acesso aos Sete Povos das Missões).

Em 1774, Portugal decidiu desfechar uma contra-ofensiva para recuperar o Rio Grande, tendo organizado o poderoso Exército do Sul, ao comando do Tenente-General Henrique Bohn, contratado por Portugal para liderar a empresa, e mobilizando recursos de toda a ordem em Portugal, no Brasil e em Angola. O Exército foi concentrado em São José do Norte tendo como base logística Porto Alegre e os efetivos em Rio Pardo, para atuar na campanha à base de guerrilhas, na condução da 'Guerra à Gaúcha'.

E, primeiramente, expulsou os espanhóis de São Martinho, em 31 de outubro de 1775, de Santa Tecla, no início de 1776, e reconquistou a Vila de Rio Grande (1º de abril de 1776) que há 13 anos estava em poder de Espanha.

Para o sucesso dessa feliz empreitada, das três vagas de assalto à margem sul do sangradouro da Lagoa dos Patos, 13 jangadas foram construídas com madeira especial enviada de Pernambuco, por uma equipe composta de um sargento e sete soldados pernambucanos do 'Regimento de Henriques' que guarnecia a ilha de Santa Catarina.

Os detalhes dessa operação, pouco conhecida, abordamos em nosso livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-76**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1996, com apoio nas Memórias e cartas ao vice-rei do Tenente-General Bohn, as quais revelamos pela primeira vez, no todo e em português, depois de traduzidas do francês pelo Coronel Nei Paulo Pannizzutti e com 260 notas e vários outros complementos, inclusive respondendo a quesitos formulados pelo Estado-Maior do Exército para pesquisas em seu proveito.

A presença de jangadas foi assim resumida na Memória de Bohn:

...Em 5 de janeiro de 1776, recebi de Pernambuco várias sumacas com madeiras de Pernambuco para a construção de jangadas. Pedi a um pernambucano aqui residente que construísse uma jangada, o que ele a fez pequena sem se responsabilizar por sua eficiência.

Ela movimentou-se bem a remos e a vela, apesar de haver provocado risos na tropa por seu aspecto (...). Pedi ao governador de Santa Catarina que me enviasse

soldados de Pernambuco ali destacados e que soubessem fabricá-las. Em 26 de janeiro de 1776, ele enviou um sargento e sete soldados capazes, que logo iniciaram a construí-las com madeira mais porosa e leve do que a cortiça, só conhecida em Pernambuco, já acontecendo de algumas terem chegado até a Bahia (...).

“Essas jangadas têm calado ínfimo e aqui andam muito depressa. Mandei construir quatro na Fronteira Norte (São José do Norte atual) e quatro no Lagamar (enseada fora da barra onde aportavam navios portugueses sem interferência inimiga). Comecei a exercitar os soldados a manejá-las e a nelas confiar quanto à sua segurança...”

O plano de Bohn era usá-las no assalto a fortes espanhóis na margem sul. Assim ele escreveu ao Vice-rei em 10 de março de 1776:

“...o rei possui agora aqui barcos muito apropriados para navegar (no Sangradouro da Lagoa dos Patos). As jangadas são o que há de melhor para atravessar e transportar pessoas e tem acesso a todos os locais, em razão da pouca profundidade das margens do sangradouro. Quando mandei construir a primeira a tropa riu à socapa¹⁰. Logo a seguir, aplaudiram o seu desempenho operacional...”

Na madrugada de 1º de abril de 1776 elas transportaram, com sucesso, em dois escalões de ataque com 200 granadeiros cada, as duas primeiras vagas de assalto, sendo a do Ataque Principal guiada pelo Tenente de Dragões e Ajudante de Ordens de Bohn, nascido em Rio Grande - Manoel Marques de Souza, atual denominação histórica da 8ª Brigada Motorizada, com Quartel-General em Pelotas. Granadeiros do atual Batalhão Sampaio encarregaram-se do ataque secundário.

Em carta de 8 de setembro de 1776, ao Vice-Rei Marquês do Lavradio, Bohn escreveu:

“...A opinião de V. Excia. sobre o uso militar das jangadas é tão justo que sem elas eu teria tido dificuldades de atravessar o Sangradouro (de São José do Norte atual a Rio Grande). Ficaria encantado de receber mais madeira para fabricá-las...”

A Revista Militar Brasileira, atual **Revista do Exército** (janeiro/junho de 1976 p. 26) publicou uma gravura da época focalizando uma dessas jangadas, em artigo de Abeillard Barreto.

Este é mais um eloquente exemplo da criatividade militar luso-brasileira e da sua singular contribuição para o sucesso da grande operação anfíbia conjunta, Exército e Esquadra, que reconquistaram a Vila de Rio Grande em 1776, definindo assim, pelas armas, o destino brasileiro do Rio Grande do Sul, confirmado pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

Hoje os que andam de jangada a vela sobre trilhos, atração turística no molhe sul da barra do Rio Grande, longe estão de imaginar que treze delas foram importantes para transpor, de São José do Norte para o lado da cidade de Rio Grande, as tropas luso-brasileiras que a reconquistaram aos espanhóis, em 1º de abril de 1776, dia de São Francisco de Paula, nome primitivo da cidade de Pelotas e o seu padroeiro em reverência àquela feliz reconquista.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

VOCÊ SABE O QUE SIGNIFICA “VITÓRIA DE PIRRO”?

Pirro (Pyrrhus), rei do Épiro, região a noroeste da Grécia, interveio em proveito dos gregos no conflito entre Roma e a Magna Grécia.

Com um poderoso exército, Pirro venceu os romanos em várias batalhas sem

¹⁰ À socapa: furtivamente, com disfarce (Dic. Bras. da Língua Port. O Globo).

lucrar com isso tendo, em contrapartida, grande número de baixas.

Após um combate em que saiu vencedor teria afirmado:

- **“Mais uma vitória dessas e estaremos liquidados”** -

Os romanos, que se recuperavam após cada batalha perdida, acabaram vencendo Pirro em 247 a.C. Derrotado, o Rei do Épiro voltou para o seu reino, dando origem à expressão “vitória de Pirro”, ou seja, aquela em que a vitória nem sempre significa vitória total (SAVIAN, Elonir José, Cap QCO et LACERDA, Paulo Henrique Barbosa, Cap QCO. Manual Escolar de História Militar Geral. Resende: AMAN, 2009).

O Mito de Pirro serve para exemplificar que nem sempre a vitória pertence ao vencedor. Muitas vezes, lutamos para manter um emprego, uma posição social, um relacionamento, mas pagamos muito caro por isso. A expressão “vitória de Pirro” é uma metáfora para descrever uma vitória que de tão sacrificada, de tão desgastada, de tão violentamente conquistada, praticamente não valeu a pena alcançar, ou seja, o custo foi mais alto do que as vantagens obtidas. A expressão "vitória de Pirro" não se refere a uma vitória difícil mas a uma vitória inútil, potencialmente acarretadora de prejuízos irreparáveis, prejudiciais ao vencedor.

O seu nome tornou-se famoso pela expressão "Vitória Pírrica", quando da vitória na Batalha de Ásculo. Quando lhe deram os parabéns pela vitória conseguida a custo, diz-se que respondeu com estas palavras: "Mais uma vitória como esta, e estou perdido."

Pirro escreveu ainda Memórias e vários livros sobre a arte da guerra. Os escritos perderam-se, mas sabe-se que foram usados por Aníbal e elogiados por Cícero.

Quando Pirro invadiu a Apúlia (279 a.C.) os dois exércitos defrontaram-se na Batalha de Ásculo onde Pirro obteve uma vitória muito a custo. Os romanos perderam 6.000 homens e Pirro perdeu 3.500. Foi um duro golpe no exército de Pirro, que não aguentaria outro desfalque semelhante contra os romanos.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel - Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHRGS

lecaminha@gmail.com

Nº 55 - Maio de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

Gen Bda JOSÉ OSÓRIO (17 Set 1874/ ?)

Cláudio Moreira Bento, Cel Presidente da FAHIMTB, AHIMTB/Resende e ACANDHIS

Personagem em grande parte responsável, como capitão, pela pacificação do Contestado em 1915, como Chefe do Estado-Maior do Gen Bda Fernando Setembrino de Carvalho, que o destacou em seu Relatório ao Ministro da Guerra.

Escreveu uma bela História, mas sepultada por quase nada se saber de sua vida e obra.

Do **Almanaque do Exército** ficou o registro de sua promoção a major por merecimento, a de Ten Cel por Antiquidade, bem como a de coronel. E mais, que sentou praça em 2 Abr 1890, com 16 anos.

Procuramos suas alterações no Arquivo Histórico do

Exército, mas nada foi encontrado entre as milhares ali existentes e por mim assim interpretadas em seu significado, como fazia constatar em vários documentos

e a valorizar os funcionários que delas cuidavam:

Mais importante do que os restos mortais dos soldados do Exército Brasileiro, são os seus espíritos, os quais este Arquivo Histórico do Exército preserva, guarda e evoca em sua documentação, em homenagem às participações respectivas na construção da Pátria Brasileira, na Paz e na Guerra.

Enfim, mostrar que cada um deles ingressou no Exército, escreveu a sua História, dia após dia, e a deixou para os pósteros.

Alguns escreveram belas e úteis histórias no Exército, dignas de serem aproveitadas como exemplos no presente e no futuro. E da História do General José Osório nada restou para aqui ser recordada no Centenário da Pacificação do Contestado, junto com outros companheiros que nela se destacaram. É lamentável!

Conseguimos sua foto como comandante, de 29 Set 1934 a 13 Mar 1937, da 4ª Brigada de Infantaria em Caçapava-SP, hoje 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel).

Por oportuno, aqui recordamos a Missão do Arquivo Histórico do Exército depois de transformado de Arquivo do Exército em atendimento à nossa proposta ao Secretário do Exército e hoje acadêmico emérito da FAHIMTB Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto, e encaminhada e aprovada por ato do Exmo. Sr. Ministro do Exército Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves. Missão traduzida em placa de bronze (abaixo) colocada externamente no Gabinete de seu Diretor.

**ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO
(CRIADO EM 08 DE MARÇO DE 1934)
A CASA DA MEMÓRIA HISTÓRICA DO EXÉRCITO E O GUARDIÃO DE SUA
HISTÓRIA**

DESENVOLVE, DESDE 1985, APOIADO NO RICO PATRIMÔNIO CULTURAL MILITAR TERRESTRE BRASILEIRO, ACUMULADO DESDE O DESCOBRIMENTO, A HISTÓRIA CIENTÍFICA DO EXÉRCITO, AÇÃO CULTURAL E PROFISSIONAL MILITAR QUE REALIZA EM SISTEMA (SCHAE), EM CARÁTER PERMANENTE, A NÍVEL BASICAMENTE DE FONTES ESCRITAS E NAS SEGUINTE DIMENSÕES OU VERTENTES :

- **A HISTÓRIA INSTITUCIONAL;**
- **A HISTÓRIA OPERACIONAL;**
- **- A HISTÓRIA DOUTRINÁRIA;**
- **A HISTÓRIA DE SEUS INTEGRANTES E**
- **A HISTÓRIA DE SUAS UNIDADES (OM).**

TAREFAS QUE, EM CONJUNTO, TRADUZEM A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO MILITAR TERRESTRE BRASILEIRO, SUBSÍDIO FUNDAMENTAL PARA ORIENTAR, EM PARTE, A FORMULAÇÃO DA DOUTRINA DO EXÉRCITO DO PRESENTE E DO FUTURO, COM PROGRESSIVOS ÍNDICES DE NACIONALIZAÇÃO, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO, TAMBÉM OS ENSINAMENTOS DA GEOGRAFIA MILITAR E, EM ESPECIAL A DO BRASIL.

EM ASSIM SENDO O ARQUIVO, TAMBÉM GUARDIÃO DA HISTÓRIA DO EXÉRCITO, SE ENGAJA NA NOBRE AÇÃO PROFISSIONAL DE EDIFICAÇÃO DA OPERACIONALIDADE CRESCENTE DO EXÉRCITO EM SUAS MÚLTIPLAS PROJEÇÕES:

- **INSTITUCIONAL;**
- **OPERACIONAL;**
- **DOUTRINÁRIA;**

- **DE SEUS INTEGRANTES; E**
- **DE SUAS UNIDADES (OM).**

Nota: História Militar Científica tem o mesmo significado de História Militar Crítica, ou seja, o resultado de uma análise da História Descritiva feita à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar (Vide Cap. V nosso livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, disponível em Livros no site www.ahimtb.org.br)

Nº 56 – Maio de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

A 8ª COMPANHIA DO 4º BATALHÃO DE FUZILEIROS EM CANGUÇU (1845-49), SOB O COMANDO DO CAPITÃO ANTÔNIO DE SAMPAIO

**Cel Claudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista
Presidente da FAHIMTB e da AHIMTB RESENDE -
Marechal Mario Travassos, do IHTRGS e da ACANDHIS**

A 8ª Companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros que, ao comando do Capitão Antônio de Sampaio, hoje consagrado

patrono da Arma de Infantaria, teve a missão de consolidar a pacificação da Revolução Farroupilha em Piratini ex-capital Farroupilha. E, em especial, em seu distrito de Canguçu, onde ela aquartelou por cerca de 4 anos, como sua Base de Operações. Isto, por ser considerada Canguçu, segundo o grande guerrilheiro imperial Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, que ali estivera baseado de agosto 1843 a Fev 1845 “como o distrito de Piratini de mais perigo e mais farrapo”.

E assim, em Canguçu, foi presença pioneira na área o hoje 9º Batalhão de Infantaria Motorizado - o Regimento Tuiuti, que tem como raiz histórica o citado 4º Batalhão de Fuzileiros (4º Btl Fzo). Unidade que está intimamente ligada à história do Patrono da Infantaria, que a comandou, integrou-a à sua Brigada na conquista de Paissandu e, por fim, em sua Divisão Encouraçada, na Batalha de Tuiuti, onde atuou na sua Vanguarda, sendo apelidado de O Vanguardeiro. Esta é a origem do nome Regimento Tuiuti.

Batalha vencida pelo General Osório, que estudamos em nosso livro **Bicentenário do General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro** (Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008). Personagem histórico intimamente ligado a Pelotas, sede da Delegacia da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, batizada com o nome de seu neto Fernando Luiz

Osório, um de seus biógrafos e destacado civil historiador militar brasileiro, além de consagrado historiador de Pelotas, na obra **A Cidade de Pelotas**, com várias edições, que o falecido historiador pelotense e canguçuense Flávio Azambuja Kraemer conservava com muito carinho em seu precioso Armazém Literário em sua residência e que o batizou com o nosso nome.

História do 4º Batalhão de Fuzileiros que passo a interpretar com apoio em estudos do acadêmico Cel Paulo Rocha Paiva, que buscou apoio em sua interpretação nos historiadores militares e patronos de cadeira em nossa Academia Cel Jonathas do Rego Monteiro e General Paulo de Queiroz Duarte. Apoio, igualmente, em informações dos falecidos historiadores do Regimento Tuiuti e correspondentes de nossa AHIMTB Major Ângelo Pires Moreira e Heloísa

Assumpção do Nascimento. E mais, de nosso colega de Turma Antônio Alberto da Silva Lisboa, que escreveu história inédita do Regimento, cujo exemplar único havia deixado com o comandante da unidade e cujo destino ele não sabe informar.

Interpretação que traduzimos sinteticamente em 2001 no livro **8ª Brigada de Infantaria Motorizada**, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, às p.134/137, nas quais retifico que Sampaio não combateu a Revolução Farroupilha. E sim, que de 1845/49 participou de sua consolidação a partir de sua base de operações em Canguçu.

O 4º Batalhão de Fuzileiros foi organizado em Recife, Pernambuco, em 1842. E em 1845 foi destacado no Rio Grande do Sul, tendo aquartelado em Jaguarão, integrando a 2ª Brigada ao comando do Cel Manoel Marques de Souza III, o futuro Conde de Porto Alegre, neto homônimo do Marechal de Campo Manoel Marques de Souza I, patrono da 8a Bda Inf Mtz de Pelotas. Marques de Souza III representou Caxias nas negociações da paz da Revolução Farroupilha, no Rio de Janeiro em 1844.

Personagem riograndina cuja história abordamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, na reedição ampliada do livro **Conde de Porto Alegre - bicentenário - 2004**. Porto Alegre: Genesis/AHIMTB/IHTRGS, 2005, cujas abas são de autoria de sua descendente, jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, acadêmica da AHIMTB, ocupante da cadeira Conde de Porto Alegre.

A 8a Companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros foi destacada em Canguçu, então distrito de Piratini, pelo Cel Manoel Marques de Souza III ao comando do capitão Antônio de Sampaio e com a concordância do Barão de Caxias, para consolidar a pacificação nas serras do Sudeste. Em Canguçu o Capitão Sampaio permaneceu por cerca de quatro anos e ali conheceu sua esposa Júlia dos Santos Miranda, com quem casaria em Jaguarão, pelo padre João Themudo Cabral Diniz, o mesmo que casara os pais de Júlia em Canguçu quando ali foi pároco em 1818/19.

Consolidada e Pacificada a Revolução, o 4º Batalhão de Fuzileiros retornou a Pernambuco para a pacificação da Revolução Praieira 1849/50.

E posteriormente o citado Batalhão retornou ao Rio Grande, no qual foi incluído nas forças do Exército do Sul pela Ordem do Dia nº 65 de 26 de julho de 1852, e o Capitão Antônio de Sampaio foi promovido a Major por merecimento, três dias depois. E a partir de 1854 passou a exercer o comando interino do 4º Batalhão de Fuzileiros, tendo inclusive no seu comando integrado a Divisão Auxiliadora. E permaneceu no seu comando até a sua promoção a Ten Cel por Decreto de 2 de dezembro de 1855.

Isto, segundo o acadêmico Cel Paulo Rocha Paiva, com base na obra **Estudo sobre a Organização dos Corpos de Tropas**, às páginas 24, 65 e 66; obra que abordou a visualização, até 1934, do 4º Batalhão de Fuzileiros a partir do Batalhão Provisório de Pernambuco em 1839.

Este Batalhão retornou a Pernambuco e em maio de 1864 integrou a Brigada ao Comando do Cel Antonio de Sampaio.

Promovido Sampaio a Brigadeiro, o 4º Btl Fzo da Brigada de Sampaio, no sul novamente, integrou a sua Divisão e foi a Vanguarda da Divisão na Batalha de Tuiuti de 24 de maio de 1866.

Em 1908 o 4º Batalhão de Fuzileiros, já intimamente ligado à vida de Sampaio, contribuiu para a formação do 9º Regimento de Infantaria em Pelotas.

9º Regimento de Infantaria que em 1972 foi transformado em 9º Batalhão de Infantaria Motorizado. E em razão do 9º Batalhão de Infantaria descender do heróico 4º Batalhão de Fuzileiros recebeu a denominação histórica justíssima de Batalhão Tuiuti. Circunstância que o liga mais à vida e obra do Patrono da Infantaria que ao

próprio Regimento Sampaio, ao assim ser denominado, por ser a mais antiga unidade de Infantaria do Exército e que carrega em suas tradições a de ser a única unidade brasileira que participou de operações de guerras transcontinentais:

- A Libertação de Angola em 1648 do domínio holandês; e
- Sua participação na FEB, onde teve a seu cargo o papel principal na conquista de Monte Castelo.

E dentre os 21 gaúchos mortos na FEB dois foram soldados do Regimento Tuiuti e filhos de Canguçu, honrando a terra onde o Regimento Tuiuti, historicamente, permaneceu, antes de aquartelar em Pelotas.

Em consequência, a 8ª Cia do 4º Btl Fzo que esteve em Canguçu em 1845/49, por transformações, fusões e denominações sucessivas, liga-se intimamente ao Batalhão Tuiuti, no qual diversas gerações de canguçuenses tem nele prestado Serviço Militar, inclusive o autor, que esteve aquartelado em 1950 em sua caserna quando prestou o Serviço Militar Obrigatório na então 3ª Companhia de Comunicações, proveniente de Fortaleza, onde Sampaio iniciara sua vida militar há 180 anos, na Fortaleza hoje sede da 10ª Região Militar à frente da qual repousam seus restos mortais.

Fontes:

BENTO, Cláudio Moreira, Cel. **Bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio. Patrono da Infantaria.** Barra Mansa: AHIMTB, IHTRGS, ACANDHIS; 2010-07-21.

(.). Et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. 9º BI Mtz - Regimento Tuiuti. **In: 8ª Bda Infantaria Motorizada.** Porto Alegre: Genesis, 2001, p. 134/137.

DUARTE, Paulo Queiroz, Gen. **Voluntários da Pátria.** Rio de Janeiro. BIBLIEX, v. 1.

MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. **Organização dos Corpos de Tropas Coloniais.** Arquivo do Exército, 1934.

PAIVA, Paulo Rocha, Cel. **Os Batalhões de Infantaria na Guerra do Paraguai** (inédito).

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

VOCÊ SABE O VERDADEIRO NOME DO DESCOBRIDOR DO BRASIL EM 1500?

- PEDRO ÁLVARES DE GOUVEIA -

SÓ PASSOU A SER CABRAL QUANDO MORREU SEU IRMÃO, O PRIMOGÊNITO, JOÃO FERNANDES CABRAL, EM 1508 (Basílio de Magalhães, autor do livro Manual de História do Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949).

X-X-X-X-X-X-X-X-X

VOCÊ SABE A ORIGEM DA EXPRESSÃO “ERRO CRASSO”?

Em 59 a.C, o poder em Roma foi dividido entre Júlio César, Cnaeus Pompeus e Marcus Licínius Crasso. Os dois primeiros eram notáveis generais, que ampliaram os domínios romanos. Crasso era conhecido pela riqueza e não pelo talento militar.

César conquistou a Gália (França), Pompe

Nº 57 - Maio de 2013 – Cel Cáudio Moreira Bento

Palestra, na AMAN, do Acadêmico Cel Roberto Mascarenhas de Moraes sobre a FEB

Cel Cláudio Moreira Bento – Historiador Militar e Jornalista - Presidente da FAHIMTB, AHIMTB/Resende (Academia Marechal Mário Travassos) e do IHTRGS

No dia 26 de Abril de 2013, o Coronel Roberto Mascarenhas de Moraes¹¹, único neto do Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, e acadêmico da FAHIMTB, pronunciou no moderno e amplo Teatro da AMAN, preciosa palestra sobre a nossa Força Expedicionária Brasileira, assistida por todos os cadetes, tendo por tema central o **Jornal Cruzeiro do Sul**, editado na Itália, e raro, cuja coleção encontrou no precioso acervo de seu avô, que o encarregou de dar ao mesmo destino, a seu critério.

Publicação valiosa que, a conselho do falecido General Carlos de Meira Mattos, grande colaborador, amigo e biógrafo de seu avô e hoje patrono da cadeira na FAHIMTB, foi republicada pelo editor Leo Cristiano. Editor que, em passado recente, editou os seguintes álbuns de nossa autoria, patrocinados e distribuídos pela FHE-POUPEX e que hoje decora paredes de OM de nossas Forças Armadas:

Escolas de Formação das Forças Armadas, Quartéis Gerais das Forças Armadas e A Guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da República.

A Coleção do Jornal **O Cruzeiro do Sul**, já está na 2ª edição e foi lançado na ocasião, na AMAN.

Ao longo de sua fala, o Cel Roberto exaltou a presença da FEB no conjunto das Forças Aliadas na Europa, a qual, em apreciação do Presidente Roosevelt dos EUA, este distinguiu o seu desempenho operacional ao lado das forças dos Estados Unidos e da Inglaterra.

O palestrante chamou a atenção dos cadetes para ficarem atentos à manipulação de nossa rica e bela História Militar, de um Brasil vitorioso nas diversas guerras que teve que enfrentar, exaltando as qualidades do soldado brasileiro na FEB, comprovada em profunda pesquisa sobre o Combatente Brasileiro na Itália, na 2ª Guerra Mundial, realizada na ECEME, em 1962, cujo resultado acabamos de recordar no Informativo **O Guararapes** n° 17

FAHIMTB em destaque no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e intitulado:

“O cinquentenário de pesquisa na ECEME, em História Militar Crítica, do Combatente Brasileiro na FEB”

No 2º tempo, destinado aos debates, o conferencista sentiu o grande interesse dos cadetes pelo tema, tendo sido saudado ao final por um cadete, com expressiva mensagem.

A seguir, teve oportunidade de conhecer as instalações da FAHIMTB e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, em amplo espaço, concretizado nos comandos dos generais Edson Leal Pujol e Júlio César de Arruda, e estímulo moral e material do Gen Ex Marco Antônio de Farias, ex- comandante da AMAN, e do Gen Div Fernando Vasconcellos Pereira, Diretor de Educação Superior Militar do Exército (DESMil). Instalação a ser aperfeiçoada para que seu acervo possua maior visibilidade pela Internet e sirva, em especial, aos pesquisadores de História Militar Crítica. Isso, por acreditarmos, salvo melhor juízo, que o seu acervo é o maior

¹¹ O Cel Mascarenhas atua na AHIMTB/RJ - Academia Marechal João Batista de Mattos, como vice- presidente e é o 3º ocupante da cadeira n° 19, da qual seu avô é patrono.

existente no Exército, e é classificado de acordo com a **Teoria da História do Exército Brasileiro**, desenvolvida pelo EME, por sua Comissão de História 1970/74.

O Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes e o General Carlos de Meira Mattos foram comandantes assinalados das Escolas Militares. O 1º em Realengo e o 2º em Resende. E desde a FEB mantiveram estreito contato.

Antes dos ilustres chefes, considero que foram o 2º e o 3º a realizarem APAs (Análises pós-Ação), ou a Crítica das Operações que tiveram a honra de comandar. O 1º deles, a FEB, e o 2º a Operação em São Domingos, a serviço da OEA.

Ocupa o 1º lugar o Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, ao realizar a APA (Crítica da Operação) da Pacificação do Contestado 1912-16, que abordo na seguinte obra (no prelo):

“A Revolta do Contestado 1912-16, nas memórias e nos ensinamentos militares de seu Pacificador”

Obra com base nas fontes primárias por ele produzidas. Ou seja, seu **Relatório ao Ministro da Guerra** e em suas **Memórias**, obras que hoje são peças raríssimas.

Tivemos a honra, na qualidade de sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), sermos escolhidos pelo seu presidente Dr. Pedro Calmon, como orador na sessão comemorativa do Centenário de Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, trabalho que foi publicado por sua revista RIHGB, volume 344, jul/set 1983, p.119/136.

Ao pesquisar a História da AMAN, deparamos com a informação do grande estímulo, prestígio e incentivo que o então Cel João Batista Mascarenhas de Moraes deu à Biblioteca da Escola. E foi mais longe, determinou a criação de bibliotecas especializadas em todos os cursos e departamentos.

Em nosso livro **A participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial**, evidenciamos a atuação da FEB e de seus pracinhas, onde fizeram boa figura ao lutar contra ou ao lado de parcelas dos melhores exércitos do mundo naquele conflito.

Sem dúvida, foi uma oportunidade invejável para o historiador Cel Roberto Mascarenhas de Moraes poder se dirigir a todos os cadetes com suas preciosas informações e lições da História Militar, e falar sobre dois ilustres ex- comandantes da AMAN com os quais privou intimamente, os então Cel João Batista Mascarenhas de Moraes e o Gen Bda Carlos de Meira Mattos.

Palestra que contou com a presença do novo comandante da AMAN, o Gen Bda Tomaz Miguel Miné Ribeiro Paiva, ex-comandante do seu Corpo de Cadetes e, como cadete, ex-presidente da Sociedade Acadêmica Militar (SAM).

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Você sabe o que significa “alea jacta est” e a oportunidade na qual foi pronunciada esta frase?

Em dezembro de 50 a.C., Caius Julius Cesar era o pro-cônsul romano na Gália Cisalpina, a qual ele mesmo tinha vencido e pacificado. Era triúmviro, juntamente com Pompeu e Crasso, mas já tinha ambições de se tornar “princeps”.

Em 49 a.C. Cnaeus Pompeus e César eram os dois principais líderes romanos e tinham as suas rivalidades. Crasso já havia morrido em combate e Pompeu controlava os senadores. Em seguida o senado, liderado por Catão, o Censor, ordenou o regresso de César e a desmobilização de todas as suas legiões, ao mesmo tempo em que o proibia de se candidatar ao segundo cargo de cônsul. Mas ele se recusa a atender. César sabia que, sem a sua função de pro-cônsul e o poder

das suas legiões seria processado e eliminado da vida política assim que regressasse a Roma. Recusando-se a obedecer, César atravessou o rio Rubicão, no norte da península Itálica, a 10 de janeiro, e dirigiu-se a Roma com suas legiões. O Rubicão era o limite da área sob jurisdição de César.

Na oportunidade, às margens do Rubicão, bradou em voz alta a famosa frase "alea jactaest" (a sorte está lançada), ou seja, não era mais possível voltar atrás.

Vencido Pompeu, César tornou-se Imperador, inaugurando a fase imperial de Roma.

Fonte: GIORDANI, Mário Curtis. A História de Roma. Petrópolis: Vozes, 1968.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel - AHIMTB/RS (Academia General Rinaldo Pereira da Câmara) e IHTRGS
lecaminha@gmail.com

Nº 65 – Maio de 2013 – Cel Cláudio Moreira Bento

A GUERRA DO PARAGUAI: UM LABORATÓRIO DE DOCTRINA MILITAR TERRESTRE POUCO EXPLORADO

Cláudio Moreira Bento(x) - Historiador Militar e Jornalista - Presidente da FAHIMTB e IHTRGS

Caracterização Sumária

De 1865 a 1870, a Bacia do Rio da Prata foi o cenário do maior conflito entre nações das Américas - a Guerra do Paraguai. Ela envolveu de um lado do Brasil, a Argentina e o Uruguai, que formaram a Tríplice Aliança, contra o Governo do Paraguai. Seu início teve lugar logo depois de término da Guerra de Secessão nos EUA, um conflito interno entre o Norte industrial e o Sul agropecuário e escravista daquele país e o primeiro grande conflito da Era Industrial. Conflito que foi o prenúncio da Guerra Total. Nele, com o apoio na máquina a vapor foi possível a produção, em série, de munições e armamentos que aumentaram consideravelmente a densidade de fogo no campo de batalha. Isto obrigou o combatente a enterrar-se no terreno à procura dos abrigos, as trincheiras - a marca registrada da I Guerra Mundial em sua primeira fase. A Guerra de Secessão, com a qual a Guerra do Paraguai apresenta semelhanças e da qual recebeu influências, somente foi estudada criticamente, à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, entre as duas últimas Grandes Guerras.

Os chefes, pensadores, planejadores e historiadores militares norte-americanos lamentaram profundamente o atraso do estudo, em razão dos valiosos ensinamentos que ela sugeria e que poderiam ter sido incorporados à Doutrina Militar do Exército dos EUA na I Guerra Mundial. E, mais, eles se conscientizaram da importância do conflito no contexto da evolução da Doutrina Militar Mundial.

Importância Histórico-militar da Guerra do Paraguai

A Guerra do Paraguai, o maior conflito entre nações das Américas e a maior experiência bélica do Brasil até hoje, carece de um estudo crítico militar mais profundo, como de resto quase toda História Militar Terrestre do Brasil. Esta vinha sendo estudada, na maioria das vezes, de forma empírica, ao invés de científica ou crítica a luz dos fundamentos da Ciência e da Arte Militar. Sua abordagem vinha sendo feita, predominantemente, de maneira descritiva e não crítica ou analítica. Sob os dois últimos aspectos é que a História Militar contribuiu para a formação dos grandes Capitães da História: Júlio Cesar; Alexandre, o Grande; Gustavo Adolfo; Frederico, o Grande; Napoleão e tantos outros, conforme eles mesmos proclamaram,

bem como do nosso grande Duque de Caxias, que encontrou nas manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri, na Guerra que ora estudamos, passaporte seguro para figurar na galeria dos grandes Capitães da História ou dos grandes mestres da Arte da Guerra.

Estudo crítico ou analítico da História Militar, assim enfatizado, por Frederico, o Grande, ao professor da matéria seu filho:

“Não ensine História Militar a meu filho como se ensina a um papagaio. Faça-o meditar, racionar e tirar conclusões próprias e ensinamentos.”

As abordagens descritivas e não críticas ou analíticas e mencionadas como científicas de nossa História Militar, à luz dos fundamentos de uma Doutrina Militar, contribuíram para o desprestígio da disciplina entre nossos chefes militares. E isto era justificável, por não verem eles resultados práticos das atividades de História, no sentido de contribuições para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar Brasileira, com índices progressivos de nacionalização, mas incorporando o que de melhor existisse em doutrinas de Exércitos de grandes potências e potências militares mundiais.

Índices progressivos de nacionalização calcados no estudo crítico-militar de nossas experiências acumuladas em quase cinco séculos, em lutas internas e externas, nos mais variados rincões do Brasil. Experiências vitoriosas, que contribuíram para configurar e manter um Brasil de dimensões continentais que não são obra de um milagre, mas sim fruto de judiciosas soluções estratégicas, táticas e logísticas militares. Soluções decorrentes da correta aplicação da Arte da Guerra por militares portugueses e brasileiros do passado, caracterizados por um fator de decisão militar constante - o **Terreno brasileiro**, com suas características - e por um importante e característico elemento do Fator Militar - **o soldado brasileiro**.

Acreditamos que muitas daquelas soluções, se estudadas criticamente por chefes, pensadores, planejadores e historiadores militares brasileiros, servirão de ferramentas para alicerçar o Exército Brasileiro do futuro. Um Exército possuidor de **Poder Militar Defensivo Dissuasório Compatível**, para proteger as riquezas minerais da Amazônia Verde, o Povo e a Integridade e a Soberania do Brasil. Um país com o bordão presidencial '**Brasil rico é país sem pobreza**'. **E militarmente seguro**.

Militarmente seguro ao dispor de um Exército, como braço armado do povo e dotado de uma Doutrina Militar com expressiva nacionalização. Fruto de análise crítica do seu passado, do entendimento do seu presente e desenvolvimentos das capacidades de estimar o seu futuro militar e de formular e praticar Doutrina Militar dinâmica e coerente com este futuro, conforme procederam os Exércitos das grandes potências e potências militares.

Creio que se a Guerra do Paraguai for estudada a fundo, como o foi a Guerra de Secessão, trará valiosa contribuição aos militares em apoio a uma Doutrina Militar das nações do MERCOSUL, para a defesa militar, no insondável terceiro milênio, apenas iniciado.

É possível que a Guerra do Paraguai venha a ser considerada como o primeiro grande conflito entre nações na Era Industrial. Como se verá, nela a máquina a vapor se fez presente nos navios de nossa Marinha, numa ferrovia do adversário e numa ferrovia construída por nossa Marinha.

O Brasil deverá, necessariamente, ser potência militar. Ao estudar e analisar criticamente as grandes potências mundiais, na qualidade de pesquisador e instrutor de História Militar de 1978/80 na Academia Militar das Agulhas Negras, cheguei a uma conclusão simples: todas são potências militares, possuidoras de Doutrina Militar

própria ou com elevados índices de nacionalização. Nenhuma copiou doutrina alienígena sem a adaptar às suas realidades operacionais, como Caxias procedeu em 1861, como Ministro da Guerra e Chefe do Governo do Brasil, ao adaptar às realidades operacionais sul-americanas a Doutrina Militar do Exército de Portugal, de influência inglesa, feita para as realidades operacionais europeias, **“até que nosso Exército possuísse uma doutrina genuína.”**

O campo de batalha foi, é e continuará sendo o melhor laboratório de pesquisa para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar. Não existe nenhum sucedâneo eficiente.

Em **Os Lusíadas**, Luiz de Camões, o poeta soldado que perdeu uma vista em combate, na área onde fica o Viet Nam, em sua missão de contribuir para conquistar o Pensamento Político de Portugal: **Dilatar a Fé Católica e o Império Português**, assim se referiu à Doutrina Militar (prestante):

“A Disciplina militar prestante, não se aprende senhor na fantasia, senão vendo, tratando e pelejando.”

Vendo é estudando, tratando é participando de manobras militares e pelejando é participando de combates. E, assim, absorvendo a Doutrina Militar que regula a força militar.

Acreditamos que a Guerra do Paraguai ainda se constitua em importante laboratório, com vistas às Doutrinas Militares, não só a do Brasil, com a dos uruguaios, argentinos, bolivianos e paraguaios. Para os dois últimos o valor será maior se esta experiência for comparada com a Guerra do Chaco em 1935 - a última guerra convencional envolvendo nações das Américas.

O Marechal Floriano Peixoto, como Presidente da República, determinou que o Oficial Engenheiro Cel Emilio Jourdan, veterano da guerra e construtor de algumas pontes da célebre Estrada do Chaco, escrevesse uma história do conflito, para servir de subsídio "aos alunos de nossas escolas militares, com o objetivo de conhecerem as realidades operacionais sul-americanas".

O Marechal Bernardino Borman, veterano da guerra, ajudante-de-ordens e biógrafo de Duque de Caxias, e mais tarde chefe do Estado-Maior do Exército, com aquele objetivo, escreveu também a sua visão da Guerra do Paraguai.

Ainda oficial de Estado-Maior, o mais tarde General Tasso Fragoso começou a estudar aquele conflito. Seu estudo foi traduzido na monumental obra **A Guerra da Tríplice Aliança** - editada quando era chefe do Estado-Maior do Exército.

Obra descritiva, foi trabalhada tecnicamente pelo Coronel Ruas Santos, que a enriqueceu e a transformou em instrumento de trabalho indispensável a estudos críticos futuros.

O Estado-Maior do Exército em sua Portaria 061, de outubro de 1977, marcou os seguintes objetivos para as atividades de História no Exército:

- Contribuir para a formação e o aperfeiçoamento dos quadros e da tropa;
- Contribuir para o desenvolvimento da doutrina das Forças Terrestres Brasileiras; e
- Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico-Cultural do Exército.

Com isto, orientou a História no Exército para aspectos predominantemente crítico-militares, em apoio à formação dos seus quadros e ao desenvolvimento de uma doutrina militar terrestre brasileira, tarefa que há 17 anos a Federação de Academias de História Militar Terrestre Brasileira se empenha em realizar, em cooperação com o nosso Exército.

Causas da Guerra para o Brasil

O Brasil foi à guerra contra o Governo do Paraguai depois de sua Soberania e

Integridade serem agredidas pelo Governo do adversário:

- agressão à Soberania, através da ameaça à livre navegação brasileira nos rios Paraná e Paraguai, caracterizada pela ereção da fortaleza de Humaitá sobre o rio Paraguai, e prisão, em Assunção, do Presidente de Mato Grosso, quando, depois de partir do Rio de Janeiro, viajava para assumir o seu posto. Os rios Paraná e Paraguai eram elos, há dois séculos, de ligação do Centro do Poder do Brasil com sua Província de Mato Grosso.

- agressão à Integridade territorial, materializada pelas invasões e ocupações temporárias de territórios brasileiros no Rio Grande do Sul e em Mato Grosso.

-

Desenvolvimento da Guerra - Síntese - Ofensiva Adversária

A iniciativa das nações coube ao adversário. Manobrando em linhas interiores, ele invadiu o indefeso sul de Mato Grosso. Em Dourados, ocorreu o épico episódio da resistência até a morte do Tenente Antônio João, atual Patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais. Depois foi a vez da província argentina de Corrientes e da brasileira o Rio Grande do Sul.

Em 11 de junho de 1865, nossa Marinha obteve a retumbante e decisiva vitória naval de Riachuelo, a maior batalha naval da América do Sul e ponto de inflexão do conflito, de ofensiva para defensiva adversária por parte do Paraguai. Nesta batalha, forças navais e terrestres brasileiras embarcadas, puseram fim à capacidade ofensiva estratégica do adversário.

O término da ofensiva adversária, no sul, foi selado com a rendição em Uruguaiana, aos aliados, das tropas invasoras, em presença do Imperador D. Pedro II.

A invasão adversária da província de Corrientes provocou o ingresso da argentina na Guerra. Foi formada então a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai.

Ofensiva Aliada

Os aliados passaram à ofensiva tendo como objetivo estratégico a Fortaleza de Humaitá e, político a conquista de Assunção, capital adversária.

Em 16 e 17 de abril de 1866, sob a liderança do General Osório, forças navais e terrestres aliadas, em ação conjunta, em operação que poderíamos hoje classificar de anfíbia, transpuseram o rio Paraná em Passo da Pátria, invadindo o território do adversário, depois de bem sucedida ação sobre o Forte Itapiru, consumada com a conquista e manutenção da Ilha da Redenção por uma força-tarefa integrada por infantes, artilheiros e engenheiros ao comando do tenente-coronel Villagran Cabrita, que nesta ação perdeu a vida, atingido por obus adversário quando redigia a parte da vitória.

Prosseguindo o avanço aliado, ainda com Osório, travou-se a Batalha de Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul, que pôs fim à capacidade ofensiva adversária. Nela, Osório, liderando uma manobra defensiva em posição, conseguiu anular o duplo envolvimento intentado pelo adversário.

Foi ferido mortalmente nesta batalha o Brigadeiro Sampaio - atual Patrono da Infantaria, após desenvolver papel decisivo para a vitória à frente de sua Divisão de Infantaria Encouraçada. Destacou-se e consagrou-se igualmente o então Coronel Emílio Mallet, atual Patrono da Artilharia, com sua "Artilharia Revólver" postada atrás de um fosso escavado pelo Batalhão de Engenheiros de Conrado Bittencourt, que amparou e manteve o seu flanco esquerdo, atuando como Infantaria.

Em manobra de Penetração ao longo do rio Paraguai, os aliados sofreram sério revés frente à fortaleza de Curupaiti. O insucesso desse desastre cobrou o alto preço

de cerca de 4.000 vidas brasileiras, resultado da inobservância do Princípio da Unidade de Comando, agravado pelo não-reconhecimento da posição e descoordenação dos ataques terrestres e destes com os navais.

Era impositivo um comando único. Caxias foi nomeado comandante. E arquitetou suas vitórias. Depois de obter suficiente suporte logístico passou a ação. Flanqueou Humaitá e fez cair, pela manobra, este objetivo, que deteve por dois anos os Aliados. A sua ultrapassagem e conquista representou a perda da capacidade defensiva adversária. Para vencê-la, Caxias usou dois balões cativos de reconhecimento que mandou vir dos EUA e que foram operados pelos irmãos Allen, veteranos do Exército da União na Guerra de Secessão. A nossa Marinha construiu pequena ferrovia para realizar o apoio logístico da parte da Esquadra infiltrada entre as fortalezas adversárias de Curupaiti e Humaitá.

Prosseguindo rumo a Assunção, os aliados se defrontaram com fortificações apoiadas no arroio Piquiciri. Para ultrapassá-las, Caxias concebeu o plano de abordá-las através de estrada a construir sobre o Chaco, para cair de surpresa sobre a retaguarda do adversário, cortando a ligação que este mantinha com Assunção.

Seu plano implicava em correr o Risco Calculado. Ou seja: sacrificar o princípio de guerra Segurança, ao atravessar com o grosso de suas tropas uma região sujeita a inundações repentinas. Isto, em benefício do princípio de guerra Surpresa. No caso, desembarcar na retaguarda adversária, sem lá ser esperado, e colher assim todas as vantagens militares decorrentes.

O Corpo de Pontoneiros do Rio Grande do Sul e o Corpo de Engenheiros do Rio de Janeiro executaram, com grandes sacrifícios, 8 pontes, e cerca de 8 quilômetros de picadas, e a estivaram com milhares de troncos de palmeiras. Foi o caminho da vitória aliada - a Estrada do Chaco - feito épico, orgulho de nossa Engenharia de Combate e sobre a qual marcharam os infantes, cavalgaram os cavaleiros e foram tracionadas algumas peças de Artilharia que, sob o comando de Caxias, atingiram Santo Antônio, obtendo a Surpresa Estratégica. Esta circunstância incomum na guerra é o prêmio mais cobiçado dos verdadeiros artistas da guerra, por proporcionar a vitória com o mínimo desgaste e com o máximo rendimento militar.

Teve lugar então a Dezembrada, conjunto de batalhas de Itororó, Avaí, Vileta e Lomas Valentinas, que acabaram com a capacidade defensiva tática do adversário, obrigando-o a refugiar-se nas montanhas e deixando livre o caminho para Assunção, cuja caracterizou o fim da guerra. A redução das últimas resistências ficou a cargo do Conde D'Eu, genro do Imperador D. Pedro II. A Guerra teve seu epílogo em Cerro Corá, em 1º de março de 1870, com a morte em ação, de espada em punho, do Marechal Solano López, coerente com seu ideal que chocava-se com o interesse brasileiro e se constituiu em ameaça à Soberania e integridade do Brasil. São coisas de um passado longínquo e feridas cicatrizadas, alicerces para uma cooperação mais íntima e produtiva para ambas as nações para construir em conjunto uma Doutrina Militar Terrestre a serviço da proteção militar do MERCOSUL.

Neste conflito, enfrentamos um dos mais valorosos e disciplinados soldados sul-americanos e em sentido figurado, cinco grandes generais adversários, que explicam as dificuldades enfrentadas pelos Aliados até Assunção e a grande duração do conflito. Foram aqueles generais:

- **O General Distância de Apoio Logístico**, Ou seja, a distância do Centro do Poder do Brasil no Rio de Janeiro, separado do TO, nos confins da Bacia do Prata, por milhares de quilômetros de caminhos marítimos e fluviais. Este general temível seria mais tarde enfrentado pela Inglaterra na Guerra dos Bôers na África do Sul e pela Rússia, na Guerra Russo-Japonesa no TO da Coreia e ultimamente pelos ingleses na Guerra das Malvinas.

- O **General Terreno Adversário** desconhecido, difícil por natureza e agravado por centenas de fortificações.

- O **General Paraná**, interposto inicialmente entre os aliados e adversários em Passo da Pátria, obstáculo de vulto, vencido com grandes sacrifícios, separando a Zona de Administração Aliada, em Corrientes, da Zona de Combate em território adversário.

- Os **Generais Tifo e Cólera**, que ceifaram milhares de vidas aliadas ou chegaram, em períodos críticos, a neutralizar a capacidade ofensiva tática aliada.

-

Reflexos da Guerra na consolidação do Exército

Esta guerra, em plena Era Industrial, veio comprovar que um exército não mais podia ser improvisado, de uma hora para outra, em razão da crescente sofisticação da Ciência da Guerra.

Em realidade, desde a sua criação, em 1824, o Exército brasileiro sofreu diversas pressões que se refletiam negativamente em sua consolidação.

A principal delas foi a criação da Guarda Nacional, na Regência, cópia de similares na França e Estados Unidos. Esta instituição perdurou até a I Guerra Mundial, quando foi absorvida como 2ª linha do Exército no governo de Wenceslau Brás. Graças ao prestígio do Duque de Caxias e dos Marechais Osorio e Câmara, heróis do conflito e Ministros da Guerra entre 1870/80, foram minimizados os esforços tendentes ao enfraquecimento e desprestígio do Exército.

No bojo da luta republicana, fruto da Questão Militar, emergiram no Exército duas correntes: a dos profissionais militares, desejos de um exército forte, à altura das necessidades de Segurança Nacional, e a dos científicos ou bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, muitos adeptos do Positivismo - a religião da Humanidade - cujos reflexos na consolidação da instituição foram prejudiciais. Isto, em razão de seus adeptos não interpretarem e praticarem a nova filosofia, como o fez o Marechal Rondon. Este há um tempo só dedicado à integração do Brasil e ao índio, à Humanidade e, profissional de raros méritos, encarregado de combater a Revolução de 24. Ele foi indicado pelo General Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa, como o general que reunia as melhores condições para comandar o Exército Brasileiro numa eventualidade de guerra. A corrente dos profissionais representada no Governo por Deodoro e Floriano não se fez ouvir.

Predominou a corrente dos científicos, com o regulamento do Ensino Militar baixado pelo Ministro da Guerra Benjamin Constant, em 1889, que potencializou o Regulamento de 1874 de predominância científica e não profissional militar.

Regulamento voltado para a formação de bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas, sem a necessária formação militar, levando alunos de nossa Escola Militar na Praia Vermelha a ridicularizarem nossas tradições militares e debochando, segundo Tasso Fragoso, “dos desfiles dos veteranos do Paraguai que marchavam com os peitos cobertos de medalhas”.

Por isto o Brasil pagou alto preço em Canudos, na Bahia, e na Revolução Federalista (1893/95), no Rio Grande Sul, Paraná e Santa Catarina, onde o Exército revelou o mais baixo índice de operacionalidade de sua história. Os bacharéis estavam na política ou na administração. A tropa estava acéfala, liderada por chefes improvisados, despreparados e manipulados por lideranças políticas estaduais. A isto tudo assistiram impotentes alguns adeptos do profissionalismo militar, veteranos e filhos ou parentes de chefes da Guerra do Paraguai, como Hermes da Fonseca, João Nepomuceno Medeiros Mallet, Bernardino Borman, Machado Bittencourt - atual Patrono da Intendência - e outros. Medeiros Mallet criou o Estado-Maior do Exército e marcou assim o início de uma gradativa Reforma Militar, visando ao progresso e

consolidação do Exército. Criou em Piquete - São Paulo a fábrica de Pólvora sem fumaça e Machado Bittencourt introduziu o suporte logístico nas operações contra Antônio Conselheiro.

Em 1904, Hermes da Fonseca, Comandante da Guarnição do Rio, realizou as primeiras manobras do Exército em Santa Cruz, seguindo o exemplo do Conde D'Eu, do qual fora Ajudante de Ordens e que realizara manobras militares em 1885, em Santa Cruz- RJ, Porto Alegre e em Saicã- RS.

Na Escola Militar da Praia Vermelha reinavam os científicos.

Por esta época teve lugar em 1904, na referida Escola, a Revolta da Vacina Obrigatória. Chegara a oportunidade para a corrente profissional militar do Exército, chamada pejorativamente pelos bacharéis ou doutores de 'tarimbeiros' (cama de campanha). A escola foi fechada por um ano e depois extinta. A reforma de 1905 extinguiu o título de Alferes e introduziu o de Aspirante a Oficial. Os antigos Tenentes e Capitães do Exército, veteranos da Guerra do Paraguai, retomaram o elo perdido da consolidação da Reforma Militar. Fizeram a Reforma do Exército de 1908, a implantação do Serviço Militar Obrigatório (que fora implantado pelo Duque de Caxias em 1874 mas não continuada por seus sucessores), e a absorção da Guarda Nacional como 2ª linha do Exército durante a Primeira Guerra Mundial, no Governo do ilustre mineiro e amigo do Exército Dr. Wenceslau Braz, personalidade marcante a quem se deve a localização, em 1922, às margens do Sapucaí, em Itajubá, do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, que tive a honra de comandar em 1981/82, mas ao qual não consegui aprovada a minha proposta da OM ter como denominação histórica 'Presidente Wenceslau Braz'.

Afastada a Guarda Nacional, outra ameaça à consolidação do Exército se fez sentir particularmente a partir de 1922. Foi o super dimensionamento das Polícias Militares, dotadas algumas de todas as armas, blindados e até aviação e com capacidade de operar em outros estados, desviando- se, por contingências, das funções precípuas de Segurança Pública.

Esta ameaça foi superada com a Revolução de 1930, liderada no campo militar por oficiais egressos da Escola Militar do Realengo, a maior parte de ex-alunos da Missão Indígena, da Escola do Realengo, e constituída de uma equipe de instrutores de escol, selecionada em concurso pelo Estado- Maior do Exército e que formou oficiais de alto padrão profissional e com uma visão ampla, realista e nacionalista dos caminhos a serem percorridos pelo Brasil, para atingir o seu destino de grandeza.

Permanência dos Ensinamentos Cívicos da Guerra

Os ensinamentos cívicos da Guerra do Paraguai continuam evidentes na vida nacional, no Exército e na Marinha. Caxias foi o arquiteto da vitória nessa guerra. Outros heróis do conflito como Osorio, Sampaio, Mallet, João Manoel e José Luiz Mena Barreto, Vilagran Cabrita, Severiano da Fonseca, Machado Bittencourt e Antônio João são os vultos maiores da Cavalaria, Infantaria, Artilharia, Engenharia, Serviço de Saúde e Oficiais do Quadro Auxiliar.

O Conde D'Eu, o Conde de Porto Alegre, Polidoro, Andrade Neves, Câmara, Conrado Bittencourt, Tibúrcio, Deodoro, Gurjão e muitos outros tem seus exemplos evocados quase que diariamente em todos os quartéis do Brasil. Centenas de ruas, praças e edifícios do país imortalizam os nomes dos bravos, e evocam seus exemplos. Poderia afirmar que a maioria das tradições do nosso Exército possui fundamento em sua participação neste conflito.

Foi dos campos do Paraguai que teve início a chama da Abolição, acendida pela oficialidade, em campanha, e transmitida ao Visconde de Rio Branco em sessão que ele presidiu na Loja Maçônica Fé, em Assunção. No Brasil, sob o impacto da

pressão recebida, assomou ele à Tribuna do Senado por diversas vezes, até ver, no ano seguinte, aprovada a Lei do Ventre Livre, primeiro passo para a Abolição.

Permanecem vivos os ensinamentos à nossa Marinha legados por Tamandaré, Barroso, Greenhalg e Marcílio Dias, em Riachuelo. E os de Ana Nery, Rosa da Fonseca e Ludovina Portocarrero, exemplos mais ilustrativos do valor e patriotismo da mulher brasileira.

Significado das Operações na Formação das novas Gerações do Exército

A Guerra do Paraguai oferece um manancial de ensinamentos às Forças Armadas dos países que integram o MERCOSUL, com vistas à proteção militar deste mercado. Pouco foi explorado criticamente até o presente. Quem vem pesquisando há 50 anos são as equipes de instrutores de História Militar da Academia Militar. E isto, em aspectos relativos à análise crítica dos Princípios e Qualidades de Chefia, Virtudes Militares, características do soldado brasileiro, elementos do Fator Militar. Tudo com vistas à Portaria 061/77 do EME, além de uma infinidade de itens e assuntos que compõem uma Doutrina Militar nos campos da Organização, Equipamento, Instrução, Desenvolvimento das Forças Morais da Guerra e Emprego de um Exército.

(x) O autor é natural de Canguçu - RS. Fundou e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (www.ihtrgs.com.br) e a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (www.ahimtb.org.br) ora transformada em Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) com 5 AHIMTB filiadas. É sócio emérito do IHGB e Benemérito do IHGMB, e integra as academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e do Paraguai, e o Instituto Histórico do Uruguai. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras (1978/80) onde hoje tem a sua sede a FAHIMTB e seu acervo. E-mail: bento1931@gmail.com. Endereço: Rua Florença, 266 Jardim das Rosas, 27.580-000 Itatiaia-RJ.

OBRAS DO AUTOR E PARCEIROS, RELACIONADAS COM A GUERRA DO PARAGUAI E PRINCIPAIS CHEFES MILITARES DO EXÉRCITO QUE LUTARAM NESTA GUERRA

- 1- BENTO, Claudio Moreira, **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.
- 2- _____. **História da 3ª Região Militar 1808/1889**. Porto Alegre. SENAI/RS, 1994.
- 3- _____. **General Osório, o maior herói e líder popular brasileiro**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.
- 4- _____. **Brigadeiro Antônio de Sampaio, o patrono da Infantaria**. Resende: AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS, 2010.
- 5- _____. **Conde de Porto Alegre - bicentenário**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2004. 2ª ed. anotada e comentada pelos autores.
- 6-(). **Artilharia Divisionária da 6a DE - AD Marechal Gastão de Orleans**. Porto Alegre, AHIMTB/IHTRGS, 2005.
- 7- _____. **Artilharia Divisionária da 3a DE - AD Brigadeiro Gurjão**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2011.
- 8- _____. **História da 6a DE - Divisão Voluntários da Pátria**. Porto Alegre: AHIMTB.
- 9- _____. **História da 3a DE - Divisão Encouraçada**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.
- 10- _____. **História da 6a Bda de Infantaria Blindada- Brigada Niederauer**.

AHIMTB, 2003.

11-____. **Historia da 3a Brigada de Cavalaria Mecanizada**, Resende. AHIMTB, Porto Alegre, 2003.

12-____. **Historia da 2a Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2007.

13-____. **História da 1a Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Resende. AHIMTB/IHTRGS, 2010.

14-____. **História do Casarão da Várzea 1885-2008**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.

15-____. **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911**. Porto Alegre: AHIMTB/IHTRGS, 2005.

Notas importantes

Foi meu parceiro na autoria dos livros nº 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12,13,14 e 15 o historiador militar e acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Foram também nossos parceiros os historiadores militares e acadêmicos da FAHIMTB: na obra nº 8 o Subtenente Reformado Osório Santana Figueiredo; na obra nº 9 o Major Andrei Clauhs e na obra nº 10, o Cel Mário José Menezes; na obra nº 12, o Sargento Reformado Carlos Fonttes e na nº 7 o Cel Ernesto Caruso. As siglas AHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS são correspondentes à Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e Academia Canguçuense de História. São entidades fundadas e presididas pelo autor, que figuram como entidades sob cuja égide as obras acima do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul foram publicadas. E obra didática importante sobre a Guerra do Paraguai e por ser organizada como instrutor de História Militar na AMAN: ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS- CADEIRA DE HISTÓRIA MILITAR. **História Militar do Brasil**. Volta Redonda: Gazetilha, 1979, 2v (Texto e mapas). Obra patrocinada pelo Estado-Maior do Exército. É obra importante igualmente sobre Caxias e a Guerra do Paraguai e na forma de cronologia: GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **O Duque de Caxias Dia a Dia**. Porto Alegre: Evangraf, FAHIMTB, AHIMTB/RS, IHTRGS, 2011. Produzimos outros livros e artigos com referência à Guerra do Paraguai e seus chefes do Exército Brasileiro das quais podem ser encontradas referências em meu livro BENTO, Claudio Moreira. **Memória de minhas atividades como historiador militar e, em especial como historiador do Exército Brasileiro 1970-2009**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2009.

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel - AHIMTB/IHTRGS
A Participação de Imigrantes Europeus
Veteranos da I Guerra Mundial na

REVISTA OCCIDENTE DA ESCOLA DE GUERRA DE PORTO ALEGRE
CONTEUDOS



JULHO DE 1906

A IMPRENSA E A "OCCIDENTE" - AUTORIA DA REVISTA; A GRANDE CRISE - HISTORIA - ODON CAVALCANTI (ESCOLA DE GUERRA); TRISTEZAS - TEXTO POÉTICO - CARLOS DE ARAÚJO (CAVACO); VELHICE - POESIA AO PEREIRA DA CUNHA - BARBOSA NETO, DA FACULDADE DE DIREITO; DEFINIÇÃO DE MATHEMATICA - AUTOR: A. B. (SIC); CHROMO - TEXTO POETICO - PAULO DE ORINALVA, SANTA CRUZ DE LA SIERRA, JAN 1905; EM PORTO ALEGRE - POESIA - SABINO MAGALHÃES ; A MORAL SEM DEUS - TEXTO SOBRE MORAL RELIGIOSA - LEMOS FARIA, DA ESCOLA DE GUERRA; URSO - POESIA - M. FARIA CORRÊA; A OPINIÃO PUBLICA EM DIREITO INTERNACIONAL - PARTE II - PINTO DA ROCHA; MYSTERIOSA - POESIA - NILO VAL; LIÇÕES DE BALISTICA - AUTOR: F. R. O.; VOZ MYSTERIOSA - TEXTO POETICO - CESAR DE CASTRO; VENUS - POESIA - FERRAZ D'ELLY; UM DOS

Folha de rosto da revista de nº 1

MOTIVOS DA EVOLUÇÃO HUMANA - POSITIVISMO - SYLVIO L. SCHELEDER; NO FUTURO - TEXTO SOBRE IDEALISMO - LAURO DE OLIVEIRA, DA ESCOLA DE GUERRA; VOTO DE FÉ - POESIA - JOÃO PEREIRA; COSMOGRAPHIA AMOROSA - TEXTO SOBRE O AMOR - MARIO WANDERLEY; EQUAÇÃO DO 2º GRÁO - MATEMÁTICA - ALBERTO LEYRAND; PANTIUM - POESIA - JOVINO MARQUES; O OLHAR DA MULHER - TEXTO POETICO - JOSÉ LUIZ DE MORAES; PRO NATURA - ECOLOGIA E AMBIENTALISMO - F. JOSÉ PINTO; LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS - AUTORIA DA PROPRIA REVISTA.

NÚMERO 3 - AGOSTO 1906

A IMPRENSA E A "OCCIDENTE" - RELACIONAMENTO COM A IMPRENSA EM GERAL; EMILE ZOLA (A PROPOSITO DA QUESTÃO DREYFUS) - CESAR DE CASTRO; ZOLA- DREYFUS - POESIAS - JOVINO MARQUES; CORVOS - TEXTO POETICO - MOREIRA CAVALCANTI; UM ENSAIO SOBRE ORDEM DE BATALHA - ASSUNTO MILITAR - ED. MONTES; FLOR - CRONICAS - FANFA RIBAS; PELA NOSSA HISTORIA - ANTONIO DE MARIZ; A OPINIÃO PUBLICA EM DIREITO INTERNACIONAL - PARTE III - PINTO DA ROCHA; SCISMANDO - POESIA - ALVARO LISBOA (AMANUENSE DO QG); O RIO - POESIA - SABINO

MAGALHÃES; ILLUSÃO - PARTITURA MUSICAL - SOPHONIAS DORNELLAS; A TERRA - POESIA - BRUNO BARBOSA; LIÇÕES DE BALÍSTICA - PARTE II - J.R.A.; A VIDA MILITAR - ODON CAVALCANTI, DA ESCOLA DE GUERRA; LIBERDADE - TEXTO POETICO - MARIO WANDERLEY; CATHECISMO DE DRAGOMIROFF - ASSUNTOS MILITARES - NILO VAL; O SOLDADO - ASSUNTO MILITAR - ROBERTO MALHEIROS; DECADENCIA - POSIA - VINALDO COARACY; DREYFUS - SOBRE O ERRO JUDICIÁRIO - AUGUSTO CESAR SAMPAIO, DA FACULDADE DE DIREITO; LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS, DA PROPRIA REVISTA.

NÚMERO 4 - SETEMBRO DE 1906

SETEMBRO - CRONICA DA REDAÇÃO DA REVISTA; JUSTO MOTIVO - POESIA - JOVINO MARQUES; MEDIÇÃO DAS DISTANCIAS PELO PASSO DO SOLDADO E PELAS DIVERSAS ANDADURAS DO CAVALO - AFERIÇÃO E ESCALA DO PASSO - LANNES COSTA; PHANTASIA - TEXTO POETICO - F. DE BARROS BITENCOURT; HYMNO - POESIA - ED. MONTES; MODOS DE PENSAR - ANTROPOLOGIA - N. L. COSTA, DA FACULDADE DE MEDICINA; PROBLEMA DOS "CLUBS" -; COMENTÁRIOS SOBRE AS SOCIEDADES - GERVASIO CALDAS; PROPRIEDADE GEOMETRICA - MATEMÁTICA - BARBOSA MONTEIRO; LICÇÃO PRECIOSA - SOBRE A GUERRA RUSSO-JAPONESA - NILO VAL; TREVA E GELO - POESIA - PINTO DA ROCHA; PELA NOSSA HISTORIA - HISTORIA - ANTONIO DE MARIZ - 2ª PARTE; LIÇÕES DE BALÍSTICA - F. R. A.; O LUDION - FILOSOFIA - MARIO WANDERLEY; GUÁCHES - TEXTO POETICO - CESAR DE CASTRO; EVOLUÇÃO DO AMOR - FILOSOFIA - OCTAVIO AUGUSTO DE FARIA; VOLUBILIDADE DA MULHER - CRONICA - FELICIO LIMA; A UMA PECCADORA - F. PAULA CIDADE; LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS - DA PROPRIA REVISTA.

NÚMERO 5 - OUTUBRO DE 1906

IRONIAS - CRONICA - MOREIRA CAVALCANTI; ALIMENTAÇÃO DAS TROPAS EM CAMPANHA - DALTRO FILHO; SUPERSTIÇÃO - CRONICA - V. FORMIGA; LENDA ÁRABE - BARBOSA NETO; UM DECAHIDO - CRONICA - WALDOMIRO V. FERREIRA, DA ESCOLA DE GUERRA; AMOR E ODIO - POESIA - SABINO MAGALHÃES; LIÇÕES DE BALÍSTICA - PARTE VIII - F. R. A.; 12 DE OUTUBRO - SOCIOLOGIA E HISTORIA - F. PAULA CIDADE; PROVA DE AMOR - CRONICA - TURYBIADES DUTRA VILLA; EM BRONZE - POESIA - VICTOR SILVA; A LOUCURA - PATOLOGIA - IGNACIO C. CARDOSO; BELLEZA E VIRTUDE - CRONICA - MARALBER; AVALIAÇÃO DAS DISTANCIAS PELA VISIBILIDADE DOS OBJECTOS E DAS CORES E PELA VELOCIDADE DO SOM - CAPÍTULO V - LANNES COSTA; MAXIMAS - POESIA - M. FARIA CORREA; NEVE EM CHAMAS - CRONICA - CESAR DE CASTRO; OSMOSE DOS GASES - QUÍMICA - A. ROSA; HOMENAGEM POSTUMA A MANOEL MOREIRA CAVALCANTI - ODON CAVALCANTI, DA ESCOLA DE GUERRA; CARTA ABERTA - CRONICA - MOREIRA CAVALCANTI; MEUS AMORES - POESIA - REYNALDINO QUADROS; TRACÇÃO DA ARTILHARIA DE CAMPANHA - R. VILLANOVA MACHADO; LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS, PELA PROPRIA REVISTA.

NÚMERO 6 - NOVEMBRO DE 1906

15 DE NOVEMBRO - HISTORIA - NILO VAL; SOMBRA - POESIA - F. FERRAZ D'ELLY; A LIBERDADE - SOCIOLOGIA - REYNALDINO QUADROS; O 89 BRASILEIRO - HISTORIA - OTHELO FRANCO, DA ESCOLA DE GUERRA; SONHO

DE CANNIBAL - POESIA - VICTOR SILVA; DESARMAMENTO GERAL I - POLITICA INTERNACIONAL - PINTO DA ROCHA;

ESTUDOS PHILOSOPHICOS - THEOCRACIA INICIAL - OCTAVIO AUGUSTO DE FARIA; LES DIEUX S'EM VONT - FILOSOFIA - CARLOS VON KOSERITZ; O CHARCO - POESIA - JOVINO MARQUES; LIÇÕES DE BALISTICA - TIRO INDIRECTO - J. R. A.; ESCAVAÇÕES - HISTORIA - ANTONIO DE MARIZ; LICÇÃO DE BOTANICA - CRONICA - MARIO WANDERLEY; NO MAR - POESIA - M. FARIA. CORRÊA; A LOUCURA II - MEDICINA - IGNACIO C. CARDOSO; O "TESTA DE FERRO" - CRONICA - CESAR DE CASTRO; A TITULO DE CONSELHO - CRONICA - EDGARD DE MOURA E VAL; PAGINA AMOROSA - CRONICA - A. BUÉ; JUSTAS REFLEXÕES - RELIGIÃO - N. L. COSTA; LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS, PELA PROPRIA REVISTA.

NÚMERO 7 - DEZEMBRO DE 1906



Capa da revista de nº 7

VARIAS NOTAS - PELA PROPRIA REVISTA; COELHO NETO - EXALTAÇÃO AO ARTISTA COELHO NETO - PELA REDAÇÃO; JESUS - RELIGIÃO E CRENÇA - REYNALDINO QUADROS, DA ESCOLA DE GUERRA; POEMA DA MORTE - POESIA - VICTOR SILVA; QUARTEIS - ASSUNTOS MILITARES - NILO VAL; A LOUCURA III - MEDICINA - IGNACIO CARDOSO; A LUCTA - CRONICA - MARIO WANDERLEY; ALCHEMIA - POESIA - AMERICO DE CARVALHO MENEZES; CONTESTAÇÃO A ODON CAVALCANTI - CRONICA - MOREIRA CAVALCANTI; REORGANIZAÇÃO SOCIAL - SOCIOLOGIA - WLANDISLAU B. TEIXEIRA; MINHA TERRA - POESIA - JOVINO MARQUES; NECROLÓGIO DE LYDIO ATHAYDE E DE HERMANO LOPES DA COSTA, EX-ALUNOS DA ESCOLA DE GUERRA - A REDAÇÃO; REQUINTADO - PSICOLOGIA - CESAR DE CASTRO; MAXIMAS - POESIA - M. FARIA CORREA; VIDA MILITAR - ASSUNTOS MILITARES - F. J. P.; NATAL - POESIA - F. DE BARROS BITENCOURT; OUTOMNAL - POESIA - ALFREDO MAIA; FESTA CIVICA - RESUMO DE CONFERENCIA SOBRE O 15 DE NOVEMBRO - A REDAÇÃO; VINGANÇA - POESIA - CARLOS DE SOUZA REIS;

LIVRO POLYMATHICO - ASSUNTOS GERAIS - A REDAÇÃO;
CORRESPONDENCIA - A REDAÇÃO.

O endereço da revista era na própria ESCOLA DE GUERRA, no Casarão da Várzea, Avenida José Bonifácio, 363, Bairro Farroupilha, Porto Alegre.

Referência:

BENTO, Cláudio Moreira et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **Historia do Casarão da Várzea**. Barra Mansa: Gráfica Drumond, 2009.

Homenagem a o Informativo O Tuiuti da hoje independente AHIMTB-RS nesta minha descrição e análise militar crítica da Batalha de Tuiuti, colocada depois da AHIMTB-RS torna-se independente em 20 dez 2019.

A BATALHA DE TUIUTI

A MAIOR BATALHA CAMPAL DA AMÉRICA DO SUL

Descrição e análise militar crítica



Veterano Cel Eng QEMA Claudio Moreira Bento
Historiador Militar, Memorialista e Jornalista

Fatores da Decisão Militar : Missão ,Terreno, Inimigo e MeiosForças em presença

Aliados: brasileiros, argentinos e uruguaios, cerca de 33.000 homens.

Inimigo: Forças paraguaias estimadas em cerca de 24.200 homens,

Constituição das forças aliadas

Brasileiros: 1º Regimento de Artilharia a Cavalo e Batalhão de Engenheiros,

– ao comando de Emilio Mallet, 6ª Divisão do General Victorino Monteiro. 3ª Divisão do Brigadeiro Antônio de Sampaio e que foram colocados em 1ª Escalão. 1ª Divisão do General Argolo, 4ª Divisão do General Guilherme e a 19ª Brigada Auxiliar formando o 2º Escalão.

2ª Divisão de Cavalaria ao comando do General Luiz Mena Barreto e a 5ª Divisão de Cavalaria ao comando do Cel Tristão Cunha. 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, 24º Batalhão de Voluntários de Pátria da 19ª Brigada de Voluntários da Pátria da 19ª Brigada pertencente ao Comando Geral de Artilharia. Forças que podem ser consideradas como um terceiro escalão.

E na extrema retaguarda, ao sul de Estero Bellaco, a força do General Antônio Neto integradas por rio-grandenses, com seus cavalos tratados a milho (amilhados).

Argentinos: À direita do dispositivo brasileiro localizaram-se as tropas argentinas. O 1º Corpo ao comando de Paunero e a sua direita o 2º Corpo ao comando de Emílio Mitre, o sobrinho do presidente argentino General Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina e comandante dos Aliados.

A cavalaria argentina como quase toda a dos Aliados estava na sua maior parte desmontada por falta de cavalos.

O efetivo disponível para a batalha era de cerca de 26.000 homens, sendo que cerca de 7000 estavam fora de Tuiuti em missões diversas.

O comandante aliado era o general Bartolomeu Mitre, bem como o das forças argentinas. O comandante brasileiro era o General Osório e o das tropas uruguaias, o General Venâncio Flores.

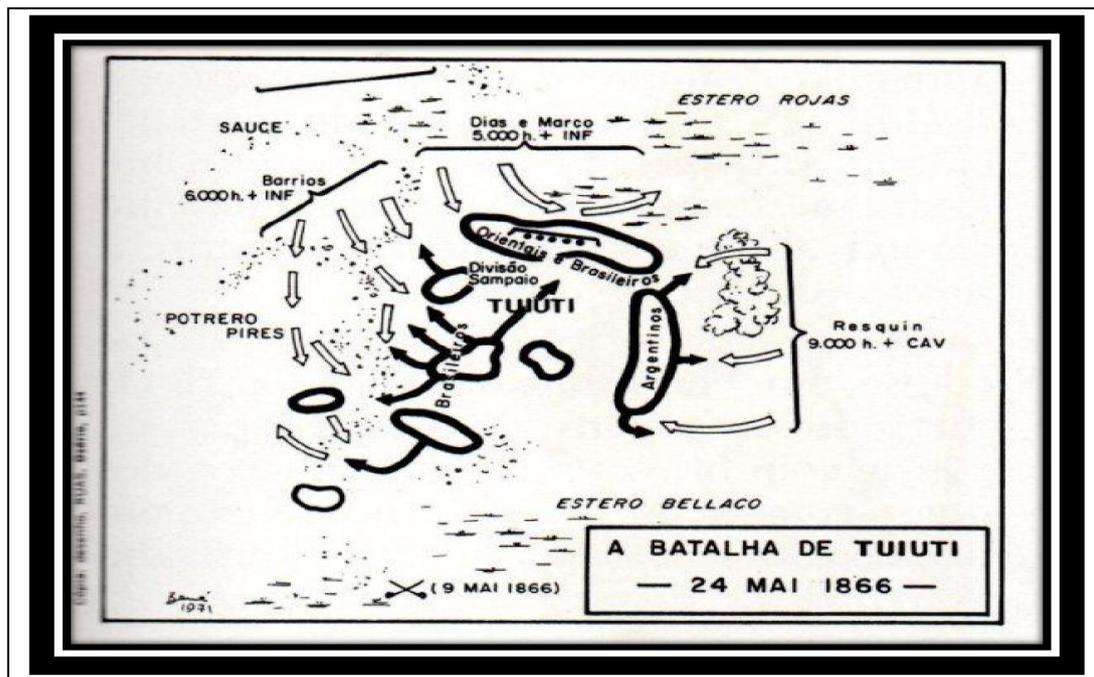
E toda ação se desenvolveria ao comando do General Osório, devido a ausência do presidente Mitre na ocasião;

Forças Paraguaianas: Um exército calculado em 24.200 homens, sendo 6.300 empregados a direita, sobre o comando de Barrios, o do centro 9.000 homens em duas colunas ao comando de Dias e Marco e, 8.700 a esquerda, ao comando de Resquim e 10.000 homens em Reserva. Vide esquema a seguir da Batalha de Tuiuti: A seguir esboço da Batalha de Tuiuti

O fator da decisão militar o Terreno

Ao percorrer-se a estrada do Passo da Pátria - Fortaleza de Humaitá, depois de se transpor o Estero Bellaco, um trecho especial do Terreno. Este limitado ao sul pelo Estero Bellaco e a oeste pela Laguna Pires, ao norte pelo Estero Rojas e a leste por uma região pantanosa.

A parte noroeste, que é limitada pela Laguna Pires e a do norte, que precede o Estero Bellaco, eram cobertas por mata espessa.



Um a visão neste esboço do dispositivo inicial das forças Aliadas e as do Paraguai e movimentações no curso da Batalha. (Fonte:Historia do Exército Brasileiro. V.2,p.633.1972)

Ao norte de Estero Bellaco existia uma pequena elevação na qual os Aliados acamparam em 20 de maio de 1866. E nesta área fica uma pequena lagoa denominada Tuiuti, a qual emprestaria seu o nome a batalha campal que ali teria lugar.

Era lugar desfavorável as operações aliadas que estacionaram em Tuiuti em profundidade em três escalões, a cavaleiro da estrada para Humaitá.

Fator da Decisão Militar - Missão

O plano paraguaio consistiu num ataque frontal a tropa Aliada em posição em Tuiuti desde 19 de maio de 1866, combinada, com seu duplo envolvimento. E visando cercá-la e vencê-la .

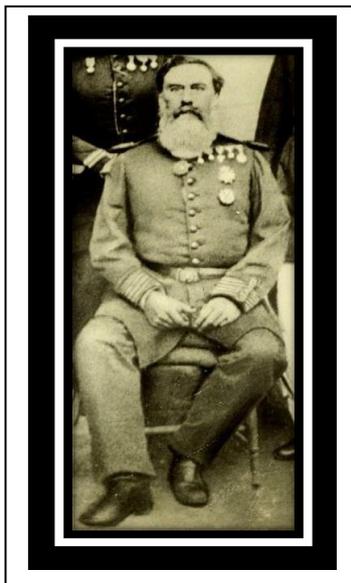
O plano dos Aliados foi o de executar uma defensiva em posição, com a finalidade de, através de contra ,ataques,anular o Plano do inimigo e, a seguir derrotá-lo.

Na frente acampou a vanguarda do General Flores. integrado por orientais e brasileiros, o Batalhão de Engenheiros e o 1º Regimento de Artilharia a Caval, ambos ao comando de Mallet.

Mallet mandou construir um largo e profundo fosso executado pelo Batalhão de Engenheiros e seu Regimento de Artilharia.

As terras do fosso foram espalhadas de modo a não formarem parapeitos para o inimigo não perceber a existência de uma fortificação.

Nesta posição, atrás do fosso escavado, Mallet colocou em posição 28 canhões raiados, distantes 1.600 metros da linha paraguaia, ao comando de Rojas.

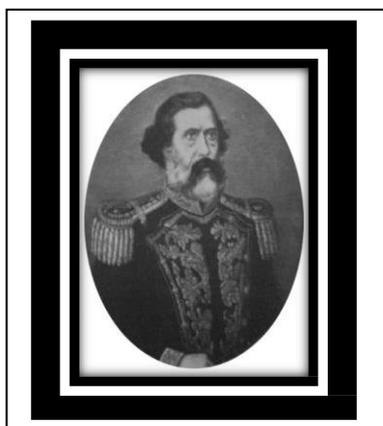


A Batalha de Tuiuti

A batalha teve início as 11h55min de 24 de maio de 1866, com um foguete disparado por Barrios.

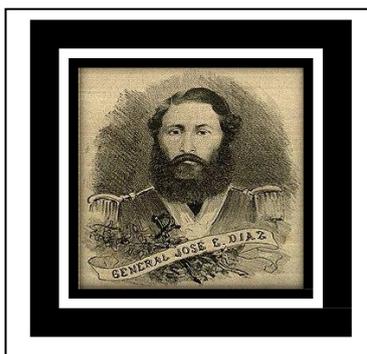
Das matas e macegas a esquerda do 1º escalão aliado saíram os primeiros elementos da Coluna de Diaz.

A Cavalaria paraguaia sai na frente e se lança contra os orientais .Os batalhões orientais Independência e Libertad, não tiveram tempo para entrar em forma.E foi para a retaguarda o 14º Batalhão de Voluntários da Pátria brasileiro da Divisão General Victorino. Comandava os orientais o Presidente Venâncio Flores



General Venâncio Flores. Presidente do Uruguai e comandante das forças orientais na Batalha de Tuiuti.

A Artilharia de Mallet rompeu fogo com os seus 28 canhões raiados. Fogo contra o flanco inimigo em avanço contra a posição oriental..



Coronel José E. Diaz Vera, comandante do ataque paraguaio, mais tarde comandou a resistência paraguaia em Curupaiti.

O ataque de Dias parecia ser contra os orientais. Mas a Cavalaria paraguaia depois de livrar-se de um Estero, mudou de direção e chegou a altura do Regimento de Mallet e atacou com fúria!

A primeira carga morreu no fosso mandado escavar por Mallet, o mesmo ocorrendo com as seguintes.

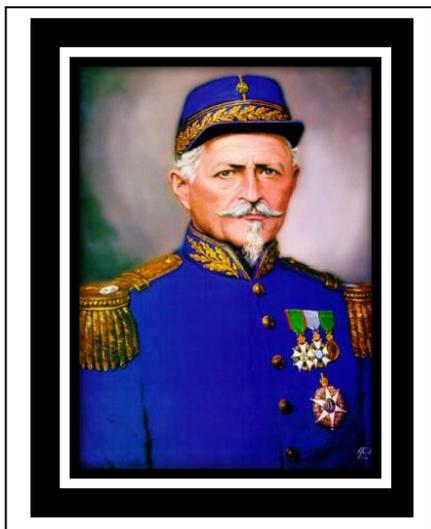
“Por aqui eles não passam”. – exclama Mallet.

Os esquadrões paraguaios retiram-se para suas posições iniciais.

Diaz, face a surpresa tática do fosso, prossegue procurando atingir o flanco esquerdo do primeiro escalão aliado e penetrar no dispositivo. E da mata a esquerda não cessa o fluxo de reforços. E o brigadeiro Antônio de Sampaio socorre com sua 3ª Divisão a Encouraçado e contra-ataca inflectindo para a esquerda.

O contra-ataque do Brigadeiro Sampaio transforma-se num morticínio dos dois lados, em razão dos constantes ataques paraguaios.

Sampaio a cavalo, com seu belo uniforme manda a sua 3ª Divisão estender linhas. O inimigo recuou até a mata e retornou carregando sobre a 3ª Divisão, com grande ímpeto ofensivo obrigando-a a recuar.



Depois de 5 horas de encarniçado combate, Sampaio bastante ferido e

substituído no comando por Machado Bittencourt.

Osório toma a iniciativa de reforçar o flanco de 3ª Divisão, com a 1ª Divisão de Argolo para sustar uma brecha no dispositivo aliado que ameaçava ser ampliada pelo ataque inimigo.

E atrás da Divisão Argolo, Osório a reforça com outra Brigada da 4ª Divisão de Guilherme.

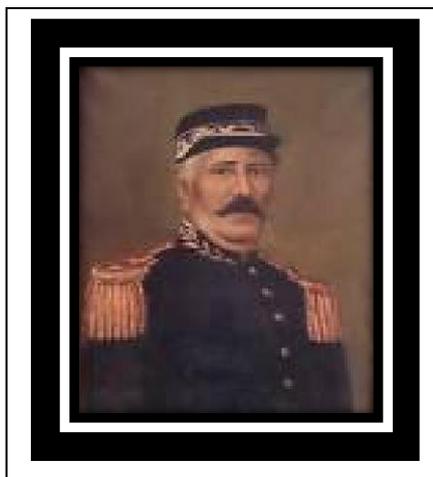
E neste setor combateram a 3ª Divisão, uma Brigada de Argolo e outra Brigada de Guilherme, além de tropas orientais. Elas detêm o ataque inimigo e os força a recuarem pela brecha entre a esquerda de Artilharia oriental e a mata.



Pintura do Cel Estigarribia em seu álbum **A História do Brasil nos traços de Estigarribia**. Rio de Janeiro:FUNCEB,2019.p.72.Localização QG 3ª DE. em Santa Maria-RS

A 6ª Divisão Victorino conseguiu fechar a brecha entre as tropas de Flores e Batalhão de Engenheiros e Regimento de Artilharia de Mallet.

No flanco esquerdo, Barrios penetrara em massa no Potrero Pires, com seu projetado ataque de envolvimento. Setor defendido pela Brigada do General Antônio de Souza Neto, vinda do sul do dispositivo brasileiro. E Neto rechaça este ataque combatendo, até atingir trincheira paraguaia, junto a passagem do Estero Bellaco.



General Antônio de Souza Netto.(1803-1866) faleceria em Corrientes em 2 de julho de 1866, depois cerca de 38 dias da Batalha de Tuiuti. O estudo em meu livro O Exército Farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro:BIBLIEx,1992.,v.1,p.97/113. Livro disponível em obras para

baixar no site www.ahmtb.org.br

Osório reforça o flanco esquerdo, com várias unidades e entrega seu comando ao General Mena Barreto, o qual com a sua 2ª Divisão de Cavalaria junta-se a Brigada do General Antônio Neto e outras forças.

Com elementos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia e atuando na direção geral leste-oeste e norte-sul, Osório derrota a Coluna Barrios.

Na extrema direita, vários regimentos de Cavalaria das forças de Resquin, atacam de surpresa a reduzida Cavalaria Argentina que estava a pé e a dispersam por completo.

O ataque se generaliza no flanco direito e forças de Infantaria e Cavalaria de Resquin contra o 1º Corpo de Paunero. Um Regimento de Cavalaria paraguaio penetra no flanco esquerdo de Paunero até a sua Artilharia, porém foi aniquilada pelos argentinos. O inimigo muito quebrantado, retira-se perseguido por infantes argentinos.



Pintura de Canovas, o pintor do Exército no Rio Grande do Sul e que publico na **História da 1ª RM**, v.1 com a seguinte legenda: "Marechal Osório e Marquês do Herval, comandante da maior batalha campal travada na America do Sul, no comando de forças expressivas da hoje 3ª Região Militar..."

O General Osório na liderança de alguns batalhões dirige-se para o flanco direito em auxílio aos argentinos, quando o inimigo estava em retirada.

As 16h30min, a batalha estava terminada com uma brilhante vitória dos Aliados comandados pelo General Osório.

E assim era posto um fim a capacidade defensiva estratégica inimigo, uma vez que em Riachuelo forças da Marinha e do Exército haviam posto um fim a capacidade ofensiva estratégica do inimigo.

Análise Militar Crítica da Batalha de Tuiuti , à luz dos Princípios de Guerrada Manobra e seus elementos

Análise militar crítica da manobra de Tuiuti

Foi uma batalha defensiva em posição, com muitas ações dinâmicas da defesa ,os contra-ataques.

Princípios da Guerra

Princípio das Informações: Não faltaram ao General Osório informações para seu Estudo de Situação e condutas de combate, ao longo da Batalha.

Princípio do Objetivo: Foi o de defender a posição aliada com ações dinâmicas da defesa, na forma de contra-ataques e, a seguir anular os ataques central de flancos do inimigo e vencê-lo.

Princípio da Massa: Ser forte material e moralmente no ponto decisivo, no caso no fechamento da brecha causada pelo inimigo na posição ocupada pelos orientais a esquerda do Batalhão de Engenheiros e do Regimento de Artilharia de Mallet e, no flanco esquerdo, para ali anular o ataque de envolvimento ao comando de Barrios e de igual modo, no flanco direito ocupado pelos argentinos para derrotar Resquin em seu pretendido envolvimento da posição aliada pela direita, defesa a cargo de tropas argentinas.

Princípio da Ofensiva: Em toda a manobra defensiva em posição, os aliados recorreram a atitudes ofensivas na forma de contra-ataques, demonstrando que só a atitude ofensiva conduz a vitória, mesmo na Defensiva;

Princípio da Economia de Forças: Osório procurou ser mais forte, no ponto decisivo da batalha, o tamponamento da brecha do dispositivo aliado e economizar forças nos flancos.

Princípio da Manobra: Bastante utilizado por Osório. Inicialmente ao empregar a 3ª Divisão de Sampaio em contra-ataque a tropa inimiga que conseguira abrir uma brecha no dispositivo aliado. Depois de 5 horas de combate encarniçado Osório reforça o flanco esquerdo da 3ª Divisão, com a 1ª Divisão Argolo e com uma Brigada da 4ª Divisão de Guilherme e mais tropas orientais. Tropas estas que detiveram o ataque inimigo e os forçaram a recuar para suas posições iniciais, e eliminando a maior ameaça ao dispositivo aliado.

E no flanco esquerdo defendido pela Brigada de Cavalaria do General Antônio Neto vindo do Sul do dispositivo aliado, ela rechaçou o ataque de Barrios e Osório a reforçou com várias unidades, entregando o seu comando ao General Mena Barreto que com sua 2ª Divisão juntou-se à Brigada do General Antônio Neto e outras forças, as quais terminam por derrotar a Coluna Barrios e anular o seu pretendido ataque de envolvimento, pela esquerda do dispositivo aliado.

No flanco direito tropas argentinas resolvem a situação e derrotaram Resquin. E o general Osório, pessoalmente, liderando alguns batalhões, se dirigiu ao flanco direito em auxílio aos argentinos, quando estes já haviam posto Resquin derrotado e em retirada.

Princípio da surpresa: Caracterizado pela abertura pelo Batalhão de Engenheiros e 1º Regimento de Artilharia de um largo fosso na frente do 1º Regimento de Artilharia, que não foi percebido pelas primeiras vagas de assalto de Cavalaria, ao 1º Regimento de Artilharia.

Princípio de Segurança: Caracterizado pela construção de um largo fosso defronte a posição ocupada pelo Batalhão de Engenheiros e 1º Regimento de Artilharia e pela imensa reserva disponível ao General Osório integrando os 2º e 3º escalões do dispositivo aliado, com as quais reforçaria as operações de tamponamento da brecha na área ocupada pelos orientais e as operações do General Neto no flanco esquerdo..

Princípio da simplicidade: Caracterizado por planos simples do General Osório na defesa em posição Aliada com contra-ataques precisos e objetivos.

Fontes do presente ensaio

AMAN Cadeira de Historia Militar. **Historia Militar do Brasil**. Textos. Volta Redonda:1979;

BENTO, Cláudio Moreira. Princípios de Guerra e Manobra e seus elementos in; **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília: EME/ECGF, 1999. 2ed p.4-16 a 4-30.

- Batalha de Tuiuti in: **General Osório, o maior herói e líder popular brasileiro** (Bicentenário). Barra Mansa - RS: AHIMTB/IHTRGS, 2008. p.172.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Batalha do Tuiuti, in: **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo**. Rio de Janeiro: SEGRAF-IBGE, 1972. V.2, p.632-638.

Comentário do autor

O inimigo soube tirar partido do terreno para a sua manobra, mas não soube tirar partido de sua Artilharia e Reserva que não foram utilizadas.

O general Osório demonstrou e confirmou o seu valor como tático e líder de combate. Corajoso e bravo, percebeu os pontos capitais e neles concentrou reforços decisivos para a vitória, usando como oportunidade suas reservas na defesa do centro e flanco esquerdo, mais ameaçados pelo inimigo.

O Exército Brasileiro pagou pesado tributo de 715 mortos e 2292 feridos e inclusive o Brigadeiro Antônio Sampaio, o Bravo dos Bravos de Tuiuti, que foi fator decisivo para a Vitória, ao resistir durante 5 horas com a sua 3ª Divisão - a Divisão Encouraçada - a intensa ofensiva paraguaia.

O plano ofensivo inimigo, objetiva destruir as forças aliadas em Tuiuti com um ataque frontal e um duplo envolvimento.

O General Osório coordenou a defesa com contra-ataques impedindo o inimigo de qualquer êxito em seus planos.

A brecha conseguida por Diaz, na altura do dispositivo Oriental foi fechada depois de duro e encarniçado combate. graças aos empregos dos Princípios de Guerra da Segurança e da Massa, no momento oportuno.

Barrios foi rechaçada no flanco esquerdo graças ao Brigadeiro General Antônio Neto, com seus cavalos amilhados e reforço pelo General Osório daquelas ações com a Divisão Mena Barreto.

No flanco direito os argentinos deram conta do recado, anulando o ataque envolvente de Resquin.

Parte de Combate do General Osório sobre a A batalha de Tuiuti ao

Presidente da Argentina Bartolomeu Mitre, General em Chefe do Exército Aliado

Comando em Chefe do 1º Corpo do Exército Brasileiro em Operações.
Quartel General em Tuyuty na República do Paraguai em 26 de Maio de 1866



Marechal de Campo Manoel Luiz Osório

Exmo E Exmo Sr D. Bartolomeu Mitre General em Chefe do Exército Aliado. Sabe V.Excia como se apresentou o inimigo no rápido ataque sua frente e seus flancos que nos trouxe em 24 do corrente das 11 as 12 da manhã, ameaçando em 3 colunas, continuando o combates até as 4 1/2 da tarde.

Rechaçado este ataque em toda a extensão da linha, será grato a V.Excia saber que tanto no centro coberto pelas tropas brasileiras e orientais, sob o comando imediato do Sr General Flores, como na esquerda as minha imediatas ordens, o inimigo foi completamente repellido e desalojado de suas posições, tendo lugar o último combate que pessoalmente dirigi nos potreiros e bosques de nossa esquerda onde o inimigo se tinha desembocado, desde a sua linha de fortificações, por três picadas abertas no mato, pelas quais puderam se retirar seus últimos restos despedaçados, salvando-se de uma destruição total. Nestes pontos a vitória foi total; O inimigo deixou no campo mais de 3.000 mortos, incluindo uma grande parte do centro, dos quais já se deu sepultura a 2200 cadáveres; mais 4 canhões obuses de bandeiras, 1 estandarte, 9 caixas de guerra, 12 cornetas, 180 prisioneiros, na maior parte feridos e 3523 espingardas que são as que ate agora se tem podido recolher com igualmente uma perseguição mais decisiva.

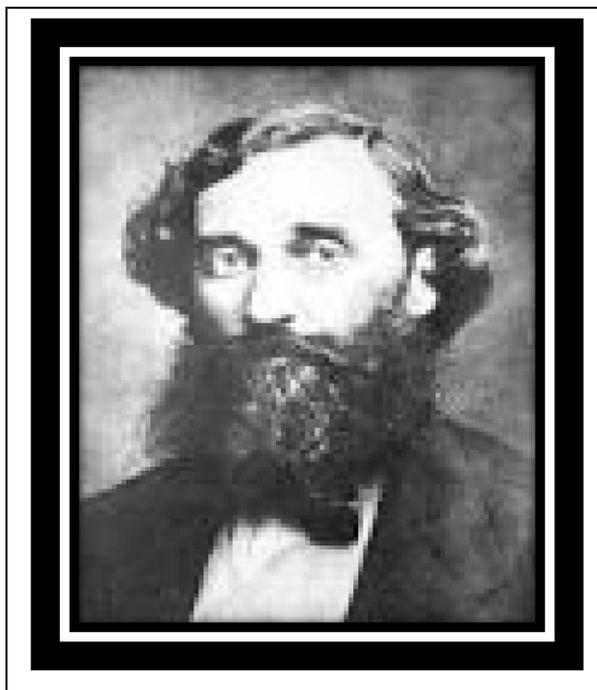
O Exército Brasileiro teve fora de combate 413 mortos, dos quais 29 oficiais entre e mai 2094 feridos, entre eles o general, 10 chefes e 183 oficiais. Si a proporção entre mortos e feridos do inimigo fosse análoga a nossa, imensa seria a força que deixa-os fora de combate.

Felicitto V.Excia por este triunfo tão glorioso para as armas aliadas em que tive o a satisfação de ver combater as tropas sob meu imediato comando, com todo o vigor e galhardia.

Deus Guarde V.Excia; Ilmo e Exmo Sr Presidente D. Bartolomeu Mitre
General em Chefe do Exército Aliado

Ass; Manoel Luiz Osório –Marechal de Campo

Elogio de Mitre presidente da Argentina ao General Osório pela Vitória em Tuiuti



General Bartolomeu Mitre o Presidente da Argentina e Comandante dos Exercitos Aliados na Guerra da Tríplice Aliança . Em 2010 no Bicentenário da morte do Brigadeiro em consequência de graves ferimentos a bala recebidos durante 5 horas de combate.No Museu Mitre trocamos livros nossos com livros como livros sobre o General Mitre e nos chamou a atenção a riquíssima e ampla biblioteca do Presidente Mitre.Foi uma visita muito produtiva.Aproveitamos para no Cemitério Recoleta tentar descobrir o local onde o Brigadeiro Antonio de Sampaio foi sepultado,mas sem nada poder concluir

Opinião de General Bartolomeu Mitre Presidente da Argentina e comandante do General Osório, em Editorial de Nación de Buenos Aires .

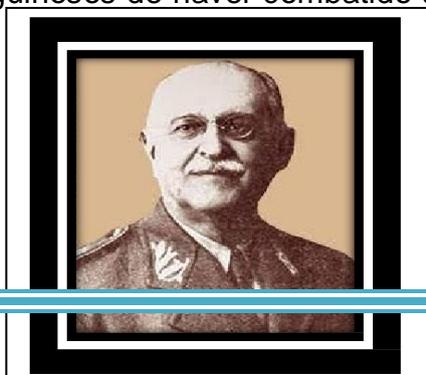
“I- Confiei-lhe a mais importante e decisiva operação da Campanha do Paraguai, certo que a desempenharia com audácia e prudência que caracterizam o seu gênio militar

II V.Excia soube corresponder a merecida de comandar esta expedição pondo à luz aquelas qualidades que o fazem um experimentado soldado e valente general, merecendo portanto os aplausos dos Exércitos Aliados que em seu nome tenho a satisfação de lhes oferecer .

III Reafirma no seu Boletim nº 2 “ La profunda fé que tengo de su inteligencia militar em su valor y su pericia.”

IV El general Osório há demonstrado que ES um patriota e um soldado, y nos otros nos sentimos orgullosos de haver combatido ao lado de um heróe com El.”

General de Divisão



**Augusto Tasso
Fragoso,
“ O pai da História
do Exército.”**

REFERÊNCIA A 3ª DIVISÃO SEGUNDO O GENERAL TASSO FRAGOSO
em sua **História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. BIBLIEx,
1957, 2ª ed. v.2. Podemos afirmar sobre a 3ª Divisão:

- a) Integrou a tropa de 1º escalão na invasão do Paraguai em Passo da Pátria com a seguinte composição e efetivo:
- 3ª Divisão - General Sampaio
 - 5ª Bda - Cel Oliveira Belo
 - 4º BI, 26 oficiais, 554 praças - total: 580 (O Batalhão de Sampaio)
 - 6º BI, 32 oficiais, 627 praças - total: 659
 - 12º BI, 25 oficiais, 521 praças - total: 546
 - 4º Batalhão de voluntários da Pátria BVP, 43 oficiais, 490 praças - total: 533
 - 16º BVP, 43 oficiais, 413 praças - total: 456
 - 8ª Bda - Cel José Silveira
 - 8º BI, 19 oficiais, 499 praças - total: 518
 - 16º BI, 33 oficiais, 535 praças - total: 568
 - 10º BVP, 33 oficiais, 535 praças - total: 568
- Total geral: 4.428 homens.

Constituiu a 3ª DI a tropa de vanguarda, de Itapirú até Tuiutí, com a finalidade de reconhecimento do terreno à frente. E foi acompanhada pelos presidentes Bartolomeu Mitre da Argentina e Venâncio Flores do Uruguai, mais o General Osório e dois batalhões orientais e uma bateria brasileira. Esta situação perdurou até 20 de abril.

Constituiu-se no ponto-chave da defesa aliada em Tuiutí, em 24 de maio de 1866, e foi o fator decisivo para a vitória. Ali atuou com a seguinte composição:

3ª Divisão - General Sampaio .5ª Bda - Cel Oliveira Belo ,

6º BI-TC Antonio Silva Paranhos 3º BI - TC Frederico de Mesquita e

4º BI- TC Pereira Carvalho-o Batalhão do Brigadeiro Sampaio.

4º BVP- Dr Pinheiro Guimarães (Foi ferido), 7ª Brigada Cel Machado Bitencourt;

1º BI-Major Guimarães Peixoto, O atual o Batalhão Sampaio

6º BVP- Major Agnelo Valente, 9º BVP TC Oliveira Belo

11º BVP -Major Cavalcanti Albuquerque

**O 9º BATALHÃO DE INFANTARIA MOTORIZADO, O BATALHÃO TUIUTI EM
PELOTAS FOI O BATALHÃO DO BRIGADEIRO ANTONIO DE SAMPAIO**

A 8ª Companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros proveniente de Pernambuco e

baseado em Jaguarão. foi destacada ao comando do Capitão Antônio de Sampaio, hoje consagrado patrono da Arma de Infantaria, no fim da Revolução Farroupilha para Canguçu, considerado por Chico Pedro ou Moringue futuro Barão de Jacui que ali esteve no comando da Ala Esquerda do Exército Pacificador do Barão de Caxias. E com a missão de consolidar a pacificação da Revolução Farroupilha em Piratini ex capital Farroupilha e demais municípios da Serras do Sudeste. Sampaio aquartelou com sua 4ª Cia de Infantaria na sede da vila de Canguçu do então distrito de Piratini, por cerca de 4 anos como sua Base de Operações. Isto, por ser considerado Canguçu, segundo o grande guerrilheiro imperial Ten Cel da Guarda Nacional Francisco Pedro de Abreu, o Moringue, que ali estivera baseado de agosto 1843/fev de 1845, “ como o distrito de Piratini de mais perigo e mais farrapo”.

E assim, em Canguçu foi presença pioneira na área, do hoje 9º Batalhão de Infantaria Motorizado – o Regimento de Tuiuti, que tem como raiz histórica o citado 4º Batalhão de Fuzileiros. Unidade esta intimamente ligada à história do Patrono da Infantaria que a comandou, a integrou a sua Brigada na conquista de Paissandu e, por fim, em sua Divisão Encouraçada, na Batalha de Tuiuti o onde como 4º Batalhão de Infantaria atuou na sua Vanguarda sendo apelidado de O Vanguardeiro. Esta é a origem do nome Regimento Tuiuti.

História do 4º Batalhão de Fuzileiros que passo a interpretar com apoio em estudos do historiador Cel Paulo Rocha Paiva, que buscou apoio em sua interpretação nos historiadores militares Cel Jonathas do Rego Monteiro e o General Paulo Queiroz Duarte. Apoio igualmente em informações dos falecidos historiadores do Regimento Tuiuti Major Ângelo Pires Moreira e Heloisa Assunção do Nascimento. E mais de nosso colega de Turma Antônio Alberto da Silva Lisboa que escreveu história inédita do Regimento, cujo exemplar único havia deixado com o comandante da unidade e cujo destino ele não soube informar.

Interpretação que traduzimos sinteticamente em 2001 no livro **8º Brigada de Infantaria Motorizada**, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis as p.134/137, nas quais retifico que Sampaio não combateu a Revolução Farroupilha. E, sim, que de 1845/49 participou de sua consolidação, a partir de sua base de operações em Canguçu

O 4º Batalhão de Fuzileiros foi organizado em Recife Pernambuco em 1842. E em 1845 foi destacado no Rio Grande do Sul, tendo aquartelado em Jaguarão integrando a 2ª Brigada ao comando do Cel Manoel Marques de Souza, 3º, o futuro Conde de Porto Alegre, neto homônimo do Marechal de Campo Manoel Marques de Souza 1º, o patrono da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada de Pelotas.

Personagem riograndina cuja história abordamos em parceria com o Cel Luis Ernani Caminha Giorgis na reedição ampliada do livro **Conde de Porto Alegre**

bicentenário 2004. Porto Alegre: Genesis, 2005, cujas abas são de autoria de sua descendente, jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, acadêmica da AHIMTB-RS, ocupante da cadeira Conde de Porto Alegre.

A 8ª Companhia do 4º Batalhão de Fuzileiros foi destacada em Canguçu então distrito de Piratini, pelo Cel Manoel Marques de Souza 3º ao comando do capitão Antônio de Sampaio e com a concordância do Barão de Caxias, para consolidar a pacificação nas serras do Sudeste, E em Canguçu. o Capitão Sampaio permaneceu por cerca de 4 anos e ali conheceu sua esposa Julia dos Santos Miranda, com quem casaria em Jaguarão, pelo padre João Temudo Cabral Dinis que casara os pais de Julia, em Canguçu quando foi dali pároco em 1818/1819.

Consolidada a Pacificada a Revolução, o 4º Batalhão de Fuzileiros retornou a Pernambuco para a pacificação da Revolução Praieira 1849/50 .

E o citado Batalhão retornou ao Rio Grande, no qual foi incluído pela Ordem do Dia nº 65 de 26 de julho de 1852, e o Capitão Antônio de Sampaio foi promovido a Major por merecimento, três dias depois. E a partir de 1854 passou a exercer o comando interino do 4º Batalhão de Fuzileiros, tendo inclusive no seu comando integrado a Divisão Auxiliadora. E permaneceu no seu comando até a sua promoção a Ten. Cel por Decreto de 2 de dezembro de 1855.

Segundo o historiador Cel Paulo Rocha Paiva com base na sua obra; Estudo sobre a Organização dos Corpos de Tropas, as paginas 65, 66 e 24, que abordaram a visualização até 1934 do 4º Batalhão de Fuzileiros , a partir do Batalhão Provisório de Pernambuco em 1839.

Este Batalhão retornou a Pernambuco e em maio de 1864 integrou a Brigada de Comando do Cel Antonio de Sampaio.

Promovido Sampaio a Brigadeiro, o 4º B. Fz da Brigada de Sampaio integrou a sua Divisão e foi a Vanguarda da Divisão na Batalha, de Tuiuti de 24 de maio de 1866.

Em 1908 o 4º Batalhão de Fuzileiros já intimamente ligado a vida de Sampaio, contribuiu para formação do 9º Regimento de Infantaria em Pelotas.

9º Regimento de Infantaria que em 1972 foi transformado em 9º Batalhão de Infantaria Motorizado. E, em razão do 9º Batalhão de Infantaria descender do heróico 4º Batalhão de Fuzileiros, recebeu a denominação histórica justíssima de Batalhão Tuiuti, Circunstância que o liga mais a vida e obra do Patrono da Infantaria que o próprio Regimento Sampaio, ao assim ser denominado por ser a mais antiga unidade de Infantaria do Exército. O qual carrega em suas tradições a de ser a única unidade brasileira que participou de operações de guerras transcontinentais: .A Libertação de Angola em 1648 do domínio holandês e sua

participação na FEB, onde teve a seu cargo o papel principal na conquista de Monte Castelo. E dentre os 21 gaúchos mortos na FEB, 2 foram soldados do Regimento Tuiuti e filhos de Canguçu, honrando a terra onde o Regimento Tuiuti, historicamente contatou antes de aquartelar em Pelotas .

Em conseqüência, a 8ª Cia do 4º B.Fz. que esteve em Canguçu em 1845/49, por transformações, fusões e denominações sucessivas, liga-se intimamente ao Batalhão Tuiuti, no qual diversas gerações de canguçuenses tem nele prestado Serviço Militar. E inclusive o autor esteve nele aquartelado em 1950 e início de 1951, durante 13 meses, como soldado e cabo, participando das atividades do Regimento, formaturas matinais, guarda do quartel e juramento a Bandeira sua caserna, quando prestou o Serviço Militar Obrigatório, na então 3ª Companhia de Comunicações proveniente de Fortaleza. onde Sampaio iniciara sua vida militar, na Fortaleza, hoje sede da 10ª Região Militar a frente da qual repousam seus restos mortais .

Trabalhos do autor publicados sobre o Brigadeiro Antônio Sampaio

BENTO, Claudio Moreira. **Brigadeiro Antonio de Sampaio - o patrono da Infantaria. “O bravo dos bravos da Batalha de Tuiuti”** (Bicentenário). Barra Mansa: AHIMTB/Drumond, 2010.

_____. Brigadeiro Antônio de Sampaio - Tradição e Disciplina. Fortaleza: **Universidade Federal do Ceará**, 1971 (Por solicitação do comando da PMCE).

_____. O brigadeiro Antônio de Sampaio na Guerra do Paraguai. In: Informativo **O GAÚCHO** nº 91 do IHTRGS.

_____. O Brigadeiro Antônio de Sampaio e Canguçu. In: **Diário Popular**, Pelotas, 14 fev 1971.

_____. Um sertanejo, um dos maiores generais do Brasil. In: **Revista Itaytera**, Crato-CE, nº 15, 1971, p.111/118.

_____. Brigadeiro Antônio de Sampaio - o Patrono da Infantaria. In: **Correio Braziliense**, Brasília, 24 mai 1972.

_____. Um sertanejo, um dos maiores generais do Brasil. In: **Boletim da Agencia Nacional**, 23 mai 1971.

_____. Dia de Antônio Sampaio, o Patrono da Infantaria. In: **Correio Braziliense**. 24 de Maio de 1972.

_____. O Ceará homenageia o Brigadeiro Antônio de Sampaio. In: **Correio Braziliense**. 28 junho 1973,

_____. O Brigadeiro Antônio de Sampaio na Guerra do Paraguai (Disponível em Artigos no site www.ahimtb.org.br).

_____. Bicentenário do Brigadeiro Sampaio (Disponível em Artigos no site www.ahimtb.org.br).

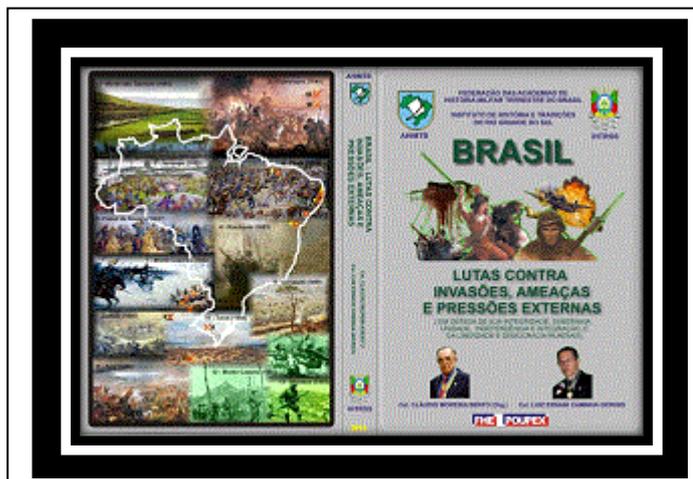
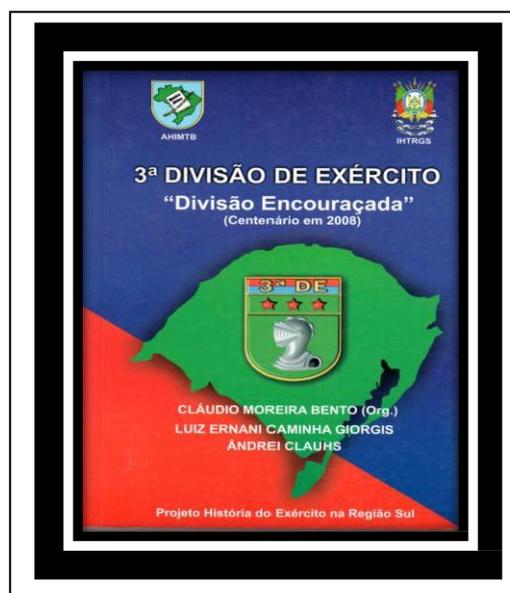
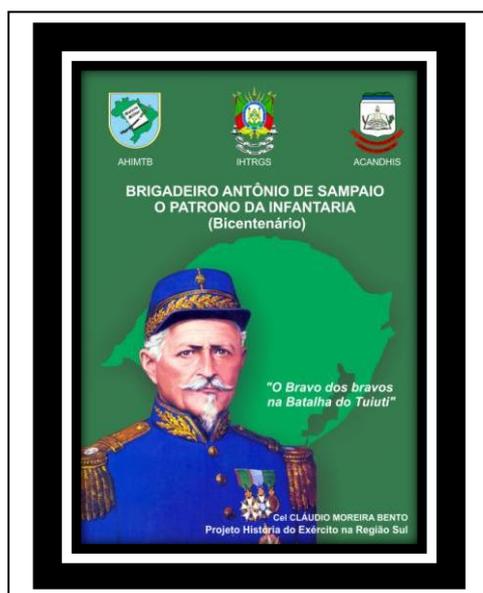
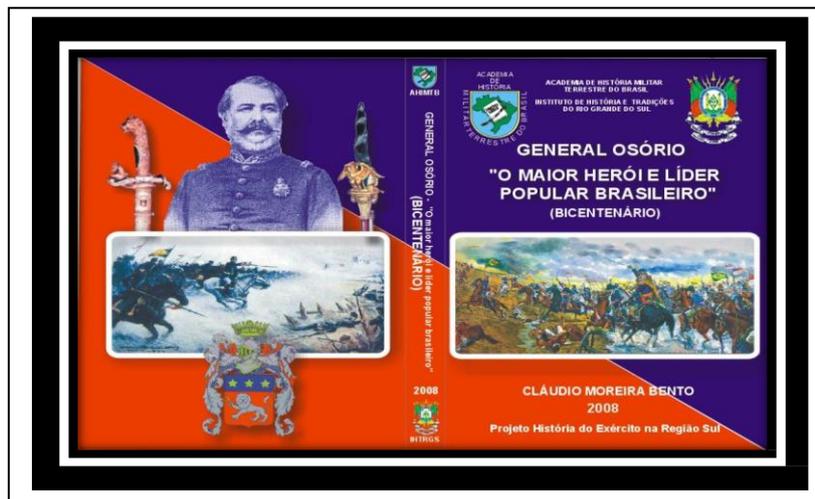
_____. O Brigadeiro Antônio de Sampaio o Patrono da Infantaria. In: **Revista da Sociedade de Amigos da 2ª Divisão de Exército**. (SASDE). nº 70, Edição Especial, 2000.

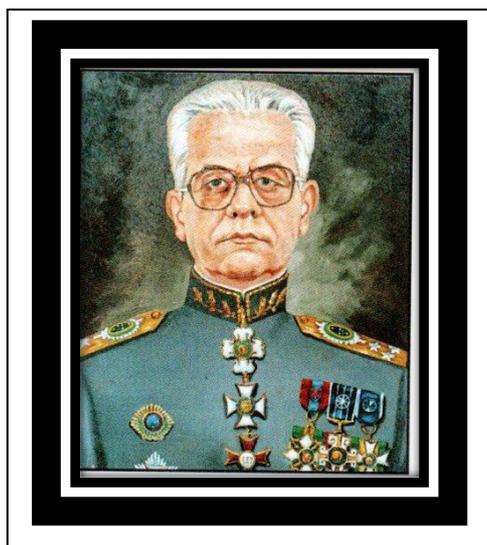
_____. A 8ª Cia do Batalhão de Infantaria em Canguçu-RS ao comando do Capitão Antônio de Sampaio. In: Informativo **O Guararapes** da AHIMTB, Resende, 10 set, 2010.

_____. Artigos sobre O Brigadeiro Antônio de Sampaio. In: **Brigadeiro Antônio de Sampaio – o patrono da Infantaria - bicentenário**. Resende: AHIMTB/IHTRGS/ACANDHIS, 2010, p. 86/87.

_____.Palestra e lançamento na AMAN no Curso de Infantaria do seu livro Brigadeiro Antônio de Sampaio 200 anos. In: Informativo O Guararapes nº Especial.mai 2010. (Disponível em Informativo no site www.ahimtb.org.br).

Obras do autor e parceiros do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul idealizado pelo Gen Div João Carlos Rota comandante da 3ª Região Militar





Gen Div João Carlos Rotta

Comandante da 3ª RM 20 Abril 1993-19 de Abril de 1995

Ao General João Carlos Rotta, o Comando Militar do Sul esta muito a dever sua iniciativa de criar o Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, cuja execução foi a nos confiada. Projeto constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ª edição e 3 em 2ª edição. Projeto em que contamos com a parceria dos seguintes historiadores militares Coronéis Luiz Ernani Caminha Giorgis, Mario José de Menezes, Ernesto Caruso, Major Andrei Clauhs, Sub Ten Osório Santana Figueiredo e Sargento Carlos Fonttes. Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul que confere ao Comando Militar do Sul, ser o único Comando Militar com a sua História detalhadamente escrita em sua área de jurisdição no Rio Grande do Sul. Livros disponíveis para serem baixados, em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br, criado e administrado pelo Capitão de Mar-e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, atualmente professor de Navegação na Escola Naval.